

**Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Mestrado**

Vera Helena Picolo Ceccarello

**A ALEGORIA DO DUALISMO BRASILEIRO NA OBRA “DOIS IRMÃOS”
DE MILTON HATOUM**

Orientado: Prof.Dr. Marcelo Siqueira Ridenti

**Campinas, SP.
Junho, 2011.**

Unidade BCC L
T/UNICAMP

Cutter C322a
V. Ed.
Tombo BC 92360
Proc. 16P-130-11
C D Y
Preço 11,00
Data 24/09/11
Cód. tit. 802601

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CECÍLIA NICOLAU – CRB8/3387 – BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

C322a Ceccarello, Vera Helena Picolo, 1984-
A alegoria do dualismo na obra “Dois irmãos” de Milton Hatoum / Vera Helena Picolo Ceccarello. - - Campinas, SP : [s. n.], 2011.

Orientador: Marcelo Siqueira Ridenti.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Hatoum, Milton, 1952- 2. Dualismo. 3. Literatura e sociedade. 4. Regionalismo. I. Ridenti, Marcelo Siqueira, 1959- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informação para Biblioteca Digital

Título em Inglês: The allegory of Brazilian dualism in “Dois irmãos” of Milton Hatoum

Palavras-chave em inglês:

Dualism
Literature and society
Regionalism

Área de concentração: Sociologia

Críticas: "Não constar área de concentração"

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora:

Marcelo Siqueira Ridenti [Orientador]
Eliana Maria de Melo e Souza
Tânia Pellegrini

[Assinatura]
Mestr. 28720-1
Coordenador da Comissão de Pós-Graduação
IFCH - UNICAMP

Data da defesa: 13-06-2011

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Vera Helena Pícolo Ceccarello

**A ALEGORIA DO DUALISMO BRASILEIRO NA OBRA
“DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 13/06/2011.

BANCA

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti (orientador)



Prof. Dra. Eliana Maria de Melo Souza – Unesp/Araraquara (titular)



Prof. Dra. Tânia Pellegrini – UFSCar (titular)



Prof. Dra. Elide Rugai Bastos – IFCH/Unicamp (suplente)

Prof. Dr. Fernando Lourenço – IFCH/Unicamp (suplente)

Junho, 2011.

Agradecimentos

Essa pesquisa só pôde se realizar graças ao auxílio e ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Agradeço à Christina, atenciosa secretária do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, cujos intermédios foram fundamentais para o processo de construção desse trabalho.

Aos professores e alunos do Projeto Temático "Formação do Campo Intelectual e da Indústria Cultural no Brasil Contemporâneo", da USP, pelos encontros sempre inquietantes.

Especialmente ao professor e orientador, Marcelo Siqueira Ridenti. Apesar do pouco tempo que nos conhecemos, sempre colaborou muito para o enriquecimento deste trabalho, através das discussões, referências, leituras e participações conjuntas em grupos de estudos. Ao Marcelo, meus sinceros agradecimentos pela atenção, pela confiança e pelas trocas sempre gratificantes.

À professora e amiga Eliana Maria de Melo e Souza, os agradecimentos, por mais sinceros e ainda que gastassem muita tinta no papel, não seriam suficientes. Desde o início do trabalho, ou antes ainda, desde as aulas ministradas em Araraquara, Eliana sempre esteve presente de uma maneira ou de outra, provocando, incentivando ou aplacando minhas intermináveis dúvidas.

Gostaria também de manifestar apreço e gratidão a alguns professores que fizeram parte da minha trajetória: à Maria Orlanda Pinassi, por ter acompanhado os primeiros passos na vida acadêmica e por ter sugerido um tal escritor amazonense; à Tânia Pellegrini, por ter sido fundamental na fase inicial deste trabalho através sugestões e discussões profícuas e também por ter aceitado ser parte da banca de defesa; à Elide Rugai Bastos, não apenas por ter estado presente na qualificação com considerações muito pertinentes para os rumos deste trabalho, mas pelo belo exemplo de intelectual. Além delas, aos caros professores Plínio de Arruda Sampaio Júnior, Fernando Lourenço, Antonio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman, cujas disciplinas ministradas foram fundamentais para a pesquisa.

Aos amigos e companheiros que fizeram minha estadia em Campinas intensamente leve: Bruno de Castro Rubiatti, pelos tantos anos de amizade, pela força e pela afinada

ironia; Daniela Vieira dos Santos pelas muitas viagens, pelas conversas e pelos conselhos; Luciana Aliaga pelas risadas e pelo apoio sempre sincero; Daniele Motta, pelo bate-bola com e sem Florestan; Lelê Del'Arco e Thaís Otanari pela atenciosa ternura e pelos encontros sempre prazerosos; Mariana Ruggieri, pelas deliciosas interlocuções; Vinebaldo Aleixo, pelas trocas, pelas crises e pela literatura; agradeço também a presença marcante de Hélio Ázara, Débora Lima, Lívya Moraes, Francini Hirata, Paula Hipólito, Renata Zambelli, Letícia Lima e Daniel Furtado.

Às sempre amigas-irmãs Tatiana de Lourdes Massaro e Fabiana Paola Mazzo pelo que construímos ao longo dos anos, pela comunhão de idéias e pelas conversas mais do que inspiradoras.

À minha família do coração, pelas afinidades e pelos acasos bons e gratificantes: Lígia Rufine Nolasco, pela seriedade serelepe e cativante; Maria Carolina Schllitler, por ser meu porto seguro e a saudade que não gosto de ter; Elaine dos Santos, pela sagacidade e pela força invejável; e Julia Batschauer, por fazer da vida mais leve e vivível. Não tenho nem palavras nem lágrimas para dizer o que vocês representam e o quanto foram importantes para o término deste trabalho, com conversas, colo e carinho.

Ao André e ao Caio, pela preocupação e pela proteção que só dois grandes irmãos podem oferecer; às cunhadas Andressa e Maira, pela companhia, pelas conversas e pelas acolhidas.

À alegria dos meus sobrinhos Pedro Henrique, João Vítor e Miguel, pelos olhos curiosos, pelas perguntas desconcertantes, pela descoberta das pequenas coisas, por me fazerem acreditar num mundo mais justo, mais sincero, mais honesto e mais compreensivo. Vocês são a inspiração de hoje e de sempre, por sintetizarem o que de mais complexo e profundo existe no gesto mais simples.

Aos meus pais, Valter e Vera, pelo apoio e confiança que sempre depositaram na carreira duvidosa de uma cientista social. Sempre dando força para não esmorecer, sempre incentivando para não desistir. Compreenderam como poucos os percalços de uma carreira acadêmica e apoiaram incondicionalmente o meu trabalho.

À Fernanda, querida companheira de todas as horas. Esteve do meu lado, literalmente, quando li as primeiras linhas desse romance especial. Sempre participou dos momentos mais árduos e também dos mais inebriantes; das insônias e dos *insights*. Agradeço imensamente a você por dar sentido e beleza a todas as coisas.

*“Eu estava esparramado na rede
jeca urbanóide de papo pro ar
me bateu a pergunta, meio à esmo:
na verdade, o Brasil o que será?
O Brasil é o homem que tem sede
ou quem vive da seca do sertão?
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo
o que vai é o que vem na contra-mão?
[...]
O Brasil é o que tem talher de prata
ou aquele que só come com a mão?
Ou será que o Brasil é o que não come
o Brasil gordo na contradição?
O Brasil que bate tambor de lata
ou que bate carteira na estação?
O Brasil é o lixo que consome
ou tem nele o maná da criação?
[...]
O Brasil encharcado, palafita?
Seco açude sangrado, chapadão?
Ou será que é uma Avenida Paulista?
Qual a cara da cara da nação?
[...]”*
(Celso Viáfora)

RESUMO

Esta pesquisa analisa relações existentes entre a literatura brasileira e seu contexto histórico, a partir da obra **Dois irmãos**, de Milton Hatoum, importante escritor contemporâneo. Especialmente no século XX, início do romance, a sociedade brasileira sofreu um processo de industrialização que, aparentemente, separou o Brasil em regiões modernas e atrasadas, dando origem ao assim chamado dualismo brasileiro. A trajetória dos irmãos Yaqub e Omar, oriundos de uma família libanesa em Manaus, exemplifica, de maneira singular, a alegoria do dualismo brasileiro e do desenvolvimento desigual, especialmente a partir da década de 1950. O romance é narrado por Nael, filho da empregada da casa com um dos gêmeos, que reconstrói a história daquela família a partir de suas memórias. Assim, através da mencionada obra de Hatoum propõe-se uma análise da sociedade brasileira a partir de suas características e contradições.

Palavras-chave: Milton Hatoum; Dualismo; Literatura e Sociedade; Regionalismo.

ABSTRACT

This research examines the relationships between the Brazilian literature and its historical context, from the book **Dois irmãos**, by Milton Hatoum, an important contemporary writer. Especially in the twentieth century, beginning of the novel, Brazilian society started a process of industrialization which apparently broke the country in modern and archaic regions, giving rise to the Brazilian dualism. The trajectory of the twin brothers Yaqub and Omar, from a Lebanese family in Manaus, exemplifies the allegory of Brazilian dualism and uneven development, especially since the 1950s. The novel is narrated by Nael, son of the servant of the house with one of the brothers, which reconstructs the history of that family from their memories. Through this Hatoum's novel this work proposes an analysis of Brazilian society from its characteristics and contradictions.

Keywords: Milton Hatoum; Dualism; Literature and Society; Regionalism.

Sumário

| | |
|--|------------|
| Introdução | 9 |
| Capítulo 1: Literatura e Sociedade | 15 |
| 1.1. Internos e externos ou toda mimese é uma forma de poiese | 17 |
| 1.2. Na periferia da periferia: literatura e subdesenvolvimento | 28 |
| 1.3. Às margens do rio Negro: Milton Hatoum e a realidade da região..... | 47 |
| Capítulo 2: Dual e combinado | 65 |
| 2.1. Dois irmãos em Manaus: a história de uma decadência | 67 |
| 2.2. O dualismo brasileiro: reprodução desigual em latitude invertida | 79 |
| 2.3. Yaqub, Omar e o sentimento dos contrários..... | 99 |
| Capítulo 3: Nael, o narrador | 111 |
| 3.1. Notas sobre o papel do narrador na literatura | 113 |
| 3.2. Nael, testemunho(a) e memória | 124 |
| 3.3. A alegoria e o anagrama | 140 |
| Considerações finais | 157 |
| Referências bibliográficas..... | 167 |

Introdução

Manaus, Natal de 1949. Na ceia, a família de libaneses está reunida para as comemorações e um dos filhos, à época um jovem que acabara os estudos secundários, comunica à família que iria deixar a cidade para estudar em São Paulo, causando grande espanto em todos. Trata-se de uma passagem contida no romance **Dois irmãos**, de Milton Hatoum, publicado no ano de 2000. Tal passagem revela um momento importante do romance, que se relaciona a aspectos relevantes para o desenvolvimento da trama.

O primeiro elemento a se considerar é que o irmão que vai embora, Yaqub, tem um conflito intenso com seu irmão gêmeo, Omar. Os dois já haviam sido separados antes por decisão dos pais, mas agora é o próprio Yaqub quem decide sair da cidade. Os gêmeos, idênticos fisicamente, são de personalidade e temperamento diversos, o que se aprofunda com a partida de um deles. Outro elemento diz respeito à própria condição econômica e social das cidades de Manaus e São Paulo. A capital amazônica passava por um período crítico de sua história, pois já não colhia mais os louros da *belle époque* da borracha e ainda não tinha o parque industrial, advindo da implantação da Zona Franca. Portanto, era um momento de decadência e estagnação, fazendo com que as possibilidades de ascensão social fossem limitadas; ou seja, uma cidade situada na periferia da periferia do capital, assim como a maioria das cidades brasileiras, ficando aquém dos interesses mais imediatos do desenvolvimento capitalista. O contrário disso ocorria em São Paulo e na região sudeste: a partir da década de 1950, houve um esforço desenvolvimentista para que o Brasil pudesse sair de sua condição subdesenvolvida, melhorando as bases estruturais e possibilitando a modernização, o aumento da população urbana, o crescimento industrial, a migração, as reformas urbanas, além de significativas mudanças culturais.

Há, pois, aqui, um cenário delineado no qual o desenrolar da trama de Hatoum tocará. A diferença tão marcante entre uma cidade e outra pode ser entendida dentro de um debate fecundo nas ciências sociais: o dualismo. A dualidade se constitui como uma experiência social e intelectual no Brasil, já que desde a formação nacional as diferenças

internas foram objeto de análise, tanto da literatura quanto da sociologia. Um claro exemplo é a ênfase dada aos aspectos regionais por parte da literatura como uma constante desde o romantismo.

Se o curso histórico havia desenvolvido uma região mais do que outra, a partir da década de 1950, isso se intensifica significativamente. Daí o questionamento: como aspirar a ser uma nação desenvolvida se parte de suas regiões está em completo atraso? A partir de então, o debate se deu em torno das possibilidades de superação do atraso para que o Brasil se tornasse, enfim, um país desenvolvido. A discussão sobre o dualismo vem desde a denúncia de Euclides da Cunha, passando por Jacques Lambert, e ganha notoriedade a partir das análises da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tais teorias serão revistas e contrapostas nas décadas seguintes, especialmente com Florestan Fernandes, Caio Prado Júnior e os teóricos da dependência.

Assim, através da obra de Milton Hatoum – que pode ser considerada uma das mais importantes da literatura contemporânea no Brasil – a ideia deste trabalho é tratar de forma unificada o conteúdo romanesco com a dinâmica da sociedade, ou seja, estabelecer relações entre a trajetória dos gêmeos e o desenvolvimento brasileiro. A análise sobre literatura e sociedade não consiste apenas em elencar e apontar aspectos presentes no texto e no contexto. Partindo do real, a literatura, através da estilização formal, combina determinados elementos em uma obra literária, criando uma totalidade própria com condicionantes próprios. Elementos que antes eram externos e sociais passam a ser constituintes da narrativa e, portanto, internos, através da mediação da forma literária. O ponto central para a discussão dos liames entre literatura e sociedade é entender como os elementos históricos e sociais passam a fazer parte da estrutura narrativa. Isso deve ser analisado de acordo com o funcionamento interno de cada obra, não havendo uma prévia definição.

Outro aspecto relevante para a compreensão do romance se refere ao narrador, Nael. Ele é filho da empregada da casa – a índia Domingas – com um dos gêmeos, mas

nunca foi considerado membro da família. Nael remonta os fios da história decadente daquela família, tanto como observador, quanto como participante. Seu olhar é fronteiriço, um pertencimento que não se completou, em parte por causa do sentimento de exclusão e também porque nunca soube a identidade verdadeira de seu pai, sendo essa dúvida uma das molas propulsoras do romance e que se desenvolve ao longo da narrativa.

Ao analisar a obra **Dois irmãos** de Milton Hatoum, concomitante à análise sociológica, busca-se compreender o contexto de desenvolvimento do romance, suas peculiaridades históricas e sua influência no desenrolar dos acontecimentos e na vida dos personagens. A alegoria do dualismo funciona como uma forma de representação do processo de desenvolvimento das regiões brasileiras através dos gêmeos Yaqub e Omar.

Tal romance de Milton Hatoum pode ser compreendido como sendo parte integrante de linhagens brasileiras, ou seja, temas caros ao pensamento e à literatura, desde o processo de formação social até os dias atuais. O regionalismo pode ser considerado uma dessas linhagens, já que a discussão acerca das diferenças regionais e a maneira pela qual a literatura lidou com essas querelas pautaram a discussão, gerando inúmeras controvérsias. A obra de Milton Hatoum reacende o debate, uma vez que seus romances se desenvolvem na região norte do país. A necessária problematização do termo regionalismo e de suas conseqüências estéticas e ideológicas implica em historicizar um debate importante para a sociedade brasileira. Por isso, como contrapartida teórica, o conceito de realismo será discutido para tentar melhor compreender a obra de Hatoum. O realismo, surgido no século XIX sofreu significativas mudanças ao longo do tempo e dos diferentes contextos históricos. Porém, manteve a mesma perspectiva de olhar para a realidade e captar suas transformações sociais ao longo da história.

A realidade das diferenças regionais brasileiras leva à linhagem do dualismo. Desde o Brasil colônia, a sensação de uma separação entre dois mundos, duas realidades e duas culturas se colocou no centro do pensamento. A característica de nação subdesenvolvida reforçou internamente uma cisão que insistia em persistir. Apesar de romper com uma noção de país homogêneo, o dualismo passou a ser um lugar comum,

uma chave interpretativa utilizada por muitos intelectuais brasileiros, independente de suas concepções políticas e ideológicas, se transformando em uma espécie de experiência intelectual coletiva. No século XX, com a agudização do processo de desenvolvimento e de modernização, o chamado dualismo existente com relação às regiões atrasadas e modernas parece ganhar força intelectual e política. Através do romance **Dois irmãos**, pretende-se questionar a perspectiva dualista, partindo do conflito entre os gêmeos Yaqub e Omar. A relação entre eles, aparentemente oposta e separada, na verdade pode ser compreendida como sendo uma relação direta e interdependente, assim como as regiões brasileiras. Os irmãos avultam, portanto, novamente a questão dos duplos, tanto no pensamento social brasileiro como também na literatura como um todo.

Um tema central para a obra de Hatoum é a questão da memória. Seus personagens, especialmente os narradores, utilizam a memória como matéria prima da escrita. O mergulho no passado e nas lembranças revela rancores, ressentimentos e melancolias que pareciam ter se esquecido no tempo. Porém, a literatura memorialística no Brasil teve um solo fecundo, como por exemplo em Machado de Assis, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Raduan Nassar, podendo ser entendida como mais uma linhagem. Hatoum segue a tendência das obras memorialísticas ou que fingem ser de memória, ou seja, ficção memorialística em primeira pessoa. Nael, narrador do romance **Dois irmãos**, é o detentor de um discurso e de uma história que são suas, mas que também são dos outros. Essa fronteira entre ser o narrador de uma história em que se está praticamente à margem dos acontecimentos, irá definir o caráter do narrador e sua forma de conceber o romance.

Sobre os capítulos

A ideia geral, ao dividir os capítulos, foi não separar os aspectos sociológicos dos literários, mas relacioná-los conjuntamente. O primeiro capítulo irá tratar dos aspectos

tangentes à discussão entre literatura e sociedade. Num primeiro momento, essa análise será feita através de um recorte metodológico de conceitos teóricos, buscando explorar temas como a totalidade interna da obra, a verossimilhança, os aspectos externos conjuntamente aos internos e assim por diante. Posteriormente, essa discussão será levada a um contexto específico brasileiro: o subdesenvolvimento e a ênfase dos aspectos regionais na literatura ao longo da história. Milton Hatoum pode ser inserido neste debate, já que a ambientação e as particularidades do norte do país são afluídas nos seus romances, revelando uma região pouco conhecida do Brasil.

O segundo capítulo tem início a partir do romance **Dois irmãos**, apresentando os personagens e revelando a trajetória daquela família até seu esfacelamento. Além disso, será feito um breve histórico da cidade de Manaus, focando especificamente as transformações do ambiente urbano propiciadas pela ampliação do ciclo da borracha, para que se compreenda em qual momento da história manauara se dá a narrativa. A decadência da Manaus de **Dois irmãos** é concomitante ao período de crescimento da sociedade brasileira, a partir da década de 1950. Por isso, a intelectualidade, ou ao menos alguns setores representativos dela, interpretaram a diversidade nacional como um dualismo a ser superado. Essa aparente dualidade, se inserida num debate mais amplo que se remeta à ampliação do capital internacional no século XX, oferece um outro aspecto a se vislumbrar, demonstrando uma lógica em que as regiões ditas atrasadas e modernas fazem parte de um mesmo sistema de manutenção e de funcionamento do capitalismo nos países periféricos. Para sustentar essa análise, a obra de Florestan Fernandes será o apoio para demonstrar que a aparência da realidade brasileira envolve questões mais profundas, dada a condição de nação colonizada e dependente. A discussão acerca das diferentes regiões poderá ser entendida no romance através do conflito existente entre os gêmeos Yaqub e Omar. Por isso, o conflito entre os irmãos e sua forma de representação no romance também será objeto de análise.

O terceiro e último capítulo será sobre o narrador Nael. O narrador na literatura contemporânea assume um papel diverso do que já assumiu em outras formas literárias.

Além disso, Nael tem uma função de unir diversos pontos da narrativa, não apenas as histórias perenes em sua memória. Para além disso, Nael funciona como um elo em termos da narratividade, ou seja, internamente, mas também socialmente, como agregado e bastardo. Vale salientar que no caso do romance **Dois irmãos** trata-se de um livro dentro de outro livro, ou seja, Nael não é apenas narrador, como também escritor.

CAPÍTULO 1: Literatura e sociedade

“No sentido da poesia épica, a existência é um mar. Não há nada mais épico que o mar. Naturalmente, podemos relacionar-nos com o mar de diferentes formas. Podemos, por exemplo, deitar na praia, ouvir as ondas ou colher os moluscos arremessados na areia. É o que faz o poeta épico. Mas também podemos percorrer o mar. Com muitos objetivos, e sem objetivo nenhum. Podemos fazer uma travessia marítima e cruzar o oceano, sem terra à vista, vendo unicamente o céu e o mar. É o que faz o romancista. Ele é o mudo, o solitário. [...] Escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo.”

(Walter Benjamin)

1.1. Internos e externos ou toda mimese é uma forma de poiese

O papel que a realidade social desempenha dentro uma obra literária sempre pautou o debate nos estudos sobre o tema. Especificar quais os limites e as reais contribuições do processo social para a análise em literatura é um ponto de partida fundamental nos estudos sobre literatura e sociedade. De que maneira a obra depende do seu contexto histórico? Há uma relação direta entre esses dois elementos ou ambos fazem parte de um processo amplo de construção artística cuja dissociação seria impossível? É possível sobrepor uma à outra?

Cabe aqui explicitar qual a relação que existe entre forma literária e processo social e de que maneira se combinam e se interpõem como um processo complexo de elaboração artística. Por isso, a relação entre literatura e sociedade deve ser vista de forma a não haver a prevalência de nenhum dos elementos para a análise. A compreensão dessa relação mostra, como resultado, uma obra literária que é fruto, justamente, desses elementos combinados.

A dúvida existente na relação entre sociologia e literatura orientou inúmeros autores ao longo da história, bem como fez surgir uma série de métodos e possibilidades de análise, variando de acordo com as intenções e propósitos ideológicos e estéticos de cada um deles. A vertente mais “tradicional” surgiu com Taine, no século XVIII, cuja proposta era relacionar a literatura a um período ou um gênero específico existente em determinadas condições sociais. Sua maior virtude consiste no “esforço de discernir uma ordem geral, um arranjo, que facilita o entendimento das seqüências históricas e traça o panorama das épocas.”¹. Porém, acaba recaindo num certo tipo de paralelismo determinista, analisando um e outro, que não mostra, efetivamente, a vinculação existente entre a obra e o contexto social.

¹ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p.19. O maior expoente dessa vertente no Brasil foi Sílvia Romero.

Há também estudos que propõem verificar se a literatura espelha ou representa a realidade, através da descrição de seus aspectos. Quando se fala em crítica sociológica ou sociologia da literatura, essa é a modalidade mais comum que visa estabelecer correlações entre o que aparece na obra com os fatos reais, tendendo mais à sociologia do que à crítica literária. Afora isso, outros estudos sociológicos buscaram analisar as relações entre obra e público, sobre a função social do escritor, função política e ideológica das obras, enfim, a sociologia buscou compreender, sob vários aspectos, fatores e influências em dada obra num certo contexto social.

Partindo desses pressupostos, Antonio Candido estabelece uma diferenciação de interesse entre o sociólogo ou o historiador para o crítico literário. No primeiro caso, há um “deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para sua função na sociedade.”² Já com relação ao crítico literário, tais aspectos sociais podem ser tanto irrelevantes como secundários, tendo somente validade se “forem considerados segundo a função que exercem na economia interna da obra, para a qual podem ter contribuído de maneira tão remota que se tornam dispensáveis para esclarecer os casos concretos.”³

Luiz Costa Lima também estabelece uma diferenciação entre sociologia da literatura e análise sociológica do texto literário. Para ele, apesar de ambas buscarem entender as condições de transformação do fato literário em social, a sociologia da literatura leva menos em consideração os aspectos estéticos e, além disso, ao tomar a obra apenas como um documento do que se passa na sociedade, faz com que o texto se aponte para fora de si⁴.

² CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p.21.

³ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p.21.

⁴ No caso deste trabalho, trata-se de um estudo na área de sociologia, e por isso, os aspectos históricos e sociais serão levados em consideração nas análises posteriores. Porém, haverá o devido cuidado de não tratar a literatura como mero instrumento representativo da sociedade. Mais importante do que isso é estabelecer as relações intrínsecas entre a literatura e a sociedade de maneira a mostrar como os aspectos sociais atuam e interferem na obra, enriquecendo a análise literária e ajudando a melhor compreender o contexto social.

Enquanto a sociologia da literatura procura desentranhar as condições sociais que presidem o reconhecimento de um discurso como literário, acentuando inclusive as condições que presidem o estabelecimento do próprio conceito de literatura, a análise sociológica do discurso literário busca estabelecer o que, dentro dessas coordenadas, dá especificidade a esta modalidade de discurso.⁵

Os elementos da ordem social devem ser filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, podendo entender, assim, a singularidade e a autonomia de uma obra.⁶ Goldmann afirma que o primeiro problema a ser discutido pela sociologia do romance é “a relação entre a própria *forma romancesca* e a *estrutura* do meio social onde ela se desenvolveu, isto é, do romance como gênero literário e da moderna sociedade individualista.”⁷

Assim, para que o olhar sobre uma obra literária seja mais amplo, o ideal seria uma análise dos aspectos históricos concomitante aos narrativos, ou seja,

[...] conjugar a informação sociológica sobre o contexto histórico com um conhecimento preciso do estatuto do discurso analisado, para que assim se escape quer da tendência de ver a obra como ‘ilustração’ de certa força social, quer da tendência estetizante oposta, na qual opera um hiato hierarquizante entre o contexto, elemento de ambiência da obra, e o texto, a ser imanentemente indagado.⁸

Antonio Candido pode ser considerado um dos precursores desse tipo de crítica literária no Brasil, especialmente a partir da publicação de **Dialética da malandragem**, em que o autor demonstra como a análise da obra literária **Memórias de um sargento de milícias**⁹, de Manuel Antonio de Almeida, pode mostrar uma organização complexa do enredo que evoca aspectos gerais da sociedade brasileira através da própria transposição

⁵ COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2, p.108.

⁶ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p. 24.

⁷ GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.15, grifos do autor.

⁸ COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2, p. 106, grifos do autor.

⁹ Cf. ALMEIDA, Manuel Antônio. **Memórias de um sargento de milícias**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

estética. A literatura é colocada sob o prisma de uma análise formal e de uma interpretação sociológica de maneira a se complementarem no processo analítico. Neste caso específico, a ordem e a desordem são representativos simbólicos de uma redução estrutural do ritmo geral da sociedade brasileira em inícios do século XIX.¹⁰

Retomando o debate acerca da análise entre literatura e sociedade, Antonio Candido destaca alguns pontos fundamentais dessa relação: existe um vínculo entre a sociedade e a produção do texto de dado autor, que demonstra uma forma especial de retratar a realidade. A superfície aparente do texto é a forma estética, e sua organização interna orienta a análise e abre os caminhos para uma análise mais profunda. Essa forma pode ser considerada como a passagem de *fato* da realidade para *assunto* do texto literário, e faz com que os traços da realidade se reorganizem de forma diferenciada, mas ainda assim, dependente de sua realidade. Esse processo se configura como uma deformação integradora a partir do embate entre reproduzir e inventar, que depende da divergência existente entre o intuito do autor e os elementos ou as forças sociais. Tais forças importam aqui na medida em que se relacionam com a classe social e a visão de mundo do autor; assim, esses elementos individuais e sociais dão profundidade ao texto e exigem análises tanto estéticas quanto ideológicas¹¹.

[...] As relações entre a obra verdadeiramente importante e o grupo social que – por intermédio do criador – se conclui *ser, em última instância, o verdadeiro sujeito da criação*, são da mesma ordem que as relações entre os elementos da obra e o seu todo. Tanto num caso como noutro, encontramos-nos diante de relações os elementos de uma estrutura compreensiva e sua totalidade, relações de um tipo ao mesmo tempo compreensivo e explicativo.¹²

¹⁰ SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.129-132. O autor demonstra que a análise de Antonio Candido sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1852, inaugurou essa perspectiva de análise literária que buscava combinar, salvo as terminologias, aspectos do estruturalismo e da crítica marxista.

¹¹ CANDIDO, Antonio. Duas vezes ‘A passagem do dois ao três’. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. Antes de estabelecer tais premissas, o autor mostra uma trajetória histórica sobre os estudos acerca de literatura e sociedade, passando pela perspectiva paralelística (que parte do reflexo). Trata-se de uma vertente do positivismo crítico e tem como expoentes Taine, Plekhanov, que também tiveram maior ou menor ligação com o marxismo. Porém, foi somente com Lukács que o campo estético assume mais originalidade e dá as bases para as análises posteriores.

¹² GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.206-207, grifos do autor.

A totalidade é, pois, resolvida na forma, ou seja, os elementos internos da narrativa estão em consonância direta com os aspectos sociais e constitutivos da obra. Partindo desses pressupostos, pode-se inferir que não é possível analisar uma obra literária enquanto uma estrutura independente do seu contexto histórico, como também não se pode explicar a literatura pelos fatores externos. Por isso, a articulação é a chave para se compreender a integridade da obra e superar a incompatibilidade entre interno e externo¹³.

Na análise de Antonio Candido, um aspecto fundamental é justamente uma interpretação dialeticamente íntegra que possa fundir texto e contexto. “O *externo* (no caso, o social) importa, não como causa nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto *interno*”.¹⁴ A combinação dos elementos externos e internos, e a maneira como se organizam na estruturação de um romance será o ponto de partida deste trabalho. Através da análise da obra **Dois irmãos**, de Milton Hatoum, procura-se verificar como os fatores sociais funcionam e operam na narrativa, influenciando seus rumos. Isso faz com que tais fatores se tornem parte do romance e, portanto, internos.

O mais importante, e isso é um método dialético, [...] é ver como é que o social na literatura não é propriamente social, é alguma coisa diferente [...] o homem que está dentro da ficção pode parecer demais com a vida real, mas ele já é outra coisa, ele foi extraído da vida real e posto num sistema interno de relações. Aquilo que era externo passa a ser interno. Por isso é que o romance é, ao mesmo tempo, tão parecido e tão diferente da vida real.¹⁵

Uma semelhança evidente entre a vida e a literatura está relacionada à fragmentação das coisas, uma vez que isso parte de nossa própria apreensão da

¹³ SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.143.

¹⁴ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p.14, grifos do autor.

¹⁵ CANDIDO, 1997, p.20 Apud WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**. São Paulo: Cosac Naif, 2007, p.82.

realidade¹⁶. Porém, na literatura, essa fragmentação é dirigida e criada pelo autor de modo a formar uma imagem coerente e convincente dos personagens e das situações.

[...] o problema inicial que uma teoria dialética da literatura tem de enfrentar é o da unidade da obra literária, sua existência como uma coisa completa, um todo autônomo, o qual, na verdade, resiste à assimilação à totalidade do aqui e agora históricos [...] do mesmo modo que obstinadamente recusa a dissolução de uma história supra-individual das formas.¹⁷

A totalidade representada pelo romance explicita um tipo de organização interna que tanto conteúdo romanesco e a estruturação da narrativa quanto contexto social podem ser melhor compreendidos, uma vez sistematizados e formalizados pela literatura. Para Lukács, cada autor deve “captar a relação íntima entre a necessidade social e os acontecimentos da superfície [externa], construindo um trecho que seja a síntese poética dessa relação, a sua expressão concentrada.”¹⁸ Ao delimitar uma “estrutura elaborada”, o autor oferece um panorama complexo e pré-estabelecido que cria uma coerência interna, gerando uma totalidade convincente dentro da obra literária¹⁹.

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica [...]²⁰

Nesse sentido, a união entre literatura e sociedade é dada através da forma, que

¹⁶ Além disso, há um aspecto sobre a fragmentação que se relaciona com a figura do narrador. Benjamin aponta a mudança do narrador oral e coletivo para o romancista, ou seja, aquele que narra através da escrita de forma individual. Isso gera uma ruptura da narrativa nas sociedades modernas. Esse tópico será aprofundado no terceiro capítulo.

¹⁷ JAMESON, Frederic. **Marxismo e forma**. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 240.

¹⁸ LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? **Ensaios sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964, p.90.

¹⁹ CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 58.

²⁰ CANDIDO, Antonio. Estímulos da criação literária. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006a, p. 63.

segundo Roberto Schwarz, “é entendida como um princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e do real, sendo parte dos dois planos.”²¹. Ou seja, a análise formal tende a recuperar o conteúdo e a análise do conteúdo tende a levar à consideração da forma.²² Seguindo numa perspectiva semelhante e enfatizando a importância e a necessidade de se considerar a forma literária como categoria analítica que marca um aspecto importante para a compreensão e diferenciação da literatura, Costa Lima afirma que “a especificidade do discurso literário tem como *indicador visível a forma*, i.e, não o que se diz mas como se diz o que se diz.”²³ Essa seria uma particularidade existente na literatura, uma vez que o importante não é apenas o conteúdo explorado, mas também a forma com que é narrado, determinando, em muitos aspectos os rumos e a compreensão das obras.²⁴

Lukács considera a forma como sendo o elemento social da literatura, pois é nela que a experiência do autor se comunica com o público “e só através dessa comunicação ‘formada’ e, daí, através da possibilidade de exercer uma influência e da influência efetiva que realiza esta possibilidade, a arte assume um significado social”²⁵. O processo existente entre a arte e a sociedade deve ser visto de forma dinâmica, em movimento e em constante transformação.²⁶ Assim, não há como considerar a obra literária como simples reflexo estático e direto da realidade, e sim como uma mediação social. Trata-se de uma perspectiva analítica que visa a totalidade ao tentar englobar aspectos estéticos e sociais,

²¹ SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 141.

²² CANDIDO, Antonio. Duas vezes ‘A passagem do dois ao três’. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002, p.60.

²³ COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. 2, p.111, grifos do autor. Para ele, o estudo de Walter Benjamin sobre Baudelaire estava na fronteira entre a sociologia da literatura, uma vez que levava em consideração o “espírito” de Paris à época, bem como da análise do discurso literário como produção daquele espírito.

²⁴ No caso do romance **Dois irmãos**, posteriormente será analisada a figura do narrador que tem um papel significativo para uma compreensão mais profunda sobre a obra. Sua posição social e fronteiriça determinam a maneira com a qual o leitor entra em contato com a narrativa.

²⁵ LUKÁCS, 1972, p.10 Apud COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2, p.123, grifo do autor.

²⁶ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p.101.

cuja mediação se dá pela forma. Essa mediação deve ser dialética, de modo a propiciar um caminho de dupla mão entre forma e conteúdo.

Os traços sociais não devem ser tratados apenas como assunto, mas devem ser entendidos como elementos estruturantes das obras. No caso específico deste estudo, a análise do romance **Dois irmãos**, de Milton Hatoum, levará em consideração o contexto histórico de desenvolvimento da sociedade, sendo o assim chamado dualismo brasileiro um dos aspectos principais desse debate. A ideologia predominante da época, especialmente a partir dos anos 1950, aparentemente dividiu as regiões brasileiras em arcaicas e modernas e a superação das regiões atrasadas seria a pedra de toque para acabar com a condição subdesenvolvida do Brasil. Mas o dualismo não é enfatizado aqui apenas em suas concepções metodológicas e sociológicas; mais do que isso, o que interessa é sua essencialidade na obra, ou seja, como ele se configura na estrutura do romance de modo a ser parte integrante do desenrolar dos acontecimentos dos personagens.

De acordo com Schwarz, os conteúdos num romance “não são conteúdos reais, e vê-los esteticamente é vê-los no contexto da forma, a qual por sua vez retoma (elabora ou decalca) uma forma social, que se compreende em termos do movimento da sociedade global.”²⁷ Por isso Lukács considera que, em autores consagrados como Walter Scott, Balzac e Tolstói, os acontecimentos dos romances eram importantes em três esferas: primeiro, eram importantes em si mesmos; segundo, eram também importantes para as relações inter-humanas dos personagens; e por último, eram importantes para a significação social do desenvolvimento da vida desses personagens.²⁸ Através da forma é feito um recorte social e estético que permite a compreensão da obra por si mesma e também diante de seu contexto histórico, graças à mediação existente entre elas.

²⁷ SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.142.

²⁸ LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964, p.49.

O nome dessa redução é forma literária, o modo como ela se realiza chama-se mediação – a figura dialética que permite que a universalização alcançada não seja abstrata [...] Mediação é o nexos que articula forma literária e forma social ('realidade exposta *na* obra literária'). A totalidade, como se vê, resolve-se na forma literária [...] ²⁹

A análise totalizadora completa as oposições por meio de mediações adequadas e mostra o social enquanto parte da estrutura literária e como os elementos formais são necessários para o social se tornar inteligível. A perspectiva adotada para a análise do romance **Dois irmãos** buscará, metodologicamente, estabelecer as relações existentes entre o texto literário e o contexto de desenvolvimento da sociedade brasileira no século XX e das interpretações acerca desse processo.

Dentro do panorama que estabelece as relações intrínsecas entre o social e a obra, podemos entender um princípio norteador da análise literária que é a verossimilhança. Tal conceito é importante uma vez que transmite, através da obra, certo sentimento de verdade, ligando o *Homo sapiens* ao *Homo fictus*³⁰. Em outras palavras, a verossimilhança depende da possibilidade de comparar o mundo do romance ao mundo real e isso depende, fundamentalmente, da organização interna dos conteúdos literários³¹.

Tais concepções podem ser relacionadas às do filólogo alemão Eric Auerbach, que também se propôs a analisar as relações entre a literatura e a sociedade. Em **Mimeses**, seu intento foi analisar a realidade representada nas obras literárias do Ocidente. Além disso, explorou “as raízes remotas e do desenvolvimento através dos tempos de certos aspectos problemáticos e trágicos das formas de representação da realidade [...]”³². O autor afirma que o importante na literatura, de fato, não é a realidade em si, mas como ela é exposta *na*

²⁹ WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**. São Paulo: Cosac Naif, 2007, p. 65, grifos do autor.

³⁰ Cf. FOSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.

³¹ CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995, p.75-77. Ainda segundo o autor, o que julgamos inverossímil é, na verdade, incoerente com a estrutura do romance. Apesar do vínculo com a realidade ser imediato, o conteúdo literário só será crível diante de sua própria organização interna. Isso explica, por exemplo, porque romances como **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa e **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, por mais que tratem de um universo mágico – no primeiro há um possível pacto com o diabo e, no segundo, um defunto-narrador – o desenrolar interno das ações e dos acontecimentos faz com que os romances se tornem verossímeis porque sugerem uma realidade dos fatos, apesar de certa deformação por parte dos autores.

³² HOLANDA, Sérgio Buarque. **Mimeses. O espírito e a letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v.2, p.290.

obra, ou seja, a realidade como a obra literária expõe. De acordo com Waizbort, “como a obra literária é uma forma própria, [...] o modo como a exposição ocorre é constituinte [...] daquilo que aparece como e é a realidade (na obra literária) – ou, por outras palavras, do sentimento da realidade”³³.

Esse “sentimento de realidade”, também presente na obra de Antonio Candido, depende da coerência da obra e sua ligação com a realidade, podendo ser encarada como uma espécie de *realismo*. Vale salientar aqui, que não se trata especificamente do Realismo, enquanto corrente literária do século XIX – apesar de guardarem relações entre si –, e sim de uma forma particular de compreensão da realidade, presente em muitos momentos nas obras da literatura Ocidental. Auerbach indica que esse realismo acompanhou as transformações sociais e conseguiu abranger a totalidade ou uma visão de conjunto da realidade concreta.

Uma história sistemática e completa do Realismo não somente teria sido impossível, como também não teria servido à intenção, pois devido às idéias diretrizes, o tema ficou delimitado de uma forma muito determinada; já não se tratava mais do Realismo em geral, mas da medida e espécie da seriedade, da problematidade e da tragicidade no tratamento de temas realistas [...]³⁴

Tal perspectiva de realismo está presente, salvas as peculiaridades de cada autor, tanto em Antonio Candido quanto em Eric Auerbach e marca união entre universalismo e particularismo através da dialética, se articulando por meio de uma tensão³⁵. O enfoque da literatura no herói problemático, na tragicidade das situações, o cotidiano e o prosaico fazem parte das obras que têm o realismo como elemento constituidor.

Na obra de Auerbach, o conceito de *mimeses* ou “imitação”, ganha destaque uma vez que é através dele que se pode interpretar a realidade através da representação literária. Nesse sentido, Antonio Candido ressalta a importância de se ter em mente que existe uma “relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a

³³ WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**. São Paulo: Cosac Naif, 2007, p.305.

³⁴ AUERBACH, Eric. **Mimeses**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.501.

³⁵ WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**. São Paulo: Cosac Naif, 2007, p.190.

realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese.”³⁶ A verdade na literatura, seja ela convencional ou parte da ficção deve fazer parte de uma perspectiva coerente e verossímil, sendo geral o suficiente para ir além da particularidade e concreta o bastante para não se tornar abstrata.

Ora, esse tipo de enfoque tem uma das suas modalidades principais no realismo [...] Se considerarmos realismo as modalidades modernas, que se definiram no século XIX e vieram até nós, veremos que elas tendem a uma fidelidade documentária que privilegia a reprodução do momento presente da narrativa. No entanto, mesmo dentro do realismo, os textos de maior alcance procuraram algo mais geral, que pode ser a razão oculta sob a aparência dos fatos narrados ou das coisas descritas, e pode ser a lei destes fatos na seqüência do tempo.³⁷

Para a presente discussão é fundamental entender a obra literária como tendo uma interpretação da realidade, cujos elementos externos e sociais se reorganizam internamente, estabelecendo uma estruturação formal através do princípio da verossimilhança com a realidade. Essa relação aspira uma totalidade que se dá através da mediação feita pela forma literária. O que se pode inferir dessa relação é que há uma “independência dependente” da literatura com relação ao seu contexto histórico-social, ou seja, “a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se *forma* a partir do contexto, até construir uma independência dependente”³⁸.

De acordo com Antonio Candido, o mais importante na análise é considerar os fatores sociais e também os psíquicos como formadores da estrutura, e que pretender definir sem uns e outros a integridade estética da obra é querer, como só o barão de Münchhausen conseguiu, arrancar-se de um atoleiro puxando para cima os próprios cabelos.³⁹ Por isso, o esforço em compreender a obra literária em consonância com seu momento histórico-social é fundamental, especialmente levando em consideração os aspectos formais e estruturais e sua relação direta com os elementos externos. Essa análise

³⁶ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p.22.

³⁷ CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1998, p.125.

³⁸ CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002, p.79, grifos do autor.

³⁹ CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a, p.22.

conjunta possibilita uma leitura mais ampla e fecunda, além de ajudar a melhor compreender tanto o texto quanto seus elementos históricos.

Por isso, a contextualização tanto da obra quanto do debate acerca dos seus condicionantes se faz necessário; daí a importância de ser feita a posterior análise da maneira como se dá a relação entre literatura e realidade social no âmbito específico do subdesenvolvimento brasileiro. O processo histórico de formação da sociedade e da literatura no Brasil produziu efeitos peculiares que se perpetuaram por séculos. Um exemplo disso é a diferença regional existente, seja em termos políticos, sociais, econômicos ou culturais. Essa característica teve seus efeitos na literatura de diversas maneiras ao longo da história do país e serão analisados no próximo item.

1.2. Na periferia da periferia: literatura e subdesenvolvimento.

Sob a perspectiva de analisar a literatura em consonância com seu contexto histórico-social, no caso brasileiro, é fundamental levar em consideração sua peculiar formação histórica advinda da colonização. O status de nação subdesenvolvida traz consigo peculiaridades fundamentais para que se compreendam os tipos de relações estabelecidas internamente e com as demais nações. A formação econômico-social que influenciou o processo de formação da literatura brasileira merece destaque, além de compreender qual foi o seu papel nesse contexto. A maneira pela qual a literatura brasileira lidou com seus referentes estrangeiros além das particularidades internas está intimamente ligado às questões econômicas e sociais do Brasil.

Para Caio Prado Júnior, o subdesenvolvimento é uma formação social *sui generis* que tem como característica principal a ausência de relações de produção que garantam a existência de uma economia autônoma. Uma das grandes contribuições do autor para o debate acerca do subdesenvolvimento é ter reconhecido a “[...] especificidade do estado de incerteza perante o desconhecido que é característico das economias capitalistas de

origem colonial que não superaram sua posição subalterna na economia mundial.”⁴⁰ Isso ocorre porque as circunstâncias históricas do nosso desenvolvimento impedem que a acumulação de capital se submeta aos interesses da nação, passando a ocupar uma posição subordinada e dependente.

O subdesenvolvimento, embora se exprima geralmente, mas não sempre, por índices muito baixos de progresso econômico e de renda nacional, implica mais que essa simples insuficiência de progresso. Envolve sobretudo a posição periférica e complementar de que certos países ocupam no sistema do capitalismo. É essa posição que faz deles subdesenvolvidos e os caracteriza como tal.⁴¹

O subdesenvolvimento é um fator que contribui para a existência de diferenças internas marcantes, seja em termos econômicos, sociais, culturais ou políticos. Neste contexto, a literatura brasileira teve importância fundamental ao ressaltar essas diferenças nos seus mais variados aspectos. Uma característica marcante é a tendência presente em vários momentos da história literária do Brasil: o regionalismo. Mas até que ponto a literatura regionalista teve uma função social e estética importante? Ainda é possível falar em regionalismo hoje? Todo regionalismo é realismo? Rotular obras como regionalistas é inapropriado ou elas são mesmo formas de deformação da realidade?

Essa discussão está imbricada tanto com a formação da sociedade brasileira após a colonização, como também da própria literatura, cujo desenvolvimento posterior é fruto da dinâmica social no Brasil e abarca diversas transformações ao longo da história. O desenvolvimento de uma – sociedade – e de outra – literatura – depende da maneira como ambas são entendidas em suas relações intrínsecas.

[...] a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à

⁴⁰ SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.100.

⁴¹ PRADO JÚNIOR, Caio. **Esboço dos fundamentos da teoria econômica**. São Paulo: Brasiliense, 1957, p.190.

estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador.⁴²

Nesse sentido, o romance teve papel fundamental, pois a sua própria consolidação esteve diretamente ligada a uma visão de Brasil e de país em formação, especialmente após a independência, em 1822. À época, o romantismo vigorava como expressão literária forte e, apesar da influência estrangeira, se focou na ‘cor local’ e na realidade brasileira. A literatura passou a ser uma forma de afirmação nacional e de construção da pátria.

Vale a pena assinalar que a representação mais realista encontrou no novo gênero do romance, a partir do decênio de 1840, um instrumento apto para efetuar verdadeira sondagem social. Desde o início a ficção brasileira teve inclinação pelo documentário, e durante o século XIX foi promovendo uma espécie de grande exploração da vida na cidade e no campo, em todas as áreas, em todas as classes, revelando o país a seus habitantes, como se a intenção fosse elaborar o seu retrato completo e significativo.⁴³

O romance brasileiro pode ser entendido, segundo a apreensão de Antonio Candido, como forma de descoberta e investigação do país. Na busca por conhecer e exaltar o Brasil, os escritores românticos deram ênfase especial à realidade nacional, tentando o equilíbrio entre a forma literária e o problema humano. A afirmação do Brasil enquanto país independente e a conseqüente necessidade de formar sua cultura própria fizeram com que os autores românticos buscassem as particularidades da pátria, valorizadas, sobretudo, na natureza e no nativismo. “Ambas [natureza e pátria] conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instruções por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social.”⁴⁴

⁴² CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b, p.197.

⁴³ CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.207.

⁴⁴ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.170.

Marisa Lajolo afirma que desde o olhar europeu sobre a literatura brasileira, há, por parte deles, uma necessária valorização da natureza, apesar de ainda receber muita influencia estrangeira. Essa “indecisão orbital” oscilava entre uma “americanidade” quase que necessária e uma possibilidade de inserção literária através de modelos prévios.⁴⁵ O primeiro olhar para a literatura nacional tinha sotaque europeu que só se atenuou diante do questionamento acerca do tema a ser abordado, o que não garantia qualidade estética. Assim, o tema da nação e da diferenciação diante da Europa e das demais literaturas.

O romantismo foi fundamental para a construção de uma ideologia que valorizasse temas que contribuíssem para uma concepção ancorada, basicamente, no nacionalismo e nas subseqüentes valorizações do clima, da paisagem, da cultura, da língua. Assim, a busca de particularidades nacionais tem como pano de fundo a busca pela identidade nacional e a construção da cultura brasileira. Isso ocorre justamente porque a consolidação do romantismo coincide com a tentativa de afirmação do Brasil enquanto nação independente, o que significa dizer uma busca por diferenciações e particularidades próprias à nossa sociedade.

A literatura foi uma forma de expressão herdada da colonização e pôde exprimir a nova realidade. Sua formação não ocorreu de forma imediata, tendo influências de três tradições culturais: a do português, do índio e do africano. Porém, nas duas últimas, a influência foi apenas de ordem folclórica, sem haver uma fusão prévia, apenas com “modificações no universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo.”⁴⁶. O romantismo foi marcante num “duplo processo de integração e diferenciação, de incorporação do geral (no caso, a mentalidade e as normas da Europa) para obter a

⁴⁵ LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.302. Para a autora, o conceito de ‘americanidade’ foi a primeira forma de designar o regionalismo.

⁴⁶ CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.199. Num primeiro momento, a literatura brasileira foi expressão do colonizador e depois, do colono europeizado. Isso demonstra que a literatura teve importante papel político e eficiente na colonização, servindo como forma de imposição cultural.

expressão do particular, isto é, os aspectos novos que iam surgindo no processo de amadurecimento do País.”⁴⁷ Em outros termos, é nesse sentido que a formação da literatura brasileira perpassa a dialética entre o particular e o universal, diante da necessidade de expressar as peculiaridades da sociedade brasileira, por meio das formas de expressão européias⁴⁸.

A condição específica de nação colonizada gerou um duplo movimento na literatura: por um lado, havia a cópia dos modelos europeus e por outro, a valorização da uma realidade local, mas que pode ser “um modo insuspeitado de oferecer à sensibilidade européia o exotismo que ela desejava, como desfastio; e que se torna dessa maneira, forma aguda de dependência na independência.”⁴⁹ Sérgio Buarque de Holanda enfatiza a valorização dos temas abordados como sendo mais importantes que outros elementos da literatura. Além disso, “o valor romanesco do conteúdo vinha somar-se à suspeita de que, graças a temas nitidamente brasileiros, embora restritos a esta ou àquela área e em verdade ‘exóticos’ para os demais, teríamos enfim uma arte legitimamente nacional.”⁵⁰

A colonização portuguesa criou no Brasil sua própria contradição, uma vez que houve a necessidade de se adaptar para consolidar as classes dominantes da colônia. Essa modificação criou divergências marcantes com a metrópole e que foi expressa também através da literatura. No século XVIII, portanto, ocorreu o amadurecimento da cultura e da literatura no Brasil e, justamente por “manter as relações com a realidade social, a literatura incorpora as suas contradições à estrutura e ao significado das obras.”⁵¹

Por isso, a exaltação da natureza foi um importante fator ideológico, pois tentava compensar a fragilidade das realizações no país. Foi a partir do século XVIII que se

⁴⁷ CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.216.

⁴⁸ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p.436

⁴⁹ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.189.

⁵⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. Tema e técnica. **O espírito e a letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v.2, p.209, grifo do autor.

⁵¹ CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.202.

formou uma *tendência genealógica*, demonstrada por Antonio Candido, a princípio, como uma noção ideológica de pátria para as classes dominantes, utilizando a literatura como forma de afirmação nacional. Essa tendência genealógica busca no passado local os elementos adequados para justificar determinadas concepções do presente, buscando “os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura se aproximar o mais possível dos ideais e normas européias.”⁵²

O triunfo dessa opinião unilateral significa o apogeu da ‘tendência genealógica’ durante o Romantismo, quando foi fortalecida pelo intuito, politicamente compreensível, de negar os valores ligados à colonização portuguesa [...] Essa ânsia de diferenciação integral de uma jovem nação explica o incremento que teve no início do século XIX o desejo de *inventar* um passado que já fosse nacional, marcando desde cedo a diferença com relação à mãe-pátria.⁵³

Cabe aqui uma referência à postura de Machado de Assis diante da frutificação do romantismo e da natureza nas obras literárias brasileiras desse período. O autor demonstra a hegemonia existente desse “localismo” que vigorava tanto nos romances como na poesia, denominando como um “instinto de nacionalidade” ligado a uma valorização excessiva da cor local, o que, para ele era um equívoco: “só reconhece o espírito nacional nas obras que tratam do assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muitos cabedais da nossa literatura.”⁵⁴ Assim, na concepção de Machado, não basta tratar dos assuntos locais, pois a literatura deve almejar algo que situe o homem em seu tempo, ainda que a partir de lugares específicos.

Apesar de tal polêmica, o romance romântico ocupou um lugar significativo na literatura e, para Antonio Candido, esse primeiro momento está ligado a uma *consciência amena do atraso*, à idéia de país novo e de descoberta da realidade, cujo florescimento do

⁵² CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.208. Basta ver a importância que teve o índio para o romantismo, sendo que sua escolha como herói nacional não foi gratuita.

⁵³ CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.211, grifo do autor.

⁵⁴ ASSIS, Machado. Instinto de Nacionalidade. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, v. 29, 1955, p. 134. (Coleção Obras Completas de Machado de Assis).

romance enquanto gênero literário foi fundamental e serviu para tais descobertas.⁵⁵ Esse gosto pelo diferente marcou a literatura, especialmente a partir do romantismo, e deu origem a uma das várias formas de representação do que hoje conhecemos como *regionalismo*⁵⁶. Esse processo histórico que vem desde a independência política teve, primeiramente, o índio como um símbolo autenticamente brasileiro. O romantismo colocou os homens das regiões afastadas como representantes da brasilidade autêntica. “Nasce, então, o regionalismo que, embora ainda não tenha esse nome, é uma tendência combativa e programática de se expressar, sobretudo pela ficção, o nosso interior.”⁵⁷

Em sua formação social, as regiões brasileiras tiveram incentivos diferenciados, de acordo com as demandas da colonização e do posterior processo de desenvolvimento. Isso deu origem a uma tensão marcante entre as regiões, em termos culturais e econômicos, que se manifestou de diversas formas na arte, especialmente na literatura regionalista.

O regionalismo, como o conhecemos, é uma das respostas a essa tensão, desde o início, no Romantismo, até os dias de hoje, quando o vasto horizonte de possibilidades temáticas e expressivas, oriundos da prolífica diversidade e da extrema desigualdade econômica, que recortam o Brasil em regiões, ainda alimenta a imaginação criadora.⁵⁸

Assim, o “[...] regionalismo como ‘tendência’ literária, conforme vai arraigando-se como alternativa representativa da prosa de ficção nacional, passa a escolher, selecionar, uma dada espacialidade a ser temporalizada pelas suas personagens.”⁵⁹ Entretanto, regionalismo é um termo muito abrangente que corresponde a diversos temas, autores e

⁵⁵ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b, p.172. Tal perspectiva só irá se modificar nos anos de 1930, dando origem à ‘consciência catastrófica do atraso’, que será tratada posteriormente ao se delimitar as fases do regionalismo no Brasil.

⁵⁶ Pode-se entender a abordagem do que é diverso numa perspectiva que é nacional. A diferenciação, aqui, se dá mediante a comparação com a metrópole. Porém, já estava inaugurada uma tendência que iria se transformar ao longo do desenvolvimento da sociedade e da literatura brasileira.

⁵⁷ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.670.

⁵⁸ PELLEGRINI, Tânia. Regiões, margens e fronteiras: Milton Hatoum e Graciliano Ramos. **Despropósitos**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008, p.119.

⁵⁹ MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Literatura e regionalismo. In: SEGATTO, J. A. e BALDAN, U. (orgs.). **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999, p.80.

períodos históricos. Para a crítica, é uma corrente literária que pode traduzir peculiaridades locais, em termos de conteúdo e geografia, além de tematizar o rural e programas de teor político⁶⁰. Além disso, é preciso atentar-se para o modo como essa literatura é formada,

[...] observando como certas obras, para além do assunto regional, buscam harmonizar tema e estilo, matéria-prima e técnica, revelando mais do que paisagens, tipos ou costumes, ‘estruturas cognoscitivas’ e construindo uma verdadeira linhagem: da representação/apresentação dos brasileiros pobres de culturas rurais diferenciadas, cujas vozes se busca concretizar paradoxalmente pela letra [...]⁶¹

Parte da crítica literária sugere que o regionalismo constitui um estilo ultrapassado, uma vez que seu ápice foram os romances escritos na década de 1930 – conhecidos também como geração de Trinta – e, portanto, datados. Outros setores demonstram ser ainda um tema presente e que suscita estudos, bem como obras dos mais variados tipos. Ou também que o regionalismo nunca produziu obras de qualidade significativa⁶². O que se pode entender desse debate é que, na verdade, o termo regionalismo foi, por vezes, usado como forma de preconceitos ou estereótipos, tendendo a encarar as obras regionalistas como estreitas, esquemáticas, pitorescas e superficiais⁶³. Luís Augusto Fischer problematiza o próprio conceito de regionalismo, o que já significaria uma diferenciação imposta por determinados setores da crítica literária.

⁶⁰ Cf. CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Destaque especial para a defesa do regionalismo por Gilberto Freyre e a polêmica gerada em Recife com os ‘futuristas’.

⁶¹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.668.

⁶² Cf. LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. A autora aponta como exemplo dessa desqualificação do regionalismo a obra de Lúcia Miguel Pereira, como tendo uma postura conservadora e a-histórica da questão.

⁶³ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Estudos Históricos**. Do beco ao belo. Rio de Janeiro, 1995, v.8, n.15, p.156. Um claro exemplo diz respeito à visão de Mário de Andrade sobre o regionalismo, acusando-o de se restringir e de se contentar com o “beco”.

Em sentido amplo, tudo é região, dependendo do que se quer chamar de região. A menos que se aceite como natural o critério imperialista de que há um centro e o resto que trate de ficar girando em torno, caso em que esse resto fica com a pecha de ‘regionalista’, ou que se use um critério fortemente consolidado mas nem por isso menos discutível, do ponto de vista intelectual, que é aquela que opõe a cidade e sua cultura ao campo e sua cultura, caso em que o mundo rural é rebaixado ao patamar de ‘regionalista’.⁶⁴

Para Lúgia Chiappini, uma obra regionalista pode traduzir peculiaridades locais (crenças, costumes) de qualquer parte do país que, historicamente, restringiu a denominar-se de regiões rurais. Após a modernização, o êxodo rural e o desenvolvimento urbano, o regionalismo passou a ser visto como retrógrado e ultrapassado, mesmo sendo o contraponto da urbanização e da modernização do campo e da cidade sob a égide do capitalismo. Além disso, o bom regionalismo seria aquele que levaria ao universal, porém é no espaço histórico-geográfico da vivência que se concretiza o universal. Mais importante que isso é considerar o regionalismo como uma tendência que não é estática, pois evolui, atravessa a história e é atravessada por ela. O local deve ser visto não só como matéria pura, mas como modo de formar a literatura, para que a dicotomia entre local e universal não seja falsa.⁶⁵

De acordo com tais premissas, as obras regionalistas surgem a partir do conflito, primeiro com a metrópole e depois com as regiões internas e desenvolvidas do capitalismo. Ou seja, estava consolidado o binômio de diferenciação que marcaria o debate por muito tempo: “a cidade estava para o campo, assim como o ‘universal’ estava para o ‘regional’ – e assim também, em países grandes como o Brasil, o nacional estava para o provincial.”⁶⁶

Em um país “caracterizado por zonas tão separadas, de formação histórica diversa, tal romance, valendo por uma tomada de consciência, no plano literário, do espaço geográfico e social, é ao mesmo tempo documento eloqüente da rarefação da densidade

⁶⁴ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.55.

⁶⁵ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Estudos Históricos**. Do beco ao belo. Rio de Janeiro, 1995, v.8, n.15.

⁶⁶ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.58.

espiritual.”⁶⁷ O regionalismo se consolida, portanto, diante do embate com a modernização, a industrialização e a urbanização, cujos efeitos são sentidos na configuração literária. Porém, não se trata de um tipo de literatura especificamente brasileira. Raymond Williams, ao discorrer sobre o processo de desenvolvimento da literatura inglesa do campo para a cidade, demonstra que se trata de um processo mais abrangente.

[...] estamos tão acostumados a pensar em experiências comuns através dos filtros alienantes proporcionado pelas diferenças de nacionalidade e raça que com freqüência encaramos a particularidade dessas histórias como simples exotismo. Um processo social está acontecendo, numa sociedade à primeira vista estranha, e é isso que importa. Mas, à medida que vamos adquirindo uma perspectiva com base na longa história da literatura do campo e da cidade, vemos o quanto, em lugares e épocas diferentes, há um unificador numa história que, em última análise, deve ser encarada como comum a todos.⁶⁸

O impacto da modernização no Brasil se deu a partir de 1870 com a saída de um sistema puramente agrário e adentrando paulatinamente nos padrões capitalistas. Tal processo teve como reação um regionalismo que parece ter funcionado de forma compensatória em relação ao que era novo, moderno, urbano e cosmopolita.⁶⁹ Assim, o tema das regiões no Brasil sempre esteve em pauta, ora havendo um movimento de certa acolhida das singularidades pelo centro, como no romantismo, ora vendo-o com rechaço e estigmatização.⁷⁰

No caso do regionalismo brasileiro, ele expressou e talvez ainda expresse – apesar de suas variantes ao longo da história – o subdesenvolvimento brasileiro. Seu chão

⁶⁷ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p.434

⁶⁸ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.386. O que ocorreu na Inglaterra passou a se concretizar em toda parte, numa expansão crescente, de acordo com a formação de novas relações de dependência entre os países. O desencadeamento da oposição campo-cidade nos países dominados segue padrões estrangeiros de desenvolvimento e chega, muitas vezes, a um grau exacerbado nas nações subdesenvolvidas ou em desenvolvimento.

⁶⁹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.669-670. Para a autora, assim como o modernismo, o regionalismo mostra uma problemática geral da cultura e da organização da sociedade.

⁷⁰ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.62.

histórico envolve independência política do Brasil e também a aspiração por uma independência literária. O regionalismo se desenvolve na história e, por isso, nunca é estático. Suas configurações se alternaram ao longo do desenvolvimento brasileiro, expressando as mudanças ideológicas do país e a maneira como foram encarados o subdesenvolvimento e a dualidade cultural.

Por isso, cabe perceber qual a função estética dessa corrente que enfatizava as regiões dentro do sistema literário brasileiro e de que maneira suas transformações contribuíram para que o gênero se desenvolvesse e pudesse dar contribuições cada vez mais significativas e esclarecedoras, tanto sobre a realidade brasileira quanto sobre o papel da literatura desde suas primeiras manifestações.

Antonio Candido demonstra que o regionalismo está presente na literatura brasileira em três fases distintas⁷¹: sob o influxo do romantismo, depois influenciado pelo naturalismo e, posteriormente, a guinada teórica do modernismo. Antes de especificar as características de cada momento, há que se considerar as diversas posturas sobre o regionalismo brasileiro, bem como as diferentes fases apontadas pelos estudiosos. A perspectiva de Antonio Candido será tomada como pressuposto por ser considerada mais abrangente. Os estudos posteriores acabaram esmiuçando e tratando as particularidades dos escritores regionalistas⁷². No caso específico deste trabalho, a idéia é tratar do processo de maneira mais ampla para que se evidencie o desenvolvimento da tendência regionalista na literatura.

No decênio de 1850, o regionalismo está circunscrito no romantismo, valorizando a cor local, o índio e a natureza. Nesse contexto, os românticos estavam imbuídos da missão de construir a cultura brasileira e descobrir o Brasil que estava encoberto pela dominação colonial. É o caso de escritores como José de Alencar, que buscou tratar o

⁷¹ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p.528. Apesar de mostrar essas três fases da literatura regionalista, o autor explicita que, na verdade, o regionalismo, enquanto momento decisivo na literatura brasileira ocorreu em dois momentos: no Romantismo e no Modernismo.

⁷² Cf. ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n. 28, jul/dez 2006.

Brasil sob diversas facetas, além de Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora. Nesse tipo de regionalismo, também chamado de “sertanismo”, era como se o Brasil autêntico estivesse no interior e o deslumbrado pela Europa estivesse no litoral⁷³.

Vale salientar a importância da obra **Os sertões**, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, no desenvolvimento dessa tendência, pois foi ele quem aprofundou a separação entre um interior atrasado e primitivo e um litoral civilizado⁷⁴. Em outras palavras, “**Os sertões** descobre o Brasil pobre do interior, espacial e temporalmente distanciado do pólo modernizador, constituindo-se na gênese de toda uma linhagem de obras que vai superar o sertanismo idílico do romantismo [...]”⁷⁵.

Para Antonio Candido, o segundo momento, já na virada do século XIX para o século XX, há uma valorização do pitoresco que sobrepuja a ação humana, colocando o homem como mais uma peça da paisagem, como o que ocorre nas obras de Coelho Neto, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, dentre outros. “É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual [...] para deleite estético do homem da cidade. Não é a toa que a ‘literatura sertaneja’ [...] deu lugar à pior subliteratura de que há notícia em nossa história”⁷⁶. Essa fase teve forte influência do naturalismo e seus traços mais comuns eram a descrição desapassionada dos fatos, traços deterministas e cientificistas, bem como pessimismo e fatalismo.⁷⁷ Se antes o regionalismo funcionava como uma espécie de auto-definição da consciência local, o “conto sertanejo” muda essa perspectiva.

Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto da terra de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um

⁷³ GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.5, 2000, p.47.

⁷⁴ Cf. CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁷⁵ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.681.

⁷⁶ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p.528

⁷⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.5, 2000, p.48.

meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o ‘conto sertanejo’, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito, idéias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético.⁷⁸

É nesse momento que Antonio Candido demonstra o aspecto dúbio que existe dentro do regionalismo brasileiro: por um lado sua função social foi, ao mesmo tempo, humanizadora e alienadora, conforme o aspecto ou o autor estudado⁷⁹. O regionalismo foi uma tentativa de buscar o que era “tipicamente brasileiro”: “Ao mesmo tempo documentário e idealizador, forneceu elementos para a auto-identificação do homem brasileiro e também uma série de projeções ideais.”⁸⁰ A respeito desse caráter dúbio do regionalismo, Ligia Chiappini demonstra que Franklin Távora também veste a “máscara ideológica” do regionalismo ao reproduzir o discurso da classe dominante nordestina, que perdeu sua hegemonia de pólo modernizador para São Paulo, em meados da década de 1870⁸¹.

Já a terceira fase corresponde aos escritores da geração de Trinta e aqui há uma diferença evidente nos propósitos literários e sociais. Nesse momento, surge a *consciência do subdesenvolvimento*, ou seja, um momento de reconhecimento das desigualdades e das particularidades históricas e sociais do Brasil. Para Candido, por volta dos anos 1930 e 1940, também chamada de pré-consciência do subdesenvolvimento, existiu o regionalismo problemático, também conhecido como “romance social”, “indigenismo”,

⁷⁸ CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a, p.121.

⁷⁹ Cf. LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. Num primeiro momento, Antonio Candido parecia ser “pouco paciente com as histórias do sertão”. Porém, em textos posteriores, ele reconhece o traço cultural específico do modo de ser do regionalismo no que se refere à América Latina, ao terceiro mundo e ao subdesenvolvimento.

⁸⁰ CANDIDO, Antonio. Literatura e formação do homem. **Textos de intervenção**. 2002, p.86. Para demonstrar tal premissa, o autor faz uma análise sobre a linguagem utilizada nas obras de Coelho Neto e Simões Lopes Neto, demonstrando, respectivamente, por um lado a distância e a desumanização da narrativa e por outro, a humanização do homem do povo.

⁸¹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.671.

ou “romance do Nordeste”. Sem ser exclusivamente regional, o era em boa parte e foi precursor dessa consciência do subdesenvolvimento.⁸²

Talvez se possa dizer que os romancistas da geração de Trinta, de certo modo, inauguraram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que caracterizava a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior – entendendo-se por litoral e interior menos as regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações.⁸³

Ao se considerar as diferenças existentes como sendo mais culturais e menos físicas e geográficas – uma vez que não importa se a denominação é sertão, interior, rural ou norte – opera-se uma revisão de valores por parte dos escritores. Se antes havia a valorização dos elementos naturais e diversos como algo essencialmente nacional, passando por uma literatura desumanizadora, neste momento houve uma valorização do povo, sem fantasiar uma condição de vida que mantém a desigualdade em níveis absurdos. O abismo que separa essa dualidade cultural passou a ser tema desses escritores como forma de denúncia, e essa mudança se deu, principalmente, por parte dos escritores que trataram de suas próprias regiões, sem mistificar seus locais de origem.

Outro aspecto que merece destaque nessa mudança de postura é com relação às novas configurações trazidas pela modernização. A industrialização exigiu um contingente maior de mão-de-obra para trabalhar nas cidades, o que forçou o fluxo migratório das áreas rurais para as urbanas. Houve, portanto, uma integração, uma proximidade maior do campo com a cidade, o que impossibilitava qualquer idealização de uma identidade que nunca existiu.⁸⁴

⁸² CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b, p.193.

⁸³ CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. **Brigada ligeira**. São Paulo: Unesp, 1992, p.45.

⁸⁴ FISCHER, Luís Augusto. Uma reflexão sobre a formação regional. In: CHAVES, F. L. e BATTISTI, E. (orgs.). **Cultura regional**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, p.8. Contudo, há que se fazer uma ressalva: ainda que a valorização do regional tenha sua importância histórica como forma de descoberta e de resistência, para Fischer o termo regionalismo já é, em si mesmo, problemático, uma vez que é definido como tal a partir do centro e por quem está no

O modernismo, cujo epicentro estava no eixo Rio-São Paulo, apesar de ser cosmopolita e nacionalista, “somado à sua altíssima qualidade estética, fora incapaz de impedir um novo surto regionalista”.⁸⁵

O modelo hegemônico é urbano; o presente da técnica e da indústria, na metrópole dá a direção estética dos poetas voltados para a Europa, ansiosos pelas experiências de uma linguagem renovada, cosmopolita. O regionalismo, ao contrário, voltava-se para o passado mais tradicional, para valores esquecidos ou em vias de esquecimento. Em São Paulo, na época de Lobato, não encontrava mais solo para pegar. Mas em outros estados do Brasil, localizados no pólo tradicional da economia, ou no pólo secundário de uma economia interna, esse solo era ainda fértil.⁸⁶

Acerca dessa discussão entre modernistas e regionalistas, Sérgio Buarque de Holanda, colocando mais lenha na fogueira, afirma que as obras regionalistas desse período fazem parte de mesmo cabedal da época, chamada por ele de um momento de “diástole da literatura”⁸⁷. Essa expansão faz com que se vinculem as obras modernistas e regionalistas, mas não apenas em termos da cronologia formulada pelo autor. Para ele, mais do que isso, o modernismo desde o início também buscou as raízes e os elementos tradicionais da nossa literatura: “A verdade inteira é que o movimento de 22, tendo sido universalista e até cosmopolita, não deixou de ser, ao mesmo tempo, nacional, regionalista e a seu modo tradicionalista.”⁸⁸.

O que se modificou no modernismo foi um passo para além da descrição, especialmente com Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Além disso, essa nova etapa teve como características centrais uma valorização estética apurada, atrelada à ao

centro, numa clara manifestação de poder econômico e social. Ou seja, a própria denominação do termo não é neutra e traz consigo formas diversas de dominação.

⁸⁵ GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.5, 2000, p.54.

⁸⁶ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.696.

⁸⁷ A fase de diástole da literatura corresponderia ao período que vai de 1922 até a década de 1940.

⁸⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque. Fluxo e refluxo – III. **O espírito e a letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v.2, p.334. O interessante nessa perspectiva é que, apesar dos debates entre regionalistas e modernistas como tendo visões diferentes sobre o Brasil, Sérgio Buarque os insere numa perspectiva mais ampla de amadurecimento e expansão da literatura brasileira.

elemento humano dentro da narrativa. Segundo Candido, isso representa “uma florada novelística marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade”⁸⁹.

Assim, para Candido, a obra de Guimarães Rosa representa um ponto de chegada das tendências regionalistas na literatura brasileira, se configurando como uma superação por vezes deformada diante da constituição do romance urbano. “Mas a justificativa para o nascimento e a morte do regionalismo não residiria apenas no âmbito do sistema literário. Tratar-se-ia, antes, de uma invenção radicada no processo social brasileiro.”⁹⁰

Há quem creia que depois da geração de Trinta não seja mais possível falar em regionalismo, dada a complexidade desse ciclo de obras. Porém, se isso é válido, também parece verdadeiro que o regionalismo passa a ser entendido como uma restrição qualitativa que invalida sua própria categoria. Em outras palavras, quando uma obra literária não atinge certo padrão de qualidade, ela é regionalista; se ela atinge esse padrão, ela é reconhecida nacionalmente ou até mesmo em âmbito universal.⁹¹

Obras e autores regionalistas – salvo exceções como alguns romancistas de 30 e as veredas sertanejas de Guimarães Rosa – costumam ser vistos pela crítica (e conseqüentemente pelas histórias literárias) como esteticamente inferiores, sendo a superioridade da produção literária não regionalista vinculada à sua universalidade, categoria também responsável pela redenção de escritores como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa que em nome da abrangência de sua obra alçam vôo da vala comum do regionalismo.⁹²

⁸⁹ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b, p.195. Especialmente no que tange à obra de Guimarães Rosa, Candido a caracteriza como um super-regionalismo como sendo a “consciência dilacerada do subdesenvolvimento” que é “solidamente plantada no que se poderia chamar de universalidade da região.”

⁹⁰ ARAÚJO, Humberto Hermengildo de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira – do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**. Curitiba, n.74, jan/abr, 2008, p.128.

⁹¹ LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.699.

⁹² LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.327.

Porém, o regionalismo, sob muitos aspectos, valorizou áreas remotas, cujos grupos sociais e suas condições de vida foram marcados pelo subdesenvolvimento, uma vez que essa “realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante.”⁹³ Se tal pressuposto for aceito, a investigação acerca das regiões do país ainda continua como uma categoria válida para entender o funcionamento das sociedades, especialmente nos países subdesenvolvidos. Enquanto essa condição histórico-social persistir, também continuarão a existir desigualdades essenciais entre as regiões, tanto em termos econômicos quanto em termos políticos e culturais.

Portanto, a discussão acerca do regionalismo não se esgota em um momento específico da história literária brasileira. Mais do que isso, a literatura regionalista – que carrega consigo um adjetivo que a qualifica⁹⁴ – se coloca como elemento central na compreensão do subdesenvolvimento brasileiro. Se, inicialmente, havia uma valorização da natureza e do índio ligada a questões políticas, posteriormente, a temática passou a ser tratada de forma mais humanizadora, ou seja, o local passou a não ser simplesmente um pano de fundo, mas compreendido numa relação dialética do homem com o meio.

[...] depois da visão mais ou menos eufórica dos românticos, veio a onda naturalista com seu choro pelo fim do mundo rural e natural (e tensionada pela linguagem, ainda irresolvida), seguindo de perto pelos romancistas de 1930, esses aparelhados de lente crítica moderna, capaz de diagnosticar racionalmente as estruturas do mundo rural de modo a ver o sentido e o destino dos homens nesse mundo, que agonizava.⁹⁵

A figura romântica do índio – o “abstrato da nacionalidade harmônica” – foi deslocada e fragmentou-se na visão do homem brasileiro em diferentes tipos regionais: o

⁹³ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b, p.192.

⁹⁴ LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.327.

⁹⁵ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.63.

sertanejo, o cangaceiro, o caboclo, o gaúcho, o caipira, o garimpeiro, sendo todos eles homens livres que viviam de favores nas terras dos patrões.

Ao enfocá-los, a literatura reproduz, direta ou indiretamente, como vimos, as contradições dessa fase de reajuste da economia nacional ao novo momento do capitalismo dependente. Mas, apesar da idealização e do ponto de vista europeizante com que tenta criar os tipos regionais, volta e meia consegue captá-los mais concretamente no seu cotidiano miserável.⁹⁶

Assim, o regionalismo, mais do que uma tendência literária datada, foi fundamental tanto para uma concepção de país quanto para o que seria uma literatura brasileira. O que num primeiro momento se traduziu em uma diferenciação diante dos demais países, acabou se transformando em diversidade interna.

[...] a sucessão dos termos ‘americanismo’, ‘nacionalismo’ (patriotismo, brasileirismo) e ‘regionalismo’ sugere um movimento do ‘zoom’ ao ‘close’, gerando uma especificação cada vez maior na imagem que esta tradição da literatura brasileira tinha de si mesma e de seus contextos.⁹⁷

Suas variantes ao longo da história cumpriram seu papel, ora como consciência amena do atraso e sua exaltação nativista, ora como consciência do subdesenvolvimento e o enaltecimento do homem com menor idealização e maior aspiração universal. Porém, essa forma literária sempre foi vista de forma diminuída diante das demais obras produzidas no Brasil, servindo muitas vezes como divisor de águas entre uma literatura considerada boa e outra não. O simples fato de tratarem de uma determinada região já é motivo para que se enquadre dentro de um padrão analítico inferior aos demais.

Quase como um insulto, o regionalismo abarcou autores tão diversos quanto os momentos históricos que presenciou. Para Fischer, a diminuição dessas obras parte de uma crítica que é “urbanófila” ou “urbanólatra”, uma vez que a cidade passou a ser vista

⁹⁶ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, A. (org.). **América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2, p.675.

⁹⁷ LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.310.

como o único o *locus* do conhecimento, da inteligência e da arte inventiva. Por isso, o regionalismo se constitui como um conceito tão nefasto “que deveria ser posto de lado, em debate sério, em favor de termos mais precisos na descrição do fenômeno que abordam”⁹⁸.

Tais fenômenos se localizaram e ainda se localizam nas regiões brasileiras, pois de acordo com Antonio Candido sua valorização está intimamente ligada à condição sócio-histórica do subdesenvolvimento. O que não se pode perder no horizonte de análise é que o regionalismo pode ser moderno e universal, insurgindo-se contra um padrão civilizatório imposto pelo capitalismo. Por vezes, essa tendência foi nacionalista e retrógrada; em outras, foi determinista e alienadora; mas também foi crítica e humanizadora. Levar em consideração esse caráter não estático e histórico do regionalismo faz com que os estereótipos se dissolvam diante da universalidade presente nos espaços histórico-geográficos. Ou seja, nas obras em que “por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito na eternidade, porque o beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco.”⁹⁹

É escusado dizer que no caso da literatura regionalista brasileira essas questões nascem lá longe, e talvez inscrevam-se na esteira do modo de dominação física, política e econômica vigente por longo tempo e por diferentes modos na América Latina... Talvez as questões com que hoje a crítica e a história literária vêm-se a braços enraizem-se no subsolo da dominação cultural.¹⁰⁰

O objetivo aqui foi o de entender a forma como as regiões brasileiras foram tratadas na literatura através do tempo sob uma perspectiva mais ampla e histórica. A partir dessas premissas acerca do regionalismo na literatura brasileira e suas relações intrínsecas com o subdesenvolvimento, no item seguinte a discussão se centralizará nesse

⁹⁸ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.133. O autor sugere, por exemplo, o uso de ‘narrativa de tema rural’ ou ‘narrativa de tema urbano’.

⁹⁹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Estudos Históricos**. Do beco ao belo. Rio de Janeiro, 1995, v.8, n.15, p.161.

¹⁰⁰ LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.319.

debate nos dias atuais. Através da obra de Milton Hatoum, a idéia não será tanto inserir a obra do autor nessa tendência, pois já foi demonstrada a problemática existente diante do termo. Porém, as obras de Hatoum tratam de uma região específica do Brasil e apesar de muitas controvérsias, os romances desse importante escritor amazonense suscitam um debate rico e de retomada de aspectos fundantes da literatura brasileira, bem como de elementos de compreensão da configuração histórico-social do Brasil atualmente.

1.3. Às margens do rio Negro: Milton Hatoum e a realidade da região.

O percurso feito até aqui procurou expor a literatura como forma de expressão e de comunicação diante de um contexto social e da própria formação da sociedade brasileira. Através de uma tendência comum de focar as regiões brasileiras na literatura em diversos momentos históricos, a idéia foi mostrar justamente como isso foi feito de formas diferentes e esteve profundamente ligado às formas específicas de desenvolvimento do Brasil. O subdesenvolvimento traz consigo peculiaridades que, muitas vezes, ao longo da história, não foram bem compreendidas pelos estudiosos. Por isso, tratar o subdesenvolvimento em consonância com a historicidade específica dos países é fundamental para não se recair em superficialismos e transplantações.

Um olhar para essa problemática nos dias atuais é necessário para que se compreenda o percurso e o processo de desenvolvimento da literatura e da sociedade. Desta forma, a obra de Milton Hatoum oferece um ponto de partida importante para que essas questões sejam avultadas novamente. Seu olhar sobre a região norte do país pode ser entendido de várias maneiras. Porém, o que interessa aqui é como as suas obras são estruturadas e como personagens e enredos se conectam especialmente a Manaus e às características culturais das regiões ou mesmo das tradições libanesas também presentes nos romances. Um outro elemento que pode ajudar a compreender a obra de Hatoum é o

realismo com que as obras são narradas e a maneira com que os personagens lidam com determinadas situações em um determinado contexto.

Milton Hatoum nasceu em Manaus no ano de 1952. Descendente de uma família libanesa – seu pai era muçulmano e sua mãe era católica – permaneceu na cidade até meados da década de 1960. Em Manaus escrevia artigos em um jornal estudantil, o “Elemento tempo feio”, no Colégio Pedro II que protestava contra a ditadura. Mudando-se posteriormente para Brasília, no intuito de terminar o curso secundário em um colégio de aplicação, o Centro Integrado de Ensino Médio que pertencia à Universidade de Brasília (UnB). Ainda em Brasília, chegou a publicar um poema no jornal “Correio Brasiliense” contra a guerra do Vietnã, além de ter participado do movimento estudantil e ter presenciado a invasão militar à UnB. Por causa da repressão, em 1979, muda-se para São Paulo, onde cursou arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), na Universidade de São Paulo (USP), mas também acompanhava algumas aulas como aluno ouvinte no curso de letras. Trabalhou como desenhista e projetista por pouco tempo e chegou a dar aulas de arquitetura em Taubaté. Na década de 1980, ganhou uma bolsa de estudos do Instituto Ibero-Americano de Cooperação e foi para Madri estudar língua e literatura por três meses. Realizou seu sonho de morar em Barcelona e depois mudou-se para Paris. Depois de quatro anos na Europa, voltou para Manaus e lecionou na Universidade Federal do Amazonas, além de ter sido professor convidado na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Em 1998, saiu da Universidade para que pudesse escrever integralmente. Vive em São Paulo desde 1999.¹⁰¹

Publicou os romances **Relato de um certo Oriente** (1989), **Dois irmãos** (2000), **Cinzas do Norte** (2005), a novela **Órfãos do Eldorado** (2008) e o livro de contos **A cidade ilhada** (2009). Além disso, trabalha como tradutor e escreve para jornais e revistas. Foi traduzido para diversas línguas e ganhou prêmios importantes aqui e no

¹⁰¹ HATOUM, Milton. Um leitor exigente para leitores exigentes. **Caros Amigos**, São Paulo, ano XIII, n.156, p.12-16, março de 2010. Entrevista concedida a Hamilton Octávio de Souza, Lúcia Rodrigues, Renato Pompeu e Tatiana Marcelino.

exterior¹⁰². Na contracorrente dos escritores brasileiros, Hatoum primeiro publicou romances e depois mergulhou no universo dos contos¹⁰³.

Uma das chaves para a compreensão de sua obra está num trecho de **Órfãos do Eldorado**: “Vais perambular pelas mesmas ruas até voltares para cá. Tua vida foi desperdiçada neste canto do mundo. E agora é tarde demais, nenhum barco vai te levar para outro lugar.”¹⁰⁴. Manaus é o ponto de partida para que Hatoum desenvolva os dramas familiares, a decadência da cidade e das relações, as transformações no espaço, a ditadura militar, os estrangeiros, os migrantes, os indígenas, se misturando na cidade e remetendo a um tempo e a uma parte do Brasil aparentemente esquecidos.

[...] as tramas narrativas encenam a multiplicidade cultural da cidade de Manaus, espaço tão caracteristicamente tropical brasileiro, cidade que nasceu e cresceu, vive e se desenvolve em torno do rio. Tal espaço amazônico é captado preferencialmente através de famílias de imigrantes libaneses, de seus filhos e dos agregados que com eles convivem, misturados aos ‘nativos’ da terra, a outros imigrantes e exilados dentro da própria terra, negociando suas representações identitárias como formas de construção alternativa das falas do mundo.¹⁰⁵

Assim, as obras de Hatoum se inscrevem “na perspectiva da liberdade de escolha, do trânsito entre culturas e linguagens, de mundos que se cruzam incessantemente e resultam numa mescla de referências inusitadas”¹⁰⁶. Os enredos se desenrolam através da trajetória de famílias decadentes em Manaus, a permanência delas na cidade, sendo que as adaptações e os conflitos internos vão se misturando ao próprio desenvolvimento da

¹⁰² Dentre outros, o autor foi vencedor do prêmio Jabuti com as obras **Relato de um certo Oriente** (categoria romance, em 1990), **Dois irmãos** (categoria romance, em 2001), **Cinzas do Norte** (livro do ano de ficção, em 2006) e **Órfãos do Eldorado** (2º lugar, na categoria romance, em 2009). Além disso, em 2006 ganhou o prêmio Portugal Telecom com o romance **Cinzas do Norte**.

¹⁰³ CECCARELLO, Vera Helena Picolo. A cidade ilhada (resenha). **Estudos de sociologia**. Araraquara: UNESP/FCL, 2009, v.14, n.27, 2º semestre de 2009, p.483-488. Aqui serão explorados os aspectos referidos aos romances, uma vez que nos contos, de certa maneira, são retomados temas dos romances anteriores.

¹⁰⁴ HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a. Trata-se de uma referência ao poema **A cidade** (1910), do grego Konstantinos Kaváfis, epígrafe do livro: “Não encontrará novas terras, nem outros mares/ A cidade irá contigo.”

¹⁰⁵ CURY, Maria Zilda Ferreira. Entre o rio e o cedro: imigração e memória. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.83.

¹⁰⁶ CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito**. São Paulo: Annablume, 2007, p.59.

cidade. Especialmente nos dois primeiros romances, **Relato de um certo Oriente e Dois irmãos**, a presença de famílias libanesas é mais evidente, pois foram atraídas pelo ciclo da borracha, permaneceram em Manaus e lidaram com a decadência econômica e o surto da modernização industrial. Os personagens estão ligados ao contexto urbano de Manaus, na esfera do comércio e se relacionando com outros imigrantes ou com as populações nativas.¹⁰⁷ Nos romances,

[...] permanece a obsedante atenção aos grupos familiares que vão se arruinando em meio ao projeto político militar para a Amazônia brasileira, em meio à mudança de ordem mundial que, a partir da década de 60, no Norte do Brasil, substituiu definitivamente as empresas familiares por outro modelo econômico de que a Zona Franca e o Parque Industrial de Manaus são sinais.¹⁰⁸

Essa reconstrução de Manaus é perpassada o tempo todo pela memória dos personagens e dos narradores. Os romances parecem compor uma teia em que os meandros das lembranças trazem à tona os cheiros, os gostos, os rostos e os conflitos de uma Manaus que parece não mais existir. De acordo com Tânia Pellegrini, Hatoum adota uma concepção de tempo que irrompe na contracorrente da ficção contemporânea, que se baseia na ação e num ritmo mais acelerado da narrativa. A viga dos seus romances é o “fluxo de memória”, o tempo de “descoberta da modernidade, cujo fluir permite ao indivíduo manter contato com o *continuum* de sua própria identidade, por meio da lembrança dos fatos, atos e pensamentos passados, seus e de outrem.”¹⁰⁹

O primeiro romance de Hatoum, **Relato de um certo Oriente**, foi publicado em 1989 e inaugura temas caros à obra do autor como um todo: os dramas familiares e a memória. Após vinte anos distante, a narradora visita a casa em que passara sua infância e

¹⁰⁷ CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito**. São Paulo: Annablume, 2007, p.62. A autora afirma que a ocupação do território por parte dos imigrantes árabes foi deferente das demais: por não desejarem trabalhar diretamente com a agricultura, os descendentes sírio-libaneses acabaram se espalhando pelo Brasil tendo o comércio por atividade principal, diferentemente da ocupação territorial feita pelos italianos e alemães.

¹⁰⁸ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.28, jul/dez 2006, p.125

¹⁰⁹ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.99.

seu relato vai se misturando e compondo um mosaico de lembranças e situações vividas por uma família de libaneses em Manaus. O romance se estrutura na forma de correspondência com o irmão da narradora que vivia na Inglaterra, no intuito de lhe contar sobre a morte da matriarca Emelie. O relato procura nos odores e nas sensações, fragmentos de memórias que buscam sua própria identidade “numa carta que seria a compilação abreviada de uma vida” e por isso, começou a “imaginar com os olhos da memória as passagens da infância, as cantigas, os convívios, a fala dos outros, a nossa gargalhada ao escutar o idioma híbrido que Emelie inventava todos os dias”¹¹⁰. Seu relato se soma ao de outros personagens, como seu tio Hakim, o fotógrafo alemão Dorner, seu pai e a amiga Hindié Conceição. “O coral de vozes dispersas a que faz alusão é o resultado de cada voz que se constitui como um dos muitos relatos do texto, e que ao final constituirá *um único* relato, filtrado pela voz da narradora”¹¹¹.

O romance seguinte, **Dois irmãos**, publicado após um intervalo de onze anos, também remete a uma família de libaneses em Manaus, porém o foco da narrativa é o conflito entre os gêmeos Yaqub e Omar, filhos de Halim e Zana. O livro é narrado por Nael, filho da empregada da casa Domingas, na tentativa de recompor sua própria história: “Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde eu tinha vindo. A origem, as origens. Meu passado, de alguma forma, palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia [...] Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai.”¹¹² Somam-se a isso a relação incestuosa da irmã Rânia com os gêmeos; o excesso de zelo de Zana com Omar; o desgosto de Halim por ter perdido a atenção de Zana para os filhos; a partida de Yaqub a São Paulo para estudar engenharia; a permanência de Omar em Manaus, suas bebedeiras, contrabandos e mulheres; e o conflito dos irmãos que culminou com a derrocada da família.

¹¹⁰ HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b, p.148.

¹¹¹ CHIARELLI, Stefania. Sherazade no Amazonas – a pulsão de narrar em “Relato de um certo Oriente”. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.36, grifos da autora.

¹¹² HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.73.

O romance executa um mergulho vertical nos meandros da memória, tentando refazer o desfeito, proustianamente examinando cada indício: cheiros e perfumes, sons e silêncios, luzes e sombras, palavras ditas e caldas, gestos esboçados, vozes e passos perdidos no horizonte de muitos anos. O vertical e o horizontal tecem o tempo numa teia narrativa que não permite estabelecer um sentido único e definitivo, pois se trabalham indícios, suspeitas e pistas falsas, como que mimetizando o caminho que o próprio narrador percorreu, até chegar às suas conclusões.¹¹³

Cinzas do Norte, terceiro romance de Hatoum, foi publicado em 2005, é narrado por Lavo e se estende desde o início da ditadura até a década de 1980. O livro traça a história paralela dos amigos Mundo e Lavo: o primeiro vem de uma família rica, sonha em ser artista e vive uma vida de conflitos com o pai, Jano; o outro é órfão, foi criado pelos irmãos de sua mãe, tio Ran e Ramira, e assiste a tudo como um observador. No decorrer da narrativa, o relato de Lavo se mistura a cartas de tio Ran enviadas para Mundo e as histórias das duas famílias vão se entrelaçando ao mesmo tempo em que as figuras de Lavo e Mundo se complementam, num cenário de desilusões, amores mal resolvidos, conflitos políticos e familiares. O romance parece continuar, historicamente, de onde parou **Dois irmãos**, pois o que se vê é a implantação da ditadura em Manaus, concomitante a um processo de urbanização caótico e devastador¹¹⁴.

Em poucos anos Manaus crescera tanto que Mundo não reconheceria certos bairros. Ele só presenciara o começo da destruição; não chegara a ver a ‘reforma urbana’ do coronel Zanda, as praças do centro, como a Nove de Novembro, serem rasgadas por avenidas e terem todos os monumentos saqueados. Não viu sua casa ser demolida, nem o hotel gigantesco erguido no mesmo lugar.¹¹⁵

Em 2008, Hatoum publica a novela **Órfãos do Eldorado**, sob encomenda da editora escocesa Canongate para uma coleção chamada “Mitos”. O enredo se desenvolve

¹¹³ PELLEGRINI, Tânia. Regiões, margens e fronteiras: Milton Hatoum e Graciliano Ramos. **Despropósitos**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008, p.125.

¹¹⁴ FREIRE, José Afonso Torres. **Entre construções e ruínas**. Tese (Doutorado em Literatura brasileira). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p.204.

¹¹⁵ HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.258.

a partir do narrador, Arminto Cordovil, contando sua história a um viajante: seus conflitos com o pai, Amando, a falência e sua falta de tino para os negócios, pois “não tinha a obstinação do meu pai, nem a esperteza [...] joguei fora a fortuna com a voracidade de um prazer cego.”¹¹⁶. Além disso, conta também da espera pela volta da índia Dinaura, por quem havia se apaixonado. Segundo a lenda, ela havia ido atrás da cidade encantada no fundo das águas, onde todos acreditavam que lá se vivia uma vida mais próspera e feliz: “A mulher caminhou na margem até sumir na neblina. Podia ser Dinaura. Ou invenção do meu olhar. Lembrei da tapuia que foi morar numa cidade encantada [...]”¹¹⁷. Esse mito da cidade do Eldorado está por trás de toda a trama do livro e se relaciona com o naufrágio do cargueiro de Amando, o *Eldorado*, marcando a derrocada dos negócios da família.

Assim, pode-se se dizer que o eixo comum que perpassa os romances são os conflitos familiares em uma cidade que se transforma ao longo do tempo e que é filtrado pela memória dos personagens. Os narradores, cada qual à sua maneira, buscam compor “o bordado sobre o tecido da lembrança”¹¹⁸. Em **Relato de um certo Oriente**, a narradora se reflete em várias vozes, em vários relatos de quem viveu o mesmo que ela. Já para Nael, em **Dois irmãos**, a narrativa se desenrola à medida que busca sua própria identidade, seu grau de pertencimento na família e conta, aos poucos, uma história que é sua, enquanto filho bastardo: “Muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante”¹¹⁹. Algo semelhante acontece com Lavo, em **Cinzas do Norte**, pois a história que ele vê, confunde sua trajetória com a de Mundo, ambos diferentes e próximos ao mesmo tempo. Em **Órfãos do Eldorado**, o narrador Arminto conta sua história, misturando fantasia e realidade, enquanto rememora as desavenças com o pai, a espera por Dinaura, em meio à profusão de mitos amazônicos.

¹¹⁶ HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a, p.14.

¹¹⁷ HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a, p. 33.

¹¹⁸ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.28, jul/dez 2006, p.127

¹¹⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.29.

Pode-se dizer que há uma espécie de trilogia formada pelos romances **Relato de um certo Oriente**, **Dois irmãos** e **Cinzas do Norte**. Além de uma sucessão cronológica, os três livros se amarram na temática e do desenvolvimento dos conflitos e dos narradores. No primeiro, há uma narrativa que parece não ter fim, uma Sherazade que conta e reconta suas lembranças, perdendo-se na sua fala e nas dos outros para se encontrar. No segundo, de estrutura mais linear que o romance anterior, a problemática se dá em torno da ambigüidade de pertencer do narrador. E no terceiro, a ambigüidade se resolve em distanciamento, com um narrador olhando tudo de longe.

O fio condutor que perpassa os narradores dos romances é a escolha daqueles que não poderiam falar em primeiro plano: os agregados, os enjeitados, os filhos de criação. São sempre personagens que não têm voz dentro das famílias, mas que assistem ao desenvolvimento dos conflitos e à derrocada familiar.

Se a narradora em **Relato de um certo Oriente** faz parte da família, mas não tem reconhecimento, se em **Dois irmãos**, Nael é empurrado para a periferia da convivência familiar, mas chama para si o direito ao relato dos fatos, em **Cinzas do Norte**, Lavo, não sendo exatamente nem uma coisa nem outra, vive em um não-lugar, porque, diferentemente dos outros narradores, tem como que um medo de tocar no mundo, embora tenha os meios para isso.¹²⁰

A presença familiar nos romances vem delineada fortemente pela presença feminina: seja a matriarca Emilie de **Relato de um certo Oriente**, ou Zana em **Dois irmãos**. “Trata-se de um microcosmo brasileiro no qual os homens tocam os negócios da família enquanto as mulheres ordenam o lar, as refeições e a educação dos filhos.”¹²¹ Isso possibilita uma análise do lugar social dos personagens no romance. As matriarcas, apesar de serem boas e acolhedoras, também renegam quando julgam necessário. Em **Relato de**

¹²⁰ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.28, jul/dez 2006, p.135

¹²¹ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n. 28, jul/dez 2006, p.125. Porém, há as exceções: Rânia de **Dois irmãos** e Samara Délia, de **Relato de um certo Oriente**. Ambas, aos poucos, acabam tocando os negócios da família e assumindo uma posição que não era ocupada pelas mulheres até então, permitindo sua sobrevivência depois da derrocada das famílias.

um certo Oriente, Emilie acolhia a empregada Anastácia Socorro porque ela era forte e pouco atraente. Mas, com relação às empregadas mais bonitas, deveriam estender seus serviços para o âmbito sexual, buscando satisfazer os filhos de Emilie. Ela os defendia, dizendo que as caboclas eram “umas espevitadas que se esfregam no mato com qualquer um e correm aqui para mendigar leite e uns trocados”¹²².

Zana, apesar de ser menos rígida que Emelie, não se mostra tão diferente, tanto com relação à empregada Domingas, quanto com relação a Nael. As duas só se uniam quando rezavam, pois Domingas, apesar de ser uma índia, foi levada logo criança a um internato para crianças órfãs em Manaus. Domingas convivia com um cotidiano de trabalho e muitas vezes de humilhação. Certa vez, Yaqub, cobrando uma dívida do irmão diz “Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!”¹²³. Já Nael podia freqüentar o interior da casa, mas raramente sentava-se a mesa com os donos da casa e “quando não estava na escola, trabalhava em casa, ajudava na faxina, limpava o quintal [...]”¹²⁴, além de ser o porta-voz de Zana sobre as fofocas da vizinhança.

No caso de Emilie e Zana, há uma reprodução de atitudes senhoriais que poderiam ser adotadas em Biblos, cidade natal de ambas. Além disso, nesse novo contexto manauara, a diferença que era étnica, passa a ser também de classe. Para Gabriel Albuquerque, as índias Anastácia Socorro e Domingas “representam destinos inglórios selados por séculos de uma submissão permitida pelas políticas de adoção e favor.” Daqui em diante, surge uma perversidade que é uma das raízes de nossa cultura: “os afetos familiares dão a impressão de que os empregados fazem parte da família a ponto de não poderem vislumbrar outro horizonte a não ser o da casa senhorial a que estão submetidos.”¹²⁵

¹²² HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b, p.78.

¹²³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.124. Além dessa violência implícita, há o outro tipo: Domingas foi estuprada por Omar depois que ele voltou de uma noite de bebedeiras.

¹²⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.82.

¹²⁵ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n. 28, jul/dez 2006, p.132-133. Os

A extensão da bastardia é imensa em um país que prima pela negação de si mesmo: ao dar voz aos enjeitados, Milton Hatoum faz surgir um Brasil silenciado no fundo de uma casa senhorial, em um hospício, em um hospital e, ao mesmo tempo, faz falar um lugar e um tempo para os quais a história oficial brasileira parece dar de ombros.¹²⁶

O fato dos narradores dos três primeiros romances se situarem na periferia da história, contentando-se a mais descrever do que participar efetivamente, talvez corresponda a um momento crítico da história de Manaus. “O período áureo da borracha passou e a cidade vive uma pasmaceira diante da ruína que se lança sobre seus moradores.”¹²⁷

Fazendo falar Manaus e lugares específicos da região norte, com a natureza amazônica, seus aspectos histórico-sociais, seus costumes específicos e seus mitos, a presença da diversidade cultural é relevante na obra de Hatoum e ajuda a compreendê-la dentro da literatura brasileira. Tal diversidade aparece, não só com relação aos elementos característicos da região norte, seus cheiros, suas comidas e hábitos, mas também relacionado às práticas culturais das famílias libaneses que moravam em Manaus. Para Tonus, trata-se do elemento “exótico” que não desaparece da literatura moderna: “Ele continua, pelo contrário a ser um dos procedimentos narrativos mais empregados por escritores contemporâneos, e um dos mais apreciados pelo público em geral.”¹²⁸

Isso remete, inevitavelmente, a uma característica comum a algumas fases do regionalismo. No caso específico da região amazônica, para Antonio Candido, ela “atraiu romancistas e contistas brasileiros como José Veríssimo e Inglês de Souza, desde o começo do Naturalismo, nos decênios de 1870 e 1880 [...]”, seguidos por José Eustasio

elementos a respeito do tratamento dado aos empregados nas obras de Hatoum serão retomados posteriormente quando for abordado especificamente o personagem-narrador Nael, do romance **Dois irmãos**. Esses elementos são fundamentais para compreender sua origem familiar e social, bem como sua função dentro do romance.

¹²⁶ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.28, jul/dez 2006, p.128

¹²⁷ ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.28, jul/dez 2006, p.135

¹²⁸ TONUS, José Leonardo. O efeito-exótico em Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.26, jul/dez 2005, p.138.

Rivera e também Vargas Llosa, “onde o pitoresco e a denúncia são recessivos, ante o impacto humano que se manifesta, na construção do estilo, com a imanência das obras universais.”¹²⁹ Além deles, há também autores como Peregrino Júnior, Abgvar Bastos, Osvaldo Orico, Raimundo Morais e Dalcídio Jurandir¹³⁰. Segundo Tânia Pellegrini, só a partir da década de 1970 que a literatura amazonense ganhou notoriedade com a obra **Galvez, imperador do Acre**, de Márcio de Souza, que “procurou fundamentar uma atitude de preservação das peculiaridades culturais amazonenses, por meio de técnicas narrativas folhetinescas combinadas com formas tradicionais, tais como rituais ou encenações indígenas [...]”¹³¹.

Houve a tentativa de inserir a obra de Hatoum dentro da tradição da literatura amazônica, apesar do reconhecimento de que o tratamento dado aos aspectos da região ser diferenciado. Essa ambigüidade poderia ser desfeita se “ao invés de procurar a Amazônia exótica no texto, os críticos notassem a maneira como Milton recoloca algumas imagens da região com uma linguagem mais sutil, escapando do estereotipado, por exemplo.”¹³². De acordo com Alfredo Bosi, para quem supunha que da Amazônia só viessem episódios de seringueiros ou índios massacrados, a obra de Milton Hatoum, especialmente com relação a **Relato de um certo Oriente**, surpreende e pode indicar que, assim como fez Raduan Nassar,

[...] um certo ideal de prosa narrativa, refletida e compassada, que vem de Graciliano e chegou a Osman Lins, não é forçosamente fruto de um passado estético irreversível. Esse padrão resiste em meio aos cacos do mosaico pós-moderno e significa a vitalidade de um gosto literário sóbrio que não renuncia à mediação da sintaxe bem composta do léxico preciso, sejam quais forem os

¹²⁹ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b, p.191.

¹³⁰ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p.426.

¹³¹ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.105. Para a autora, a obra de Hatoum se insere nessa linhagem de Márcio Souza.

¹³² FIDELIS, Ana Cláudia. **Entre Orientes**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p.67.

graus de complexidade da sua mensagem. A idéia de arte como trabalho baqueou, mas ainda não morreu.¹³³

Segundo Tonus, há, por parte de Hatoum, uma tendência de atenuar o efeito “exótico” através de estratégias narrativas, como sujeitos próximos dessa situação no romance, dessacralizando tal elemento. No caso do romance **Relato de um certo Oriente**, os personagens Hakim e Dorner podem servir como exemplo disso. Hakim está próximo ao ambiente narrado e tudo para ele passa a ser banal e abrandado. Já para Dorner, um fotógrafo alemão, há o deslumbramento do olhar do personagem sobre as diferenças. Porém, no decorrer do romance, há certas doses de enigma, segredo e mistério rondando a paisagem amazônica, dando ambigüidade ao problema. De um lado, a proximidade de Hakim com o universo amazônico faz com que o efeito com relação aos diferentes costumes seja neutralizado na narrativa; porém, essa percepção “enquanto espaço enigmático, convida o leitor a penetrar um mundo misterioso que, inacessível e indescritível, acentua a deriva exótica.”¹³⁴

Encarar determinados elementos presentes na narrativa e no cotidiano manauara como sendo “exóticos”, leva a problemática para além da simples visão sobre o que é diferente. Isso pressupõe que, se há “exotismo”, há a idéia de uma homogeneidade nacional e que alguns aspectos destoam disso. Essa concepção de um padrão civilizatório e social a ser seguido pode ser ameaçada pela diversidade, o que encobre um problema maior: a desigualdade que é social, regional, econômica e cultural.

Assim, por fazer parte da realidade e da vida dos personagens do romance, é importante que se considere qual o papel dos elementos que se fundam na diversidade cultural e social da região norte, presentes nas descrições dentro da estrutura narrativa. Afinal, não se trata de julgar determinados aspectos por si só, e sim concebê-los dentro do

¹³³ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p.437.

¹³⁴ TONUS, José Leonardo. O efeito-exótico em Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n.26, jul/dez 2005, p.139.

romance para compreender qual o seu papel interno. Segue um excerto do romance **Dois irmãos**:

Perto do Hotel Amazonas ele parou diante da banquinha de tacacá da Dona Deusa, tomou duas cuias sorvendo com calma o tucupi fumegante, mastigando lentamente o jambo apimentado, como se quisesse recuperar um prazer da infância. Depois nós caminhamos pelo porto da escadaria, onde um canoeiro nos conduziu até o igarapé dos Educandos. A vazante do rio Negro formava praias enlameadas, onde havia pequenos motores encalhados e cascos de embarcação embocados.¹³⁵

Esta passagem narra um passeio feito por Nael e Yaqub por Manaus, depois de anos sem que o gêmeo voltasse à cidade. Aqui, Nael pôde conhecer um pouco mais do homem distante em sua vida e que poderia ser seu pai. Os lugares por que passam, Yaqub costumava ir com Domingas na infância e na adolescência e isso, de certa forma, traz à sua lembrança momentos do passado que há muito não recordava. Essa é uma das poucas oportunidades que Nael teve de ficar mais próximo de Yaqub, considerado por todos como frio e calculista; porém, nesse passeio ele mostrou uma faceta sensível e confidenciou alguns sentimentos àquele menino, possivelmente seu filho. Aqui os elementos regionais, como o tacacá, o tucupi, o jambo apimentado e o passeio no igarapé são fundamentais para que Yaqub sinta novamente as sensações de um passado, em que os sentimentos de ódio e vingança sequer existiam. São, portanto, mais do que aspectos “exóticos”, pois fizeram parte da vida daquele personagem durante muitos anos.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que os romances de Hatoum focalizam tanto a passagem do tempo em uma cidade situada na periferia da periferia do capital, em período de decadência diante do auge da borracha no período anterior. Essa decadência de Manaus corresponde a uma época de crise em termos de perspectiva, tanto da cidade quanto de seus moradores. Porém, as transformações no espaço manauara também são testemunhas desse processo de deteriorização da cidade: a destruição da cidade flutuante,

¹³⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.114.

os cortiços, o fim paulatino dos igarapés, os novos comerciantes estrangeiros, para culminar com a implantação da Zona Franca de Manaus.

Para falar dessa transformação progressiva ocorrida em Manaus, Milton Hatoum se utiliza de questões peculiares para falar de uma região peculiar, com suas características próprias. Esse tipo de constituição narrativa pode ser entendido como um tipo de regionalismo, afinal, o que está em discussão aqui é a região norte, ou ao menos, de sua capital. Porém, há que se considerar as questões já debatidas aqui a respeito do conceito regionalismo e de suas implicações históricas e epistemológicas. Não se pode deixar de levar em consideração o uso dessa terminologia, por vezes equivocada, por vezes estereotipada.

Tânia Pellegrini caracteriza a obra de Hatoum como sendo um *regionalismo revisitado*, pois opera uma mescla de elementos de matizes diversos de uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas européias e urbanas que formaram nossa literatura. Nesse sentido, para ela, o autor revitaliza o gênero que parecia estar se esgotando.

[...] dentro da estrutura geral da sociedade brasileira, o seu regionalismo ainda tem o papel de acentuar as particularidades culturais que se forjaram nas áreas internas, contribuindo para definir sua outridade, ao mesmo tempo em que as insere no seio da cultura nacional como um todo, por meio de sua temática universal.¹³⁶

Hatoum opera uma outra perspectiva com relação à diversidade cultural da região norte. Num primeiro momento, isso se dá com relação aos escritores e obras considerados como sendo parte do regionalismo amazônico, cuja ênfase era dada na opulência natural. Isso ocorre porque, diferentemente dos demais autores, a Amazônia de Hatoum é urbana e as trajetórias familiares se desenvolvem concomitantes à das cidades, especialmente de Manaus. Um segundo aspecto se processa dentro da própria estrutura narrativa, em que

¹³⁶ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.107.

recursos formais são utilizados para mostrar, não só o ponto de vista dos que vêm a cidade e a floresta de fora, mas também daqueles que viveram e vivem aquela realidade específica. Tomando por base o esquema autor-obra-público de Antonio Candido, o terceiro elemento está relacionado à maneira com que o texto é compreendido, pois para os leitores situados fora da região norte, alguns traços podem ser considerados “exóticos”; porém, para o autor são dados de uma realidade vivida, assim como para muitos de seus personagens. Os elementos considerados diferentes culturalmente são vistos sem idealização, como um elemento concreto que parte da realidade que, nesse sentido, passa a fazer parte de um *realismo*¹³⁷.

O realismo enquanto gênero literário eclodiu no século XIX diante das mudanças ocorridas na sociedade francesa e passou a conviver com outras diversas concepções narrativas ao longo do tempo. Diante do surgimento das vanguardas, o realismo que antes era considerado moderno ao retratar a ascensão da burguesia, passou a ser visto como retrógrado e conservador. Porém, isso não fez com que ele desaparecesse e, pelo contrário, “[...] cresceu e se ramificou, fazendo da objetividade da experiência do indivíduo, de sua vida articulada e contínua e de sua luta contra um ‘mundo hostil’ o tema preferencial.”¹³⁸

O tratamento sério da realidade cotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial, por um lado – e, pelo outro, o engarçamento de personagens e acontecimentos cotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea, do pano de fundo historicamente agitado – esses são, segundo nos parece, os fundamentos do realismo moderno [...]¹³⁹

¹³⁷ Trata-se de um realismo enquanto “interpretação da realidade através da representação literária”. Tal forma de representação está presente em toda a literatura ocidental, desde Homero até Virgínia Woolf. AUERBACH, Eric. **Mimeses**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 499.

¹³⁸ PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo: Abralic, n.14, 2009, p.13.

¹³⁹ AUERBACH, Eric. **Mimeses**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.440. No caso, o autor se refere ao surgimento de um tipo específico de realismo, especificamente no caso de Balzac, Stendhal e Flaubert, mas que, tal estilo de representação da realidade cotidiana acabou por se consagrar na modernidade.

A mimese é o princípio fundador do olhar para a realidade, na concepção de Auerbach. Porém, não se trata de uma realidade exposta pura e simplesmente, mas da maneira como a realidade é exposta através da forma literária. A realidade na literatura é “elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa, fecundando-a interiormente por um fermento de fantasia, que a situa além do cotidiano – em concorrência com a vida.”¹⁴⁰ Ou seja, a realidade não é copiada, nem reproduzida nem imitada, e sim interpretada, na medida em que os traços reais encontrados na obra não são, de fato, os reais, mas aqueles que passaram pelo filtro criativo do autor, mantendo dentro de si uma realidade verificável.

Entretanto esse emprego do termo ‘realismo’ tem o grave defeito de esconder o que é provavelmente a característica mais original do gênero romance. Se este fosse realista só por ver a vida pelo lado mais feio, não passaria de uma espécie de romantismo às avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta.¹⁴¹

Ao mesclar características pessoais e sociais dentro de um romance, o realismo coloca o dado social, não como um pano de fundo para o desenrolar das atitudes individuais, nem coloca as pessoas como ilustrações de certos modos de vida.¹⁴² Isso remete a uma perspectiva social e narrativa mais ampla e mais complexa. Vale salientar que o realismo não é o mesmo em todos os momentos da história, visto que sua transformação acompanha as mudanças e as formas de compreensão da realidade, sem perder a perspectiva de representar a realidade.

[...] o realismo, saindo pela porta da frente, volta sempre pela dos fundos, como um modo – uma forma – de se impor ao sujeito como presença inescapável, representação da existência concreta do mundo, mesmo como simulacro [...]; volta refratado, como um modo de representar as relações de hoje entre o social

¹⁴⁰ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007, p. 429

¹⁴¹ WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.13.

¹⁴² WILLIAMS, 2001, p.304 Apud PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo: Abralic, n.14, 2009, p.18.

e o pessoal; volta como sintoma e diagnóstico de um estado de coisas de alguma forma parecido com o do momento em que ele eclodiu como necessidade histórica.¹⁴³

Tais concepções acerca do realismo são importantes para que se compreenda a obra de Milton Hatoum. Não há como analisar os elementos presentes nos romances sem levar em consideração dois aspectos: a presença da diversidade cultural e também os dados da realidade concreta, porém, sem tratá-los separadamente. O primeiro caso está ligado a um enfoque nas regiões brasileiras que – como já foi abordado anteriormente – é uma tendência histórica e mutável e que, no desenvolvimento da sociedade brasileira, sua existência foi profícua como forma de compreensão da realidade. Tal concepção

[...] existiu, existe e existirá enquanto houver condições como as do subdesenvolvimento, que forcem o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana. O que acontece é que ele vai se modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem feita.¹⁴⁴

No segundo aspecto que tange ao realismo, as obras de Hatoum tratam de um momento peculiar da história brasileira, seja através dos imigrantes libaneses em **Relato de um certo Oriente** ou dos efeitos da ditadura militar em **Cinzas do Norte**. No caso específico do romance **Dois irmãos**, a ida de Yaqub a São Paulo na década de 1950 e a permanência de Omar em Manaus, avulta um tempo da história brasileira de desenvolvimento industrial e urbano, especificamente da região sudeste, o que, na visão de alguns, reforçou a divisão do país em regiões modernas e atrasadas. Portanto, analisar a obra de Hatoum sob essa perspectiva mais realista é uma forma de valorizar o drama humano em meio às palafitas e igarapés.

¹⁴³ PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo: Abralic, n.14, 2009, p.34.

¹⁴⁴ CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002, p.86.

Tratar os romances de Milton Hatoum sob o prisma histórico das regiões – e conseqüentemente do subdesenvolvimento – juntamente com os tons de realismo que permeiam os dramas familiares em uma Manaus decadente que busca sua identidade, é conferir maior complexidade à sua obra. Levar em consideração os aspectos históricos e sociais atrelados aos estéticos é de fundamental importância para que obra e contexto possam se interligar e possibilitar uma análise mais ampla e concreta da realidade. É o que se pretende no capítulo seguinte, em que serão abordados os temas referentes ao romance **Dois irmãos**, em consonância com as interpretações dualistas da realidade brasileira.

CAPÍTULO 2: Dual e combinado

“A dialética rarefeita entre o não ser e ser outro.”

(Paulo Emílio Sales Gomes)

2.1. Dois irmãos em Manaus: a história de uma decadência

Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo [...]¹⁴⁵

Trata-se de uma passagem do romance **Dois irmãos**, que remete à inauguração do restaurante de Galib, pai de Zana, no ano de 1914. Atraído pelo ciclo expansionista da borracha, o viúvo chega a Manaus com a filha e abre o restaurante “Biblos”, em homenagem à sua cidade de origem no Líbano. É no restaurante de Galib que Zana e Halim se conhecem e tempos depois se casam. Apesar do romance ter início em uma época ainda áurea de Manaus, o desenrolar dos acontecimentos se dá em período mais conturbado da história da cidade.

Publicado no ano de 2000, o romance **Dois irmãos** traz consigo diversas referências, sejam elas bíblicas – com o eterno duelo entre os irmãos Esaú e Jacó, Caim e Abel; literárias, com Pedro e Paulo, de Machado de Assis; e míticas, com Dionísio e Apolo, além dos mitos amazônicos e outros mitos ocidentais. Retoma os temas familiares tão caros a Hatoum; mas em especial, fala de uma Manaus em plena transformação. Uma cidade que não sustenta mais o progresso e a riqueza da *belle époque*, convivendo agora com as agruras deixadas por ela e crescendo de forma atropelada.

Essa é a Manaus retratada em **Dois irmãos**, uma cidade em decadência, buscando reencontrar seu lugar, sua identidade e se preparando para uma nova guinada social e econômica, que viria com a implantação da Zona Franca, em meio ao projeto militar Amazônico. Ou seja, trata-se de um período de transição entre dois momentos importantes da história da cidade.

¹⁴⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.47.

Manaus, verdadeiramente o personagem central de **Dois irmãos** exibe seu corpo dilacerado, dividido e atravessado pela violência policial, pela miséria das populações ribeirinhas, pela falta de horizontes culturais ou políticos, pela especulação comercial de suas construções.¹⁴⁶

De considerável importância em termos geográficos e fluviais, Manaus fica à margem do rio Negro, numa imensa bacia hidrográfica que privilegiou a estratégia militar dos portugueses durante a colonização. Até 1880, a região era habitada por indígenas, em sua grande maioria – especialmente os Manaós, Barés, Passés e Bambas – se constituindo de uma população dispersa e que vivia de um comércio incipiente¹⁴⁷.

Porém, a região Amazônica só ganhou notoriedade no fim do século XIX e início do século XX, com a expansão do comércio da borracha. Inúmeros foram os fatores que contribuíram para o florescimento do período que vai de meados de 1880 até por volta de 1910, conhecido como a *belle époque* amazônica. Um deles foi a introdução da navegação a vapor, impulsionada pelo governo imperial, na tentativa de diminuir o isolamento da região, prezando pela unidade monárquica. Além disso, a borracha passou a ser usada em larga escala, dado o salto da produção automobilística na Europa. A região amazônica passou a deter o monopólio de produção gomífera e as duas principais cidades – Belém e Manaus – rivalizavam pelo título de capital da borracha. Outro fator importante foi a abertura da navegação internacional na bacia amazônica no ano de 1857, não apenas para a comercialização da borracha, mas também para a entrada de bens de consumo e circulação de pessoas.

[...] foi o dinamismo da economia internacional do final do século XIX que facultou a paraenses e amazonenses a aproximação e o contato sistemático com o fluxo da economia internacional. A partir de então, eles usufruíram – projetando-se como consumidores – do conforto material que caracterizou a *belle époque*.¹⁴⁸

¹⁴⁶ CURY, Maria Zilda Ferreira. Entre o rio e o cedro: imigração e memória. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.90.

¹⁴⁷ Antigamente, a cidade era conhecida como Barra do Rio Negro, devido à sua localização, mas passou a chamar-se Manaus, justamente em homenagem ao seu grupo étnico mais representativo.

¹⁴⁸ DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.10.

Esse surto comercial promoveu uma grande dinamização, especialmente na cidade de Manaus. A descentralização promovida pela proclamação da República reteve os dividendos das regiões nos estados, fazendo com que as elites locais se lançassem numa situação de riqueza e prosperidade. Porém, havia um descompasso entre “o anseio civilizador e a realidade amazônica”, de acordo com inúmeros viajantes que visitavam a cidade e alude à “rusticidade do pequeno povoado.”¹⁴⁹

Em detrimento dessa situação, na década de 1890 houve uma transformação urbanística na cidade de Manaus, para condizer com o progresso e o triunfo da nova capital do látex. O objetivo era “modernizar, embelezar e adaptar Manaus às exigências econômicas e sociais da época [...] Era necessário que a cidade se apresentasse moderna, limpa e atraente para aqueles que a visitavam a negócios ou pretendessem estabelecer-se definitivamente.”¹⁵⁰

O poder do capital determinou uma nova concepção de cidade, sendo, portanto, o grande responsável pelo estabelecimento de conflitos impostos pelas contradições econômicas, sociais e políticas que se constituem a partir daí. O capital se apressa em engrandecer a capital do Amazonas, consolidando a demolição da antiga aldeia e da velha cidade colonial, não levando em conta, nesse projeto civilizatório, os impactos sociais e ambientais negativos.¹⁵¹

Assim, tais reformas aterraram rios e igarapés que costumavam perpassar Manaus. O planejamento promovido não unia o urbano com a natureza, separando definitivamente a cidade de seu entorno. A arquitetura e o traçado de Manaus – agora em tabuleiro de xadrez – determinaram uma nova concepção de cidade, bem como seus usos e suas funções. Além disso, casas, prédios e construções dos mais variados tipos serviram como símbolo desse avanço, tais como o Teatro Amazonas, o porto Manaus Harbor, o Mercado Municipal, além de igrejas, pontes e clubes. Essas alterações foram fundamentais para a

¹⁴⁹ HATOUM, Milton. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, B; HATOUM, M. **Crônicas de duas cidades**. Belém: Secult, 2006, p.51.

¹⁵⁰ DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus: Valer, 2007, p.28.

¹⁵¹ DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus: Valer, 2007, p.35.

própria dinâmica social da cidade, que passou a ter formas de sociabilidade muito dinâmicas, com os eventos do teatro, bailes e banquetes.

A elite já consolidada apropria-se agora da cidade que conquistou como lugar privilegiado de consagração da distinção, seja pelo consumo de bens e serviços sofisticados, seja pelo contato e interação com os negociantes da borracha e muitos viajantes que deram seu caráter cosmopolita, ou ainda por este ser mais e mais o lugar privilegiado do investimento simbólico de indivíduos que se articulam como grupo [...] A intervenção urbana promoveu, aos olhos dos que ali viviam, a superação de um atraso histórico.¹⁵²

Havia, assim, por parte da elite um desejo de transformar Manaus numa cidade civilizada nos moldes europeus, e não por acaso, passou a ser conhecida como “Paris das selvas”. Muitos dos elementos indígenas, presentes de muitas formas na cidade, foram ignorados pela reforma urbana que prezava uma modernização que fosse condizente com os anseios da elite e mesmo dos estrangeiros e viajantes que passavam por Manaus.¹⁵³

A modernidade de Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração.¹⁵⁴

A nova dinâmica instaurada pelo ciclo da borracha atraiu grande contingente de trabalhadores para a cidade. De 1889 a 1920, houve um grande crescimento populacional, alterando significativamente a morfologia social manauara que antes era formada basicamente de indígenas, elites recém formadas sem ligação com a terra – diferentemente do que ocorria em Belém e, segmentos urbanos médios com comerciantes e profissionais liberais. A novidade foi que “estrangeiros ali se fixaram, sobretudo nas

¹⁵² DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.38.

¹⁵³ HATOUM, Milton. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, B.; HATOUM, M. **Crônicas de duas cidades**. Belém: Secult, 2006, p.52. Para o autor, o que não foi percebido em nenhum momento é a diferença entre os tipos de desenvolvimento no Brasil e nos demais países desenvolvidos. Além disso, “O mesmo anseio pela modernidade marcará a tônica dos discursos dos administradores e políticos do Amazonas durante o apogeu da borracha.”

¹⁵⁴ DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus: Valer, 2007, p.29.

duas capitais, sendo em grande parte os responsáveis pela volumosa importação de bens de consumo e pela exportação da borracha [...]”¹⁵⁵. Além da população nativa formada por índios e mestiços, a cidade abarcou grande contingente de nordestinos que fugiram da seca e para trabalhar nos seringais. Muitos estrangeiros como portugueses, espanhóis, italianos, alemães, ingleses, sírios e libaneses também desembarcaram em Manaus já na década de 1880. Alguns anos depois, “esses imigrantes foram responsáveis pela dinamização do comércio, serviços urbanos e atividades terciárias. Alguns eram regatões e faziam a ponte entre a capital e o interior do Amazonas.”¹⁵⁶ Para Edinea Mascarenhas Dias, “a chegada desses contingentes de imigrantes nacionais e estrangeiros foi fator decisivo para a ampliação das atividades do comércio, transportes, bancos e outras atividades solicitadas pelos setores de serviços urbanos.”¹⁵⁷

O crescimento populacional de Manaus à época da *belle époque* mostrou também o seu lado mais perverso. Sua modernização inacabada fez com que os espaços se estratificassem e que surgissem lá as classes sociais. Apesar do grande desenvolvimento e exportação da borracha, os miseráveis em Manaus eram muitos e ficavam condensados em bairros afastados do centro. Eram formados basicamente por índios e imigrantes pobres que eram trabalhadores urbanos. As vantagens que desfrutavam os segmentos da elite a partir da atividade lucrativa da borracha destoavam das condições de vida dos trabalhadores. Para Milton Hatoum, a modernidade de Manaus foi efêmera e para poucos.¹⁵⁸

Na verdade, o que aconteceu foi que a situação dos seringueiros na Amazônia parece ter-se deteriorado durante os anos de expansão, à medida que os seringalistas e os comerciantes buscavam febrilmente obter os lucros que o aumento da demanda e a subida dos preços permitiam prever.¹⁵⁹

¹⁵⁵ DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.20.

¹⁵⁶ HATOUM, Milton. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, B.; HATOUM, M. **Crônicas de duas cidades**. Belém: Secult, 2006, p.55.

¹⁵⁷ DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus: Valer, 2007, p.36.

¹⁵⁸ HATOUM, Milton. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, B.; HATOUM, M. **Crônicas de duas cidades**. Belém: Secult, 2006, p.58.

¹⁵⁹ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 1993, p.91.

Porém, apesar da euforia das elites, simbolizada pelo novo plano urbanístico e social da cidade, na primeira década do século XX, Manaus perdeu o monopólio da borracha, que passou a ser comercializada também na Ásia. Isso fez com que as exportações caíssem bruscamente e, por volta de 1910, foi marcadamente o fim da *belle époque*, tanto no que tange à toda uma organização econômica da região como também em termos internacionais. Em parte porque as mudanças no setor industrial impulsionadas pela indústria automobilística não tiveram um impacto senão superficial sobre a economia extrativa na Amazônia, dada a falta de estrutura econômica suficiente para sustentar uma possível crise. “Na verdade, os impressionantes progressos tecnológicos na industrialização serviam apenas para realçar o atraso manifesto na produção da borracha bruta.”¹⁶⁰

Apesar de certa ajuda financeira do governo federal para reequilibrar a economia da região norte, esse incentivo não durou muito tempo e a maioria dos investidores estrangeiros começaram a sair de Belém e de Manaus, assim como muitos seringueiros. Dessa forma, muitos foram os fatores que contribuíram para o agravamento da crise da borracha, como o tipo de produção, problemas políticos da região, os investimentos estrangeiros, dentre outros.

Os anos que se seguiram assistiram a uma redução no ritmo e no nível da atividade comercial da Amazônia e uma tendência na direção da diversificação da economia, à medida que a extração da borracha se tornava cada vez menos compensadora. As composições econômicas e sociais tornaram-se também mais flexíveis em consequência do aumento da produção para subsistência e de novas atividades extrativas. [...] Ao mesmo tempo, os remanescentes da elite regional, voltaram-se para os cargos burocráticos, empreendimentos urbanos, pequeno comércio [...]— a fim de ganhar a vida e manter seu *status* precário.¹⁶¹

¹⁶⁰ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 1993, p.192, p.296. A autora reforça, ainda, que o problema central da decadência da borracha não eram as causas do colapso, mas as razões pelas quais a produção amazônica se mostrou tão vulnerável e por não ter tido setores econômicos alternativos para amenizar a crise.

¹⁶¹ WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 1993, p.300.

É a partir deste momento de decadência social e econômica que se desenrola o romance **Dois irmãos**, ou seja, no ínterim entre a *belle époque* e a implantação da Zona Franca de Manaus, especialmente nas décadas de 1950 e 1960. Com o fim do período áureo da cidade, seus moradores, nativos ou imigrantes, passaram a lidar com uma realidade complexa, uma Manaus decaída e sem muitas possibilidades a oferecer. Essa nova situação passa a se misturar aos dramas familiares e às trajetórias dos personagens. No caso de Yaqub, por exemplo, sua ida a São Paulo no ano de 1950 não é fortuita e demonstra a ambição por algo que Manaus não poderia oferecer e que o novo panorama de crescimento da região sudeste poderia suprir.

Após a morte do pai de Zana, ela e Halim decidem montar um comércio entre a igreja e o porto.

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescia muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro.¹⁶²

Depois de alguns anos, a contragosto de Halim, nascem os gêmeos Yaqub e Omar e alguns anos mais tarde, a outra filha, Rânia. Na verdade, o livro começa do fim, com Zana perguntando, no leito de morte: “Meus filhos já fizeram as pazes?”¹⁶³. Está anunciado aí o cerne do conflito entre Yaqub e Omar e que perpassará toda a história da família. Os gêmeos, iguais fisicamente, se distanciavam em termos de personalidade. Desde a infância, tiveram comportamentos diferenciados: Yaqub, sempre foi mais quieto e introspectivo e Omar, também chamado de Caçula por ter nascido depois, era mais audacioso e atrevido.

¹⁶² HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.41.

¹⁶³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.12.

Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. A voz de Omar, o Caçula: ‘Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe’. Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho.¹⁶⁴

Narrado na forma de flashbacks, conforme a memória permite, Nael, filho da empregada da casa, conta a ruína da história dessa família, a partir de coisas que ele mesmo viu, mas também do que lhe conta sua mãe, Domingas, e principalmente, a partir de suas longas conversas com Halim. Nael, depois de passados muitos anos, retoma os fios perdidos de sua memória, numa tentativa de reconstruir a história de uma família que também era sua. Sabia que era filho de um dos gêmeos, mas nunca foi tratado como membro da família. Pouco antes de morrer, já perto do desfecho do romance, Domingas dá a entender que teve um pequeno relacionamento com Yaqub na juventude e também que, certa noite, Omar chegou bêbado e violentou-a.

Adiei a pergunta sobre o meu nascimento. Meu pai. Sempre adiará, talvez por medo. Eu me enredava em conjecturas, matutava, desconfiava de Omar, dizia a mim mesmo: Yaqub é o meu pai, mas também pode ser o Caçula, ele me provoca, se entrega com o olhar, com o escárnio dele.¹⁶⁵

A decadência dessa família é também a decadência da casa, entendida como metáfora de um espaço que, ao longo do tempo, deteriorou-se em meio a conflitos, rancores e ressentimentos. Ironicamente, com o desenrolar dos acontecimentos, a única parte da casa que permanece intacta é o quartinho dos fundos: “No projeto da reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal.”¹⁶⁶

¹⁶⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.17.

¹⁶⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p. 133.

¹⁶⁶ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p. 256. Essa reforma se dá quando a casa é vendida e transformada numa loja de produtos importados.

E é justamente desse quartinho, no fundo da casa, que Nael vê muitas coisas, ouve outras, mas, principalmente, é de lá que narra os lances decisivos da trajetória daquela família. Desde o nascimento dos gêmeos, passando pelo desgosto de Halim em perder o amor da esposa, até o embate direto entre os irmãos. O que poderia ser brigas sem muita importância tomou grandes proporções na vida de todos eles.

Logo após o nascimento dos gêmeos, Omar adoeceu gravemente e passou a receber toda a atenção de Zana, se perdurando por toda a vida, um zelo excessivo diante da fragilidade do filho que parecia nunca passar. Alguns anos depois, nasce Rânia, a filha caçula que iria tocar os negócios do pai posteriormente.

O primeiro conflito direto dos gêmeos se dá aos treze anos, quando se apaixonam pela mesma garota, Lívia¹⁶⁷. Enciumado, Omar rasga o rosto de Yaqub com uma garrafa estilhaçada, deixando-lhe uma cicatriz em forma de meia-lua.

A cicatriz já começava a crescer no rosto de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornaram a falar um com o outro. Zana culpava Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos. Ele discordava: ‘Nada disso, tu trata o Omar como se ele fosse nosso único filho.’¹⁶⁸

Temendo uma violência maior dentro de casa, Halim manda Yaqub para o Líbano, na esperança que a distância pudesse apagar o ódio e o ciúme entre eles¹⁶⁹. Após seis anos, Yaqub volta, mais silencioso do que antes e se dedicando cada vez mais aos estudos, diferentemente de Omar. Porém, a separação dos dois irmãos surte o efeito contrário ao esperado pelos pais: “o desterro, ao invés de apagar as más lembranças, reforça o sentimento de rejeição do irmão mais velho.”¹⁷⁰

¹⁶⁷ O conflito dos gêmeos por Lívia pode ser diretamente relacionado ao conflito de Pedro e Paulo por Flora, no romance **Esau e Jacó**, de Machado de Assis.

¹⁶⁸ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.28.

¹⁶⁹ Inicialmente era para que os dois irmãos fossem viajar, mas Zana não quis se separar de Omar e Yaqub foi mandado embora sozinho.

¹⁷⁰ GUERRA, Ana Amélia Andrade. O mito e o lugar em ‘Dois irmãos’. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.198.

Mais afeito aos cálculos e à matemática, certa vez Yaqub é advertido por seu professor: se ficasse em Manaus, seria derrotado pela província e devorado por seu irmão. Assim, no natal de 1949, Yaqub avisa a família que vai se mudar para São Paulo, dizendo isso “à queima-roupa, como quem transforma em ato uma idéia ruminada até a exaustão.”¹⁷¹ Enquanto Yaqub se torna engenheiro da Faculdade Politécnica, se preocupando em ser bem sucedido, Omar permanece em Manaus, voltando bêbado todas as noites para casa, contrabandeando mercadorias no porto e se envolvendo com algumas mulheres, para desespero da mãe. Certa vez, Omar vai a São Paulo na casa de Yaqub, descobre que está casado com Livia e lhe rouba dinheiro e o passaporte. Yaqub vai a Manaus para cobrar a dívida de Omar. Apesar de tudo, Yaqub prospera, manda presentes, dinheiro e ajuda Rânia a reformar a loja do pai: “A outra extremidade do Brasil crescia vertiginosamente, como Yaqub queria. No marasmo de Manaus, dinheiro dado era maná enviado dos céus.”¹⁷²

Porém, o que marcará definitivamente a derrocada da família se inicia quando Omar, já na década de 1960, aparece com um indiano, Rochiram, que queria construir um hotel em Manaus.

Ele vivia em trânsito, construindo hotéis em vários continentes. Era como se morasse em pátrias provisórias, falasse línguas provisórias e fizesse amizades provisórias. O que se enraizava em cada lugar eram os negócios. Ouvira dizer que Manaus crescia muito, com suas indústrias e seu comércio. Viu a cidade agitada, os painéis luminosos com letreiros em inglês, chinês, japonês. Percebeu que sua intuição não falhara.¹⁷³

Zana, em segredo, avisou Yaqub sobre o trabalho de Omar, na tentativa de que os irmãos pudessem se ajudar e trabalhar juntos. Porém, Yaqub trai o irmão, fazendo um acordo às escondidas com Rochiram. Ao saber de tudo, Omar se desespera e espanca Yaqub. Como consequência, o indiano cobrou alto pela dívida feita pelos irmãos: em

¹⁷¹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.38.

¹⁷² HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.105.

¹⁷³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.226.

parte pelo projeto desenvolvido por Yaqub, em parte pela comissão de Omar. A única alternativa foi vender a casa, mesmo contra a vontade de Zana.

Aos poucos, todos vão morrendo, primeiro Halim, depois Domingas e Zana. Omar é preso pela acusação de agressão a Yaqub e Nael se afasta da família, alguns anos antes da morte de Yaqub. Mas continua vivendo no quatinho dos fundos da casa, que acaba virando uma loja de quinquilharias importadas. Na inauguração da loja, Nael percebe que “Manaus crescia muito e aquela noite foi um dos marcos do fausto que se anunciava.”¹⁷⁴

O conflito latente entre os irmãos acaba afetando a vida de toda a família e todos, direta ou indiretamente, são atingidos pelos efeitos dos desentendimentos, do ódio e do ressentimento que pululava dos gêmeos. “A loucura e a paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e contra todos neste mundo não foram menos danosas que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada.”¹⁷⁵

Assim, a história dos personagens vai se mesclando e se confundindo com a própria dinâmica da cidade de Manaus, bem como ao seu desenvolvimento social e econômico.

Nael, filho bastardo, vivencia a angústia permanente de não saber quem é seu pai; Halim transita pela zona portuária carregando o desencanto de ter perdido o amor de Zana para Omar – filho caçula –, andarilho habilidoso no conhecimento dos becos, mas que caminha se desintegrando à medida que percorre os atalhos da cidade. Yaqub sai para a Metrópole, São Paulo, mas leva consigo o peso do ressentimento e a mágoa da rejeição. Há, no romance, sempre um ponto de intersecção entre os heróis e o mundo exterior.¹⁷⁶

O desenrolar do romance **Dois irmãos** avulta, não só referências diretas à história de Manaus, mas também ao próprio desenvolvimento do Brasil no século XX. O aparente isolamento da região norte, a ida de Yaqub para São Paulo nos anos de 1950, a chegada

¹⁷⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p. 256. Há aqui uma referência às mudanças que ocorrerão na cidade de Manaus após a implantação da Zona Franca. As conseqüências disso para a cidade e para a população, bem como da própria investida militar, são exploradas no romance seguinte, **Cinzas do Norte**.

¹⁷⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.264.

¹⁷⁶ GUERRA, Ana Amélia Andrade. O mito e o lugar em ‘Dois irmãos’. In: In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.195.

dos militares na década seguinte e a modernização de Manaus não são eventos gratuitos e se referem a um tipo muito específico de desenvolvimento ambicionado naquela época. Tal desenvolvimento pode ser entendido através da figura de Yaqub, que após sua ida a São Paulo, passou a ser visto como “usando a máscara do que havia de mais moderno do outro lado do Brasil.”¹⁷⁷.

A passagem da década de 1950 para a década de 1960 trouxe consigo mudanças evidentes na sociedade brasileira em termos políticos, econômicos e culturais. O cenário não era apenas o da guerra fria e da revolução cubana, mas também, internamente, primeiro a volta de Vargas ao poder e tempos depois, seu suicídio; Juscelino Kubitschek no poder; a criação da nova capital do país, Brasília; a campanha popular “o petróleo é nosso”; um aumento paulatino da população urbana; a inauguração do estádio do Maracanã; o surgimento das Ligas Camponesas; o crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho; o aumento do consumo; além disso, o cinema novo, a primeira Bienal, o MAM, a bossa nova, o biquíni, o título da seleção brasileira de futebol na Suécia¹⁷⁸.

Enfim, foram inúmeras as transformações ocorridas nesse período e elas foram sentidas de diversas maneiras em cada parte do país. Essas mudanças ocorridas especialmente na região sudeste, chegavam a Manaus de uma maneira muito peculiar.

Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a idéia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso.¹⁷⁹

Tais transformações na sociedade influenciaram a maneira de pensar a história e o desenvolvimento do Brasil. Uma das idéias correntes era a de que o Brasil era um país

¹⁷⁷ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.61.

¹⁷⁸ Cf. KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos cinquenta. In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

¹⁷⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.128.

subdesenvolvido e cujas regiões – especialmente aquelas atrasadas – precisavam se modernizar. Essa foi uma idéia corrente, não só entre as políticas governamentais, mas também entre grande parte da intelectualidade que buscava explicações e alternativas para um desenvolvimento que fosse pleno. Dessa forma, o que ficou conhecido como dualismo brasileiro, ou seja, a divisão do país em regiões arcaicas e modernas, será o tema do item seguinte, na tentativa de compreender um contexto específico do Brasil e como essa corrente ideológica foi interpretada ao longo do tempo.

2.2. O dualismo brasileiro: reprodução desigual em latitude invertida

A condição de nação periférica teve presença marcante no debate acerca da situação do Brasil no cenário mundial e diante de sua própria situação interna, especialmente na passagem da década de 1950 para a década de 1960, quando o desenvolvimento brasileiro ganhou destaque. Se desde Euclides da Cunha já havia a idéia de que o Brasil era separado em regiões em descompasso histórico e social, o franco desenvolvimento econômico desse período só fez por acentuar essa separação.

As transformações sociais alteram a perspectiva pela qual a história do Brasil era interpretada. A forma de encarar as mudanças não foi homogênea e trouxe uma série de discussões que expressavam concepções ideológicas e sociais bem diversas. Leandro Konder aponta tanto para perspectivas mais conservadoras diante das mudanças quanto para correntes de pensamento mais progressistas, além de posturas críticas diante dessas mudanças sociais.¹⁸⁰

Porém, nesse período as idéias que mais vão se consolidar e estimular inclusive posturas governamentais serão as teorias desenvolvimentistas. Apesar de não haver um

¹⁸⁰ KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos cinquenta. In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. Ele exemplifica as teorias conservadoras através de algumas obras ou posturas de historiadores como Gilberto Freyre, Wilson Martins, Djacir Menezes, Arthur César Ferreira Reis, Maurício de Medeiros, Hamilton Barata, dentre outros.

consenso acerca de quais autores ou quais instituições podem ser colocadas no mesmo patamar de análise, o fato é que alguns desses grupos, homogêneos ou não – constituídos enquanto instituição, grupo ou partido – se propuseram a pensar os rumos do desenvolvimento brasileiro e, de uma forma ou de outra, pensaram os rumos e as possibilidades de crescimento do país. Três grupos podem ser exemplificados como variantes dessa discussão: a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), principalmente sob a égide de Celso Furtado; o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), cujo maior representante é Hélio Jaguaribe; e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo como representante Nelson Werneck Sodré.

Tais grupos, salvando as devidas diferenças entre cada corrente de pensamento, buscavam no desenvolvimento da sociedade a solução para a condição de nação subdesenvolvida. Para tanto, era necessário acabar com os entraves para o desenvolvimento industrial, que segundo os teóricos, estavam alocados nas regiões consideradas atrasadas ou ainda não desenvolvidas plenamente. Tal perspectiva de análise que entendia o Brasil separado em regiões que se comportavam de forma diversa e que tinham funções diferentes na estrutura social. Se por um lado, algumas regiões estavam se urbanizando e se industrializando, outras ainda estavam no estágio agrário e rural. O desenvolvimento e a modernização sempre estiveram ligados à cidade e aos avanços técnicos proporcionados pelo progresso. Daí a concepção de que as regiões que abarcavam tais características estavam um passo à frente das demais. Essa separação aparente entre regiões consideradas atrasadas e modernas comumente passou a ser chamada de dualismo brasileiro.

[...] o dualismo vem a ser o maior lugar-comum de pelo menos dois séculos da nossa história intelectual, centrada sem exceção, do romantismo ao realismo das teorias da dependência, na idéia de que na metrópole reside o núcleo produtor das relações sócio-econômicas, do qual a colônia apenas repercutiria as determinações fundamentais.¹⁸¹

¹⁸¹ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.47. O autor estabelece tal premissa dialogando com a obra de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Aqui o

Essa idéia foi influenciada, fundamentalmente, pela condição de nação colonizada, tanto no que tange às relações do Brasil com os demais países, quanto às suas próprias diferenças internas. Durante séculos, a importação não só de produtos, mas também de idéias, marcou a vida de um país que, apesar de independente em termos legais, ainda tentava se afirmar na prática enquanto tal¹⁸².

Apesar de algumas particularidades do desenvolvimento brasileiro, trata-se de um processo mais amplo que ocorreu – em maior ou em menor medida – em diversas nações periféricas. Como aponta Raymond Williams,

Um dos efeitos da dominação imperialista era o desencadeamento, dentro das sociedades dominadas, de processos que passam a seguir, internamente, padrões estrangeiros de desenvolvimento. Uma história interna de oposição campo-cidade ocorre, às vezes, de forma exacerbada, dentro de comunidades coloniais e neocoloniais.¹⁸³

Segundo Florestan Fernandes, os primeiros indícios da industrialização no Brasil enquanto “valor social” datam de 1850, porém, sua transformação em “força social” só se deu quase um século mais tarde¹⁸⁴. Ele aponta a industrialização no Brasil como um processo natural ao desenvolvimento. O que varia, de nação para nação, é o grau de integração dos mecanismos internos (econômicos, culturais e sociais) articulados entre si e que possibilitam tal desenvolvimento. A efetiva modernização do Brasil se deu no pós-guerra, com a política de substituição de importações e, posteriormente, com o impulso industrial do primeiro governo de Getúlio Vargas, na década de 1930. A partir de então, a

dualismo será abordado sob uma perspectiva mais econômica e social em detrimento do próprio processo de desenvolvimento da sociedade brasileira. Porém, no próximo capítulo, será discutida uma perspectiva mais ampla acerca do dualismo, considerando-o como uma importante forma de experiência intelectual no Brasil.

¹⁸² SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000a. O autor discute a importação de ideologias, principalmente, européias, numa tentativa do Brasil se afirmar enquanto nação moderna. Caso exemplar foi a implantação do liberalismo no Brasil concomitante à manutenção da escravidão.

¹⁸³ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.383.

¹⁸⁴ FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1960, p.56.

característica agrária que sempre marcou a economia brasileira vai, paulatinamente, mudando a sua configuração a partir da expansão dos centros urbanos¹⁸⁵.

A industrialização brasileira, mais do que uma possibilidade econômica, foi uma necessidade histórica para que o país pudesse ascender internacionalmente enquanto nação capitalista. A assimilação do progresso técnico, difundido pelo centro capitalista, depende da superação dos problemas econômicos e sociais, bem como da acomodação do moderno e do atrasado nos países periféricos. Além do baixo desenvolvimento tecnológico, um dos fatores que dificultava o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, em detrimento dos países centrais, era a “falta de integração interna das economias periféricas, com intensa descontinuidade entre regiões mais avançadas e regiões bastante atrasadas”¹⁸⁶.

Quando despertou a consciência do subdesenvolvimento, a sociologia que a prolongava interpretou-o naturalmente como uma carência, uma ‘defasagem’ enfim que não seria remediada sem que fossem vencidos os obstáculos tradicionais que entravavam o caminho do que nos aproximaria da modernidade metropolitana.¹⁸⁷

Nesse contexto, o foco da intelectualidade eram os “[...] obstáculos ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil, no intuito sobretudo de remover essas barreiras em nosso caminho para o moderno”¹⁸⁸, ou seja, a intenção era superar esse estágio para que, enfim, fosse possível a emergência do desenvolvimento brasileiro. Em outras palavras, havia “a sensação de que o Brasil era um país inacabado, mal resolvido, fora do eixo, cuja formação européia teimava em não se completar.¹⁸⁹” Teóricos brasileiros e latino-americanos buscaram compreender o que seria um processo de

¹⁸⁵ Cf. BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro**. Rio de Janeiro: Ipea, 1988.

¹⁸⁶ MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. São Paulo; Petrópolis: Polis; Vozes, 1985, p.36.

¹⁸⁷ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.28.

¹⁸⁸ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.15.

¹⁸⁹ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.27.

transição para um desenvolvimento efetivo. Assim, as reais condições do subdesenvolvimento brasileiro foram ancoradas, não totalmente, mas em grande parte, na perspectiva dualista, ou seja, a sociedade brasileira era dividida em estruturas arcaicas – principalmente relacionadas à agricultura e ao campo – e em estruturas modernas – relativas aos setores industrializados e urbanos. Essa perspectiva influenciou diversos setores do pensamento brasileiro, tanto intelectuais quanto artísticos¹⁹⁰.

Euclides da Cunha pode ser considerado um dos paradigmas na análise dualista, diante da sua interpretação da sociedade, dividindo o Brasil em litorâneo, correspondendo às regiões urbanizadas, e o Brasil do interior, constituído pelas populações rurais e fora das ações governamentais¹⁹¹. Outro autor que também apontou a diferença existente entre as regiões brasileiras, estruturando-as num modelo dicotômico, foi Jacques Lambert. A partir de dados estatísticos e de uma documentação muito variada em termos educacionais, políticos, sociais e culturais, referentes especialmente às décadas de 1940 e 1950, o autor formulou sua teoria sobre a estruturação social do Brasil.

Os brasileiros estão divididos em dois sistemas de organização econômica e social, diferentes nos níveis como nos métodos de vida. Essas duas sociedades não evoluíram no mesmo ritmo e não atingiram a mesma fase; não estão separadas por uma diferença de natureza, mas por diferença de idade.¹⁹²

Especialmente a partir de 1950, essa teoria dualista ganhou fôlego com algumas interpretações de setores da esquerda nacional, salvo as diferenças entre elas: os teóricos da CEPAL, os intelectuais do ISEB e o PCB. Essas três correntes são representativas para

¹⁹⁰ RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.123. O autor demonstra a incorporação dessa teoria especialmente na cultura, seja no cinema novo, nas canções ou mesmo na dramaturgia, cuja ênfase se dava na questão da terra.

¹⁹¹ SENA, Custódia Selma. **Os dois Brasis** – um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000, p.33.

¹⁹² LAMBERT, Jacques. **Os dois brasis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973, p.101.

se compreender as diferentes visões sobre o dualismo e o desenvolvimentismo adotado pela esquerda¹⁹³.

A CEPAL foi criada em 1948 por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) para apoiar os projetos de desenvolvimento industrial na América Latina. A comissão ganhou notoriedade, principalmente com o economista argentino Raúl Prebisch a partir da publicação de “O desenvolvimento econômico na América Latina e seus principais estudos” (1949). Nesse trabalho, que acabou se configurando como uma espécie de documento fundador da CEPAL, Prebisch destaca a defasagem significativa existente entre os países centrais e periféricos. Segundo ele, a única forma de romper com tais desigualdades era através do intervencionismo estatal, do protecionismo e da industrialização¹⁹⁴.

A idéia inicial da CEPAL consistia em compreender a economia mundial como uma estrutura centro-periferia, abarcando os diferentes ritmos do processo histórico do desenvolvimento capitalista. O grande mérito da teoria cepalina estaria justamente em demonstrar a maneira como a estrutura produtiva das economias periféricas se modifica durante o processo de industrialização, diante de suas relações comerciais com os países centrais, aliado às conseqüências internas nessas sociedades.

Celso Furtado, outro importante membro da CEPAL¹⁹⁵, demonstra que, diante disso, o subdesenvolvimento não deve mais ser encarado como uma etapa no desenvolvimento das sociedades, mas uma especificidade decorrente da propagação da revolução industrial e seu estudo não deve ser realizado separadamente das economias desenvolvidas, pois é no confronto entre elas que se torna possível compreender o que é específico ao subdesenvolvimento¹⁹⁶.

¹⁹³ Posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970, o debate irá girar em torno da crítica às teorias da CEPAL, do ISEB e do PCB, o que será discutido posteriormente.

¹⁹⁴ MORAES, Reginaldo. **Celso Furtado**. São Paulo: Ática, 1995, p.36.

¹⁹⁵ Além de Raúl Prebisch e Celso Furtado, também fizeram parte da CEPAL teóricos como Aníbal Pinto, Oswaldo Sunkel e Maria da Conceição Tavares.

¹⁹⁶ FURTADO, Celso. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968, p.3.

Para Furtado, a temporalidade da economia dependente deve ser vista como parte do movimento de expansão do sistema *centro-periferia*. Por isso ele insiste que o estudo da dependência deve partir de uma *visão global* que contextualize os problemas específicos de cada sociedade como parte de um processo mais amplo de difusão desigual do progresso técnico.¹⁹⁷

A grande desvantagem das nações periféricas, na concepção de Prebisch, seria configurada como um “círculo vicioso da estagnação”, ou seja, desigual, com a “difusão do progresso técnico rápida e generalizada no centro *versus* lenta e heterogênea na periferia”, com tendência a se ampliar e se eternizar¹⁹⁸. Isso faz com que o binômio centro-periferia torne as estruturas produtivas da periferia heterogêneas e especializadas, enquanto as do centro se configurem como homogêneas e diversificadas.¹⁹⁹ Segundo Celso Furtado e a CEPAL, o desenvolvimento é desigual, tanto pelo grau e pelo ritmo quanto pelas diferenças qualitativas entre os setores, mas que não é combinado. Segundo essa perspectiva, os setores arcaicos e modernos não têm articulações entre si, sendo o atraso um obstáculo ao desenvolvimento do moderno.²⁰⁰

Assim, as “diferenças de estruturas servem de base às distintas funções que cada pólo cumpre no esquema tradicional da divisão internacional do trabalho”²⁰¹. A alternativa proposta pela CEPAL, para romper com tal configuração, era a industrialização efetiva das sociedades subdesenvolvidas, rompendo assim com os entraves arcaicos que impediam a modernização dos países, configurando o “dual-estruturalismo”, como chamou Francisco de Oliveira²⁰².

¹⁹⁷ SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.181, grifos do autor.

¹⁹⁸ MORAES, Reginaldo. **Celso Furtado**. São Paulo: Ática, 1995, p. 40. Trata-se da crítica às “vantagens comparativas” com relação ao desenvolvimento industrial e a queda dos preços nos países subdesenvolvidos.

¹⁹⁹ Outro fator que corrobora essa análise diz respeito à “deterioração dos termos da troca”, que é a relação de intercâmbio entre produtos primários e industrializados não favoráveis para os produtos primários produzidos na periferia.

²⁰⁰ OLIVEIRA, Francisco. **A navegação venturosa**. São Paulo: Boitempo, 2003b, p.13.

²⁰¹ RODRÍGUEZ, Octavio. O pensamento da CEPAL: síntese e crítica. In: PEDRÃO, F. (org.) **O pensamento da CEPAL**. Salvador: Ianamá, 1988, p.58.

²⁰² OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista**. São Paulo: Boitempo, 2003a, p.31.

Por ter proposto uma nova teoria do desenvolvimento para os países periféricos, em contraposição às teorias neoclássicas, em pouco tempo a CEPAL tornou-se referência para os estudos relacionados às nações subdesenvolvidas. Mesmo com todas as polêmicas sobre suas teses – a saber, a industrialização como forma de superar o subdesenvolvimento e o papel do Estado nesse processo –, a CEPAL foi e ainda é um interlocutor quase obrigatório das correntes de pensamento que se propõem a analisar os países subdesenvolvidos.

À época dos anos 1950, a CEPAL estabelecia um diálogo direto com o ISEB, que também se empenhou em discutir os rumos do desenvolvimento brasileiro e as possíveis soluções para os problemas advindos disso²⁰³. O ISEB foi criado em 1956 e tinha uma variada gama de intelectuais que discutiam a temática da nação e do desenvolvimento, com ênfase para as discussões políticas²⁰⁴. Bresser-Pereira afirma que enquanto a CEPAL focava suas análises mais no âmbito econômico, o ISEB tinha a preocupação de fazer uma discussão política mais ampla. Dado o diálogo entre as duas tendências, uma vez que o tema do desenvolvimento era comum a elas, de certa forma, as duas visões acabavam se complementando.²⁰⁵

A principal proposta do ISEB era, segundo Caio Navarro Toledo, partir de um trabalho interdisciplinar e “construir ou lançar as ‘bases de um pensamento brasileiro’ (autêntico ou não-alienado) através de um projeto teórico-ideológico de natureza totalizante”²⁰⁶. Além disso, segundo o autor, havia a necessidade de se forjar uma

²⁰³ Um primeiro esboço do que seria o ISEB surgiu por iniciativa de Hélio Jaguaribe em 1953: era o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), tendo como principal revista “Cadernos do nosso tempo.”

²⁰⁴ Os principais membros do ISEB foram Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier, Michel Debrun, Alberto Guerreiro Ramos, Ignácio Rangel, Rômulo de Almeida, Ewaldo Correia Lima, Nelson Werneck Sodré, Hélio Jaguaribe e Cândido Mendes de Almeida. De acordo com Nelson Werneck Sodré, a heterogeneidade marcava a própria origem do ISEB e a sua estrutura refletia essa heterogeneidade. Nesse trabalho, especificamente, não serão aprofundadas as diferentes concepções dentro do ISEB, analisando de uma perspectiva mais geral. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **A verdade sobre o ISEB**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

²⁰⁵ BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Do ISEB e da CEPAL à teoria da dependência. In: TOLEDO, C. N. de (org.). **Intelectuais e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Renavan, 2005.

²⁰⁶ TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB**. São Paulo: Ática, 1978, p.17.

ideologia que incentivasse e promovesse o desenvolvimento, uma vez que as bases formadas nas nações subdesenvolvidas já poderiam promover tal desenvolvimento.

Ao se formular a ideologia do desenvolvimento nacional deve-se atentar para o fato de que ela seja simultaneamente representativa e autêntica; ou seja, deverá representar concretamente os interesses situacionais (atualmente convergentes) das diversas classes que compõem a formação social brasileira. Essa ideologia, (...) só pode ter como conteúdo, dirão todos os isebianos, o *nacionalismo*²⁰⁷.

A nação foi uma temática marcante nos estudos do ISEB, especialmente porque a nação e o povo brasileiro eram considerados os agentes históricos, em detrimento de uma classe específica. Desta forma, não havia contradições de interesses entre as classes, já que o projeto de desenvolvimento é o projeto da nação como um todo²⁰⁸.

Ao tentar compreender a sociedade brasileira, o ISEB utilizou o conceito de dependência – para definir a condição colonial – como sendo a de subdesenvolvimento ou semicolonialismo. A dependência se explicaria nos termos da nação e suas relações com o mercado externo, e por isso há, também, a presença do binômio periferia-metrópole. A política ideológica nacional-desenvolvimentista do ISEB²⁰⁹ entendia que a sociedade brasileira era composta por dois setores: de um lado os dinâmicos e produtivos e de outro, os estáticos e parasitários. A relação destes setores com o processo de industrialização foi fundamental, pois alguns setores a favoreciam e outros se colocavam como obstáculo a ela. Por isso, a permanência dos setores parasitários “impediria a completa hegemonia dos interesses industriais ou ‘progressistas’; assim, a permanência dos interesses retrógrados, decadentes, vai ‘contaminar’ a estrutura das relações sociais.”²¹⁰

²⁰⁷ TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB**. São Paulo: Ática, 1978, p.42.

²⁰⁸ Posteriormente, Florestan Fernandes irá dialogar diretamente com essa perspectiva do ISEB, ao afirmar que os interesses da nação eram, na verdade, os interesses das classes dominantes.

²⁰⁹ Houve, não por acaso, uma proximidade entre o ISEB e o governo Juscelino Kubitschek (O ISEB era um órgão ligado à casa civil da Presidência da República). No início, se constituía numa espécie de instrumento ideológico do desenvolvimentismo, apesar de certa autonomia do instituto. Porém, essa tendência se atenuou de acordo com as mudanças de perspectivas com relação às contradições e limites do desenvolvimento nacional.

²¹⁰ TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB**. São Paulo: Ática, 1978, p. 118.

O ISEB também via os setores agrários como entraves ao desenvolvimento da sociedade e sua erradicação era de fundamental importância para a modernização do Brasil. Para tanto, era preciso “acelerar o crescimento da economia brasileira pela generalização e aprofundamento das relações capitalistas, segundo um projeto apriorístico, conciliando essa aceleração com os interesses do imperialismo e do latifúndio, mantida a estrutura agrária tradicional”. Essa perspectiva provocou, desde muito cedo, uma cisão dentro do ISEB: de um lado os que defendiam o desenvolvimento dependente associado ao imperialismo e de outro, os que partilhavam do desenvolvimento nacionalista.²¹¹

Já para o PCB – terceira vertente a ser considerada nessa discussão –, a explicação dada para a condição dependente do país eram os resquícios feudais que ainda persistiam na sociedade brasileira desde a colonização e deveriam ser extintos através de uma revolução burguesa que rompesse com o subdesenvolvimento. Assim como outros países fizeram a passagem de sociedades feudais para capitalistas, o Brasil deveria seguir pelo mesmo processo. Ou seja, através da passagem de uma etapa a outra, seria necessária uma revolução burguesa antes e depois ocorrer a revolução socialista²¹². Para que isso se concretizasse, o proletariado deveria apoiar a burguesia nacional para acabar com os setores arcaicos da sociedade brasileira, uma vez que tais setores estariam contrapostos²¹³. Em linhas gerais, as orientações do PCB seguiam duas vertentes: a primeira era a vertente ocidental, assentada no etapismo (com desenvolvimento prévio das relações capitalistas) e na vertente oriental, que consistia nos saltos dentro do processo de desenvolvimento (dentro de contextos de capitalismo imaturo). A adesão do PCB ao etapismo decorreu da própria percepção que o movimento comunista tinha do desenvolvimento capitalista. O

²¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. **A verdade sobre o ISEB**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978, p.20.

²¹² Trata-se de uma perspectiva que advém da III Internacional para os países coloniais ou semi-coloniais.

²¹³ Cf. VIANNA, Luís Werneck. Vantagens do moderno, vantagens do atraso. **Presença - Revista de cultura e política**, n. 12, 1988.

passado feudal no Brasil – que coincidiu com o modo de produção escravista – seria, portanto, o responsável pelas marcas do atraso na sociedade.²¹⁴

O principal autor a debater com o PCB foi Caio Prado Júnior, apontando a falha da análise pecebista com relação ao passado feudal no Brasil. Salientou a especificidade do processo histórico brasileiro e que suas características eram fruto da própria expansão do capitalismo a partir do século XV. O autor também reconhecia o caráter moderno da escravidão no Brasil, mas depreendeu que fora o trabalho escravo, e não uma classe camponesa, o veículo específico da acumulação capitalista no país, subordinada às metrópoles européias no interior do comércio colonial. Por isso enfatiza a necessidade de se levar em conta as peculiaridades brasileiras, fruto do próprio desenvolvimento histórico, pois é “na especificidade própria de cada país que se há de indagar do processo pelo qual ele se formou, evoluiu, cresceu e desenvolveu, ou se pode desenvolver e como, a fim de emparelhar-se aos padrões do mundo moderno.”²¹⁵

De certa forma, a CEPAL, o ISEB e o PCB não chegaram a compor uma única escola de pensamento, dadas as especificidades de suas análises, diferenciadas inclusive internamente, como é o caso do ISEB. Porém, há uma evidente aproximação do pensamento quando a proposta é superar os entraves ao desenvolvimento do Brasil, que se configuravam em torno dos setores considerados atrasados da sociedade. Por mais que fossem reconhecidas as peculiaridades históricas das nações subdesenvolvidas, ainda havia a crença de que as mazelas e as desigualdades só poderiam ser superadas através de uma espécie de homogeneização da sociedade, nos moldes das nações européias.

A crença no desenvolvimento impulsionou, assim, os anos 1950 e meados dos anos 1960, coincidindo, não por acaso, com o governo desenvolvimentista de JK²¹⁶. A partir dos anos 1970, porém, o dualismo passou a ser criticado por não abarcar integralmente as

²¹⁴ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Difel, 1982.

²¹⁵ PRADO JÚNIOR, Caio. **História e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.30.

²¹⁶ Para mais detalhes acerca da ideologia desenvolvimentista amplamente utilizada pelo governo JK, mantém a ordem e transforma as aspirações de uma classe emergente e em ascensão em aspirações coletivas e nacionais, Cf. CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

complexidades da sociedade brasileira. O questionamento da teoria dualista partiu das análises, tanto de Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes – inserindo o desenvolvimento capitalista dos países periféricos numa ótica mais ampla de um desenvolvimento que ao mesmo tempo em que gera desigualdade, se combina no intuito de se manter operando –, quanto dos teóricos da dependência, especialmente a partir de Fernando Henrique Cardoso, e posteriormente com Francisco de Oliveira, dentre outros.

Houve, portanto, a partir da década de 1970, uma convicção de que era preciso rever os projetos de intervenção na realidade objetiva, no intuito de serem atualizados e enriquecidos. Ou seja, houve uma “percepção de que o quadro de referências proporcionado pela cultura tradicional, herdado das experiências realizadas nas décadas anteriores, precisava ser submetido a uma rigorosa revisão crítica [...]”²¹⁷

É na obra de Florestan Fernandes que se pode encontrar uma vasta gama de referências críticas às condições do subdesenvolvimento brasileiro e sua relação com os países capitalistas centrais. Além disso, o autor explora de forma mais abrangente as relações entre o moderno e o arcaico, demonstrando que a sua manutenção é característica dessa sociedade periférica. Alguns autores, debruçando-se sobre os teóricos brasileiros da década de 1970, perceberam a influência do preceito trotskysta do ‘desenvolvimento desigual e combinado’, especialmente na obra de Florestan Fernandes e de Caio Prado Júnior²¹⁸.

Tal perspectiva surgiu diante da noção do “desenvolvimento desigual” de Lênin ao tratar dos ritmos diferentes dos países capitalistas no plano internacional. A partir disso, Trotsky compreendeu que os países “atrasados” tinham uma historicidade própria, porque assimilavam as estruturas mais modernas dos países “avançados”, tendo que se adaptar a condições materiais ‘arcaicas’. Essa superposição existente entre “inovações tecnológicas, políticas, culturais produzidas pelos países ‘avançados’ e relações sociais muitas vezes

²¹⁷ KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos cinquenta. In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p.372.

²¹⁸ Cf. DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado e León Trotsky e a intelectualidade brasileira. **Revista Outubro**. São Paulo: Alameda, n. 16, 2007.

pré-capitalistas presentes nos ambientes ‘atrasados’ se constituiria na essência ‘combinada’ do desenvolvimento capitalista [...]”²¹⁹. Tal combinação de elementos inseria, sim, os países “atrasados” na modernidade, mas sem uma repetição integral de todas as etapas do desenvolvimento por que passaram os países “avançados”. Em outras palavras, sem resolver questões históricas e sem que todas as forças produtivas estivessem plenamente desenvolvidas para suportar todas as inovações.

A desigualdade de ritmo, que é a lei mais geral do *processus* histórico, evidencia-se com mais vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a via retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Dessa lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei, que por falta de denominação apropriada, chamaremos de ‘lei do desenvolvimento combinado’, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as modernas.²²⁰

Essa nova forma de conceber o desenvolvimento dos países atrasados como sendo uma particularidade e não um defeito a ser sanado ou uma etapa a ser superada, acabou influenciando inúmeros intelectuais, inclusive no Brasil. O desenvolvimento dos países dependentes passou a ser visto dentro de um panorama mais amplo de forma a influir tanto nas suas relações exteriores quanto nas interiores.

[...] o desenvolvimento dependente é determinado tanto pelo caráter do impacto das transformações difundidas pelo centro capitalista hegemônico sobre as estruturas internas da periferia, quanto pelo tipo de resposta das forças sociais internas às mudanças que afetaram a economia e a sociedade.²²¹

Se, como aponta Florestan, o capitalismo não é apenas uma realidade econômica, mas também uma complexa realidade sociocultural, sua expansão faz parte da história

²¹⁹ DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado e León Trotsky e a intelectualidade brasileira. **Revista Outubro**. São Paulo: Alameda, n. 16, 2007, p.78, grifos do autor.

²²⁰ TROTSKY, León. **História da revolução russa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977, p.24, grifos do autor. Vale salientar que essa passagem é uma referência do autor à Rússia, mas que, posteriormente, foi revista e ampliada, correspondendo aos países atrasados de maneira geral.

²²¹ SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.93.

moderna das sociedades²²². Além disso, o desenvolvimento capitalista das nações, inclusive das nações periféricas, não deve ser compreendido separadamente, mas como parte de um grupo de sociedades que partilham do mesmo padrão de civilização ocidental.²²³ Porém, há que se considerar as especificidades históricas de cada país e no caso do Brasil, o que interessa para o autor é de que maneira a sociedade passou de país colonial para uma nação dependente, pois somente através dessa perspectiva é que compreende a forma assumida pelo desenvolvimento econômico capitalista brasileiro. Como a organização formal do sistema econômico das economias centrais e periféricas se constitui de forma similar, um dos elementos decisivos que as difere é o grau de assimilação das estruturas externas. Porém, no caso das economias periferias, são economias de mercado constituídas para operar estrutural e dinamicamente:

[...] como uma entidade especializada, ao nível da integração do mercado capitalista mundial; como uma entidade subsidiária e dependente, ao nível das aplicações reprodutivas do excedente econômico das sociedades desenvolvidas; e como uma entidade tributária ao nível do ciclo de apropriação capitalista internacional [...]²²⁴

Ou seja, além da incorporação as inovações tecnológicas, as sociedades periféricas passam a fazer parte do mercado internacional de forma a produzir para o mercado um mesmo produto, de preferência um produto agrário e de baixo valor agregado e se mantendo dependente com relação aos países dominantes.

Florestan destaca dois elementos fundamentais que distinguem o desenvolvimento e a industrialização no Brasil e nas nações européias: o primeiro se relaciona ao “Antigo Regime”, uma vez que a escravidão alterou a integração do sistema social e a estrutura urbana não conseguiu sustentar a economia de mercado; o segundo diz respeito à industrialização e às técnicas assimiladas de fora, com saltos de desenvolvimento e

²²² FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.22. No caso do Brasil, esta perspectiva pode ser aplicada, inclusive após a Independência, pois o aspecto de dependência política existente com relação a Portugal foi transferido para uma dependência econômica da Inglaterra.

²²³ FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.165.

²²⁴ FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.36.

implantação das técnicas de acordo com o que era permitido diante de determinado contexto histórico, ou seja, dependia das condições materiais favoráveis para tal.²²⁵

Desta forma, o subdesenvolvimento, através do capitalismo dependente, cria vínculos econômicos e sociais com as sociedades avançadas. Daí advém uma das principais características do capitalismo dependente: ele não se integra ao capitalismo avançado, pois equilibra a estrutura econômica de diferentes estágios da evolução econômica.²²⁶ Essa dependência externa seria fruto do que Florestan chamou de “dupla articulação”, ou seja, uma articulação que, internamente relaciona arcaico e moderno e que, externamente, une o complexo agro-exportador às economias centrais²²⁷.

Tais formas econômicas operam, em relação ao desenvolvimento capitalista-monopolista, como fontes de acumulação originária de capital. Delas são extraídos, portanto, parte do excedente econômico que financia a modernização econômica, tecnológica e industrial requerida pela irrupção do capitalismo monopolista, e outros recursos materiais ou humanos, sem os quais essa modernização seria inconcebível.²²⁸

O que interessa aqui é o significado da articulação dessas estruturas heterogêneas na sociedade e quais as essenciais relações entre elas. Essa heterogeneidade do sistema é a única forma de contrabalancear a extrema instabilidade do capitalismo dependente²²⁹. De acordo com Florestan, há uma inegável desigualdade das formas de produção e seus efeitos sobre as populações do campo, levando muitos cientistas sociais a interpretações dualistas. Porém, para ele,

²²⁵ FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1960, p.58. Além disso, Florestan aponta ainda que a superação do ‘Antigo Regime’ só se deu mediante um novo estilo de vida e novas formas sociais de existência, ou seja, através do progresso. Com isso, houve a crença de que, assim como São Paulo, o Brasil poderia ser “civilizado”.

²²⁶ Para Francisco de Oliveira, isso significa que o excedente econômico é revertido para a exportação de produtos através de técnicas anacrônicas, juntamente com formas heterogêneas de produção, ou seja, as estruturas arcaicas e modernas. Para ele, essa lógica se insere num tipo específico de “acumulação primitiva” de capital. Não se trata, aqui de uma acumulação clássica de “expropriação de propriedade”, e sim de “expropriação do excedente” de produção. OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista**. São Paulo: Boitempo, 2003a, p.43.

²²⁷ FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo, 2006, p.283.

²²⁸ FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo, 2006, p.315.

²²⁹ SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.136.

[...] estruturas econômicas em diferentes estágios de desenvolvimento [...] podem ser combinadas organicamente e articuladas no sistema econômico global. [...] Sob o capitalismo dependente, a persistência de formas econômicas arcaicas não é uma função secundária e suplementar. A exploração dessas formas, e sua combinação com outras, mais ou menos modernas e até ultramodernas, fazem parte do 'cálculo capitalista',²³⁰

O elemento arcaico da estrutura produtiva é um elo entre o mercado externo e o mercado interno, alimenta o mercado interno e é o próprio elo entre as esferas modernas e arcaicas, uma vez que transfere para o setor moderno parcelas do excedente. Porém, esse dinamismo não conduz a uma autonomia, apesar de poder haver crescimento econômico. Essa dualidade estrutural serve, na verdade, para neutralizar os efeitos do mercado exterior e “impedir que as transformações difundidas pelo centro provoquem a desestruturação dos setores que não têm condições de competir com os padrões de eficiência econômica que se propagam no centro capitalista.”²³¹

O setor moderno comanda a dinâmica do crescimento econômico, mas sem transformar ou eliminar o setor arcaico. Para Florestan Fernandes, a relação entre campo e cidade se inverteu depois da urbanização: “De simples expressão do poder econômico do campo e da civilidade de sua gente, a cidade tornou-se o verdadeiro foco dinâmico da vida social no Brasil. Ela ainda está longe de ser um centro econômico autônomo; sua prosperidade funda-se em riquezas precedentes do campo.”²³²

Porém, a superação do arcaico depende de mudanças no mercado mundial, já que as economias desenvolvidas convertem o que vem das economias dependentes em excedente. Ou seja, há a monopolização do setor moderno, que se distancia do arcaico, pois a ordem econômica transfere o excedente aos meios urbanos para financiar a indústria e o capitalismo aparentemente avançado. Além disso, o próprio mercado se encarrega de reajustes para evitar a autonomização das nações periféricas, pois a ordem

²³⁰ FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.64.

²³¹ SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 138.

²³² FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1960, p.74.

econômica “adapta-se, estrutural, funcional e evolutivamente ao padrão de equilíbrio dinâmico de uma economia capitalista articulada e dependente.”²³³

A articulação de estruturas arcaicas e modernas é um requisito do capitalismo dependente e este só poderá modificá-la, mantendo-se como tal, de maneira muito lenta e jamais completamente. Mesmo com o novo tipo de relação heteronômica, nascido com as influências do capitalismo monopolista, que acelera a absorção das estruturas arcaicas pela indústria e expansão do consumo de massa, não permite remover todas as fontes de desequilíbrio e tensão, ao nível estrutural (o que exigiria um sistema econômico capitalista auto-suficiente e autônomo)²³⁴

Portanto, para Florestan Fernandes, o arcaico não se coloca como um entrave para o desenvolvimento como apregoavam as teorias dualistas. Seria justamente a presença de elementos “anticapitalistas” e “semicapitalistas” que garantiria o funcionamento do capitalismo nos países dependentes e seria o “complemento histórico e socialmente necessário” das estruturas modernas²³⁵. Por isso, o desenvolvimento capitalista dependente não se enquadrava nos padrões da ‘revolução burguesa’ clássica. Retomar a perspectiva de Florestan Fernandes acerca da formação e do desenvolvimento da sociedade brasileira se faz necessária para não se incorrer em interpretações que não abarquem a complexidade do processo histórico nacional.

A década de 1950, com o afã do desenvolvimentismo e a crença mítica na superação dos entraves por meio da completa inserção do Brasil no mercado capitalista mundial, fez com que diversos autores optassem, ideologicamente, por um modelo de sociedade e um modelo de desenvolvimento em que a mudança social só seria válida, efetivamente, para uma pequena parcela da população. A alternativa encontrada para acabar com os obstáculos seria eliminar as estruturas arcaicas, para que os setores modernos pudessem avançar – com a força do paradoxo, mediante o desenvolvimento do subdesenvolvimento.

²³³ FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.69.

²³⁴ FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.79.

²³⁵ DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado e León Trotsky e a intelectualidade brasileira. **Revista Outubro**. São Paulo: Alameda, n. 16, 2007, p.79.

O dualismo teve um papel importante para romper com concepções nacionalistas homogêneas. Ao denunciar as diferenças existentes entre as regiões brasileiras, trouxe à tona um problema intrínseco da sociedade. Trata-se de uma tradição analítica que perpassou muitas gerações de intelectuais no Brasil. Há, como aponta Paulo Arantes, dualismo por todos os lados e que foi, sobretudo, expressão de uma experiência coletiva que perpassou não só as ciências sociais.²³⁶ Ao polarizar a discussão, o dualismo da CEPAL, do ISEB e do PCB se configurou como uma matriz de análise que não se caracterizou enquanto uma única escola de pensamento, mas cuja circulação de idéias propiciou um debate expressivo.

Coube aos teóricos da dependência, além de Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes, a tarefa de discutir a temática sob uma perspectiva mais abrangente. Fernando Henrique Cardoso e Celso Falletto analisaram as especificidades da dependência econômica na América Latina, constatando os diferentes graus de industrialização e diferentes formas de se relacionar com países centrais²³⁷. Para eles, a dependência no Brasil era algo inelutável e a ação da burguesia heterogênea poderia proporcionar um crescimento econômico, porém dentro da condição de dependência. Já Caio Prado Júnior dialogou diretamente com o PCB, dentre outros aspectos, na tentativa de desmistificar a existência do feudalismo no Brasil, diante da inevitabilidade de repetição das etapas históricas em quaisquer lugares.

Para a presente discussão sobre o caráter interpretativo do dualismo na sociedade brasileira, a obra de Florestan Fernandes é fecunda no sentido de compreender profundamente a relação existente entre as regiões arcaicas e modernas e de que forma essa relação mantém a dependência externa dos países periféricos. Para ele, após a Independência, a permanência da base produtiva e das estruturas de poder da ordem escravocrata-senhorial consolidou no Brasil uma dualidade estrutural diante da

²³⁶ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.22. O autor destaca, ainda, a importância do dualismo na literatura, especialmente porque a interpretação literária exige a elaboração de um sistema de mediações historicamente especificadas.

²³⁷ MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. São Paulo;Petrópolis: Polis;Vozes, 1985.

convivência de formas sociais ligadas à tradição ao lado das novas formas exigidas pela moderna sociedade de classes.²³⁸ Assim, as mudanças sociais e econômicas impulsionadas pelos avanços industriais são percebidas entre as regiões como uma aparente presença de dois Brasis, mas que, na verdade, esconde a essência de uma relação dialética entre eles, de forma que as duas regiões se retroalimentam constantemente. Para Francisco de Oliveira, a oposição entre arcaico e moderno, na maioria dos casos, “é tão-somente formal: de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’.”²³⁹

Essa desigualdade de formas de produção, segundo Florestan, é necessária à manutenção das economias periféricas, servindo para contrabalancear sua instabilidade. Além disso, as relações entre arcaico e moderno estão inseridas na lógica de acumulação interna de capital na periferia, cujos excedentes são expropriados e exportados aos países centrais. Ao contrário do que se pensava, tal desenvolvimento dinâmico não gera autonomia, apesar de gerar crescimento econômico.

A teoria formulada por Florestan Fernandes acerca da condição periférica da sociedade brasileira foi de fundamental importância para a sociologia no país. Sua crítica se dirigiu basicamente às teorias dualistas que enrijeciam o debate e não levaram em consideração intrínsecas relações internas da sociedade brasileira e como isso era influenciado pela própria relação mantida com o centro imperialista. Florestan rompeu com a perspectiva que as colocava as estruturas modernas e arcaicas como antípodas e inseriu o debate relacionando internamente as regiões brasileiras. Além disso, mostrou de que maneira essa relação interna é fruto de um tipo de desenvolvimento que opera de maneira desigual e que precisa manter suas formas antagônicas combinadas, sendo tal processo parte da própria lógica de expansão e de manutenção da dinâmica capitalista.

²³⁸ SENA, Custódia Selma. **Os dois Brasis** – um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000, p.38.

²³⁹ OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista**. São Paulo: Boitempo, 2003a, p.47.

A desigualdade que se processa entre as nações centrais e as periféricas pode ser entendida também como uma relação geográfica entre os países do norte desenvolvido e os países do sul subdesenvolvido. Como exposto até agora, internamente, a desigualdade se reproduz na sociedade brasileira, entre regiões modernas e regiões atrasadas. A mesma alusão geográfica pode ser feita, porém, internamente, a latitude se inverte: no norte estão as regiões arcaicas e no sul, as desenvolvidas²⁴⁰. Portanto, ao se considerar uma análise do dualismo brasileiro que prime por uma perspectiva mais ampla, que se relacione com o próprio sistema capitalista de forma geral, pode-se inferir que o dualismo é uma forma de reprodução desigual do sistema, mas de latitude inversa.

Portanto, o chamado dualismo brasileiro é um elemento fundamental para se compreender como a intelectualidade interpretou um momento bastante peculiar do desenvolvimento brasileiro e como esse processo acentuou uma divisão aparente entre as regiões arcaicas e modernas. A ênfase na obra de Florestan Fernandes não foi gratuita diante da acuidade ao tratar do dualismo de forma ampla e compreendendo as suas interligações dialéticas, bem como a necessidade de sua manutenção para o sistema capitalista.

No item seguinte, essa discussão será retomada a partir análise dos gêmeos Yaqub e Omar, do romance **Dois irmãos**. Assim como as regiões brasileiras, os irmãos são, muitas vezes, compreendidos como pares antípodas. Porém, para melhor compreender a dinâmica existente entre eles, é preciso ir além do simples antagonismo. Tais conexões serão buscadas a partir da separação dos gêmeos na década de 1950, quando Yaqub vai para São Paulo num momento de grande desenvolvimento da região sudeste, enquanto Omar fica em Manaus num período de estagnação.

²⁴⁰ Cf. PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p. 288. A autora concilia a discussão do desenvolvimento brasileiro ao romance **Dois irmãos**, o que será desenvolvido posteriormente.

2.3. Yaqub, Omar e o sentimento dos contrários

Na parede, viu uma fotografia: ele e o irmão sentados no tronco de uma árvore que cruzava um igarapé; ambos riam: o Caçula, com escárnio, os braços soltos no ar; Yaqub, um riso contido, as mãos agarradas no tronco e o olhar apreensivo nas águas escuras.²⁴¹

São vários os exemplos com os quais se poderia iniciar esse item. O romance **Dois irmãos** oferece uma gama de situações conflituosas entre os gêmeos Yaqub e Omar. Seja ainda na infância e a ânsia de um por subir mais alto nas árvores, enquanto o outro mirava o chão pensando em descer o mais rápido possível. Ou ainda, um amor adolescente com conseqüências trágicas, marcas na pele, separação forçada, ressentimento agudo. Ou mesmo a preferência materna, uma vez que um deles adoeceu ainda bebê e daí em diante, a mãe associou essa fragilidade a uma necessidade de proteção por toda a vida.

Esses são apenas alguns exemplos das atitudes sempre conflituosas de Yaqub e Omar. Claramente os gêmeos nos remetem a irmãos consagrados como os bíblicos Caim e Abel ou Esaú e Jacó; os míticos Apolo e Dionísio ou Castor e Pólux; os literários Pedro e Paulo, de Machado de Assis ou Phillipe e Louis, Alexandre Dumas; ou ainda acerca da fundação de Roma, os irmãos Rômulo e Remo. Trata-se, portanto, de um tema clássico, retomado por Milton Hatoum e inscreve o romance **Dois irmãos** na tradição que se relaciona com a questão da identidade e “atribui ao duplo um peso mítico: o lado sombrio de si mesmo, o Outro desconhecido do Eu [...]”²⁴².

Apesar dessa inserção numa tradição do duplo, como entender as especificidades de Yaqub e Omar? Somente a contraposição de um e de outro seria suficiente para compreender como se dá a relação entre esses gêmeos manauaras? Que unicidade pode haver em dois seres tão distintos, com ambições tão esparsas? Os traços diferentes de suas personalidades dão conta da complexidade que envolve a dinâmica familiar, social e

²⁴¹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.21.

²⁴² CURY, Maria Zilda F. Memórias da imigração. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.) **Palavra e imagem**. Chapecó: Argos, 2006, p.315.

histórica do romance? O fato de um ter ficado em Manaus e outro ido a São Paulo foi determinante no curso dos acontecimentos?

Um elemento a ser considerado ao analisar a possível dualidade dos gêmeos diz respeito ao significado dos nomes de cada um deles. Milton Hatoum opera um cruzamento de referências ao ligar os nomes dos gêmeos manauaras ao nomes bíblicos, trocando seus significados. No caso dos gêmeos bíblicos Esaú e Jacó, há muitas diferenças entre eles, tanto em termos de personalidade, quanto com relação ao significado de seus nomes. Esaú recebe esse nome por ter nascido ruivo, significando que é peludo. Ele é o primogênito, o caçador – assim como Caim –, aquele que se liga à natureza selvagem e ao lado animal da vida. Preferido pelo pai, Isaac, é aquele que sai de casa, se move e que busca apenas o imediatismo. Já Jacó significa trapaceiro, pois sendo o caçula, nasce agarrado ao calcanhar de seu irmão. É protegido pela mãe, Rebeca e se torna um homem simples, um pastor, assim como Abel, que se fixa num determinado lugar. Tem por traços mais marcantes a racionalidade e o cálculo. No caso de Esaú, portanto, a definição de seu nome está ligada a um fator físico e no caso de Jacó, a um traço de caráter.²⁴³

Ao traçar um paralelo entre os nomes de Esaú e Jacó e Yaqub e Omar, as coisas se misturam. Omar é o caçula, preferido pela mãe e jamais consegue sair definitivamente de casa. Porém, Zana o chama sempre por “peludinho”, numa alusão direta a Esaú. Já Yaqub sai de casa para ir atrás do que deseja e é definido por Nael como sendo mais calculista e afeito à matemática. Quando volta do Líbano, mais silencioso e quieto, Zana diz que ele se tornou um “rude, um pastor, um *r’ái*.”²⁴⁴. Assim, a personalidade de Omar e de Yaqub é uma mescla das características de Esaú e Jacó: por um lado, Yaqub é racional, calculista e trapaceiro como Jacó, porém, é o primogênito e consegue sair de casa, como Esaú²⁴⁵;

²⁴³ Cf. COSTA, Mariana Rocha S. **O pacto fraterno e a aliança nacional**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

²⁴⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.29.

²⁴⁵ Além disso, Yaqub, por se afeiçoar mais ao desenvolvimento da sociedade brasileira, é como se ele representasse o povo escolhido, assim como Esaú.

por outro, Omar é peludo, selvagem e imediatista como Esaú, mas também é o caçula, o preferido da mãe e o que se fixa na casa, como Jacó.

Essa mistura de características feitas por Milton Hatoum pode revelar uma não dualidade entre os gêmeos manauaras, ou seja, significa dizer que eles não são simplesmente pares antagônicos em termos de caráter, pode demonstrar uma complexidade maior na maneira como cada um deles lida com suas questões no romance e com as relações que mantêm com os demais personagens.

Os filhos de Zana e Halim eram fisicamente idênticos, diferenciados apenas pela cicatriz no rosto de Yaqub, provocada por Omar. “Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmo olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura.”²⁴⁶ Porém, em termos de personalidade, havia entre eles um grande abismo. “A representação simbólica dos gêmeos instila no imaginário o efeito do desdobramento e da completude, portanto, o duelo em tais condições nos obriga à perscrutação obsessiva das diferenças entre seres que exprimem uma unicidade.”²⁴⁷

Já na infância suas diferenças saltavam aos olhos: Yaqub “sentia raiva de sua impotência e tremia de medo ao ver seu irmão brigar, mas não deixava de admirar a coragem de Omar.”²⁴⁸ Yaqub sempre fora mais quieto e precavido que o irmão, o que só se agravou depois de seu exílio forçado no Líbano. Além da dedicação ao estudo da matemática, teve que reaprender o português depois da viagem. Indiferente às diabruras do irmão, só se preocupava com os estudos e passou a se sentir um estranho dentro da própria casa.

[...] nunca foi tagarela, era o mais silencioso da casa e da rua, reticente ao extremo, gêmeo lacônico, carente de prosa, crescia um matemático, o que lhe faltava no manejo do idioma sobrava-lhe no poder de abstrair, calcular, operar

²⁴⁶ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.16.

²⁴⁷ GUERRA, Ana Amélia Andrade. O mito e o lugar em ‘Dois irmãos’. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.198.

²⁴⁸ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.18.

com números, Yaqub tem de sobra o que falta no outro [...]; matemático, rapaz circunspecto e enxadrista, assovio irritante de vitória.²⁴⁹

Como um desterrado em sua própria cidade, Yaqub decidiu sair de Manaus e ir estudar em São Paulo, sem aceitar qualquer ajuda financeira dos pais. Porém, antes de partir, como presente de aniversário pediu uma farda para desfilar no dia da Independência. Quando ele deixou Manaus, Nael tinha apenas quatro anos de idade: “Cresci vendo as fotos de Yaqub e ouvindo a mãe dele ler suas cartas [...] Durante anos essa imagem de galã fardado me impressionou. Um oficial do exército, e futuro engenheiro da Escola Politécnica.”²⁵⁰ Nael, que cresceu assolado pela dúvida de quem seria seu verdadeiro pai, pensava em Yaqub como quem pensa em alguém distante e, de certa forma, idealizado; não só ele, como todos na casa.

A imagem que faziam dele era a de um ser perfeito, ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisso: se ele for meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito. A sabedoria dele não me intimidava, nunca tinha sido uma ameaça pra mim. Eu o considerava um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai, que não sabia até onde o filho queria chegar.²⁵¹

Em São Paulo, Yaqub triunfou. Tornou-se engenheiro e parecia representar todo o progresso e a modernidade apregoados naquele canto do país. “As cartas iam revelando um fascínio por uma vida nova, o ritmo dos desgarrados da família que vivem só. Agora não morava numa aldeia, mas numa metrópole.”²⁵² Yaqub prosperou e, com o tempo, passou a mandar dinheiro e presentes para a família. Porém, um sentimento de vingança sempre rondou o gêmeo apolíneo. Vingança por ter sido preterido na infância, por ter sido mandado sozinho para o Líbano e também pelo roubo de Omar a seu apartamento.

Yaqub é vítima de um duplo trauma: o de ser relegado ao segundo plano, no afeto materno e o de ter sido mandado para o Líbano quando criança. De volta a

²⁴⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.31.

²⁵⁰ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.61.

²⁵¹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.111.

²⁵² HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.60.

Manaus, ele será um homem sombrio e fechado, um calculista que perseguirá objetivos práticos. Mudando-se para São Paulo, torna-se engenheiro bem-sucedido.²⁵³

Enfim, um sentimento que foi se maturando ao longo do tempo, até o bote final contra o irmão caçula “minhoca que se quer serpente, ou algo assim. Conseguiu. Deslizou em silêncio sob a folhagem.”²⁵⁴. Yaqub conseguiu se vingar de Omar, selando a decadência e a desagregação de toda a família, metaforizada pela venda da casa.

Omar, por sua vez, permaneceu na casa, reinando o quanto podia. “Na minha mente, a imagem de Yaqub era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar. Neste habitavam os gêmeos, porque Omar sempre esteve por ali, expandindo sua presença na casa para apagar a existência de Yaqub.”²⁵⁵ O Caçula exagerava nas audácias juvenis, não ia às aulas, subornava porteiros da escola e farreava todas as noites, voltando bêbado para casa; um *bon vivant* que na volta das noitadas aguardava os cuidados da mãe e de Domingas. No dia seguinte, acordava tarde e seu “corpo participava de um jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da farra noturna.”²⁵⁶

Na tentativa de corrigir Omar, os pais decidem mandá-lo para São Paulo, na esperança de que ele seguisse o exemplo de Yaqub. Depois de certo tempo, descobrem que, além dele ter fugido para os Estados Unidos, invadiu e roubou o apartamento do irmão. Na volta, disse a todos na casa que estava trabalhando num banco estrangeiro e o que era para tranquilizar Zana, acabou deixando-a mais desconfiada. “Agora Omar era um obediente às normas e regras do trabalho rotineiro, um homem de relógio dourado no pulso, que entrava e saía com passos firmes.”²⁵⁷ Porém, Zana descobriu que, na verdade, Omar estava envolvido com contrabandos no porto de Manaus Harbor, auxiliado por um inglês chamado Wyckhman. Quando foi descoberto pela mãe, abandonou o trabalho.

²⁵³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.286.

²⁵⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.61

²⁵⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.62.

²⁵⁶ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.61.

²⁵⁷ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.135.

Posteriormente, se envolve com um indiano, Hochiran, que planejava construir um hotel em Manaus, o que acabou culminando no conflito final entre os gêmeos.

Omar apresentava sempre um sorriso de escárnio, era impulsivo, ousado, um “transgressor dos pés ao gogó” que parecia estar sempre indiferente aos êxitos do irmão.²⁵⁸ Porém, nunca deixou de ceder aos desmandos da mãe. Omar se envolveu com duas mulheres – primeiro com Dália, uma dançarina conhecida como Mulher Prateada e depois com Pau-Mulato. Ambas, para Zana, não estavam à altura do filho e, por isso, fez de tudo para impedir a saída de Omar da casa, mimando-o cada vez mais. Nesses dois momentos, o Caçula “cometia o erro de trair a mulher que nunca o havia traído.”²⁵⁹ Enfim, se na infância era o mais destemido, acabou depois se rendendo às facilidades e à proteção desenfreada de Zana.

No fundo, Omar era cúmplice de sua própria fraqueza, de uma escolha mais poderosa do que ele; não podia muito contra a decisão da mãe, para quem parecia dever uma boa parte de sua vida e de seus sentimentos. Preferiu as putas e o conforto do lar a uma vida humilde ou penosa com a mulher que amava. Tentou se conformar com essa frustração que ele supunha pacificada, e nunca mais ousou entregar-se a mulher nenhuma.²⁶⁰

Apesar do envolvimento de Omar com outras mulheres fora do ambiente familiar, o tipo de relação que ele e Yaqub mantinham com a mãe, Zana, com a irmã, Rânia, com a empregada, Domingas e com a namorada, Lívia são representativos das diferenças entre cada um deles, sendo por vezes destoantes, mas acima de tudo, conflituosos. O primeiro conflito é com Zana, a mãe super protetora que mimar e atende a todos os caprichos de Omar, preterindo Yaqub. Daí nasce um ciúme que se intensifica ao longo do tempo até que, através de Lívia, ele se concretiza na forma de uma cicatriz no rosto de Yaqub. Nesse caso, a menina se envolve com os dois na adolescência, mas acaba escolhendo e se casando com Yaqub, atijando o ciúme e a ira de Omar. Com relação à irmã, Rânia, fica

²⁵⁸ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.32.

²⁵⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.101.

²⁶⁰ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.178.

subentendido um incesto por parte dos dois irmãos. Eles não disputavam o amor dela, porque ambos sabiam que o tinham e ela também sabia que tinha aos dois, porém, nenhum deles, sozinho, era apto para ser o seu escolhido, pois gostaria que seu noivo fosse a mistura dos dois: “Ela nunca encontrou essa mistura. Contentava-se em idolatrar os gêmeos, sabendo que os laços sanguíneos não anulavam o que neles havia de irreconciliável.”²⁶¹. Porém, as maiores conseqüências virão da disputa pela empregada Domingas, um embate que sempre existiu internamente entre os gêmeos, mas que acabou fugindo ao controle. Domingas sempre fora mais afeiçoada a Yaqub e cuidava dele quando criança, enquanto Omar sempre ficava com a mãe.

[Domingas] Murmurou que gostava tanto de Yaqub... Desde o tempo em que brincavam, passeavam. Omar ficava enciumado quando via os dois juntos, no quarto, logo que o irmão voltou do Líbano. ‘Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalizado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão.’²⁶²

Assim, as duas primeiras mulheres, Zana e Lívia, escolheram cada qual seu preferido. As duas últimas, Rânia e Domingas, eram atraídas justamente pelo contraste entre eles. É desse conflito, especialmente com relação a Domingas, que dá origem a um fato importante para o desenrolar do romance. Pode-se inferir que, além da decadência da família, uma das conseqüências do conflito entre os gêmeos é Nael. A luta entre eles acabou atingindo também Domingas e, portanto, Nael. “O mais complexo desses sentimentos (porque nele reside o segredo da narrativa e da narração) é o que os liga à empregada Domingas [...], a empregada de coração simples, é o eixo afetivo sobre o qual os irmãos buscam equilibrar-se.”²⁶³. Porém, a busca do equilíbrio deles acabou tendo um resultado forte e violento.

²⁶¹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.98.

²⁶² HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.241, grifo meu.

²⁶³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.286.

Razão e emoção podem, portanto, ser representativos desses dois irmãos tão diferentes entre si e cuja separação física e geográfica só fez por acentuar tais divergências. Um não se deixa expor, o outro expõe até as entranhas; um prefere os estudos, o outro a boemia; o preterido teve a coragem de sair, e o destemido, nunca deixou a casa; um quer sucesso a qualquer custo, o outro se guia pelo prazer cego; um quer ter pés firmes na ordem, o outro passeia com segurança pela desordem; um quer os alicerces da cidade grande, o outro se contenta com a cidade flutuante; um almeja colher os louros do progresso, o outro convive com as agruras do atraso; um é conservador, o outro libertário; um apolíneo, o outro dionisíaco.

Os gêmeos são dois anti-heróis, já que, em nossa sociedade, “[...] os heróis são deformados por tentáculos capitalistas, tornando-se uma espécie de dóceis escravos das coisas para as quais cederam a alma.”²⁶⁴ Ambos pagam, sim, o preço por suas escolhas. Yaqub, em sua perseguição vingativa a Omar, conseguiu afastar Rânia e Nael. Construiu sua vida, viveu o seu mundo de modernidades e dinheiro, mas se afastou de sua família e, em nome de vingança, acabou gerando mais ressentimentos e perdas. Omar também não teve um desfecho glorioso. Nunca conseguiu sair de casa, pois em troca da proteção e da comodidade do lar, nunca conseguiu viver sua própria vida plenamente.

Yaqub sai de Manaus para construir cidades, literalmente. Aos poucos se integra à cultura dominante, aos ditames do capital e se associa a círculos sociais influentes. “Se Yaqub é a modernidade, o mental e o racional, os que ficam em Manaus opõem-se a este exterior com paixão e irracionalidade.”²⁶⁵ Ou ainda, nas palavras de Leyla Perrone-Moisés, “a particularidade brasileira retratada no romance é a de reproduzir, invertida em latitude, a desigualdade Norte-Sul: calor e atraso econômico na Manaus de Omar, frio e desenvolvimento na São Paulo de Yaqub.”²⁶⁶ Assim, Omar vê em Manaus a decadência

²⁶⁴ GUERRA, Ana Amélia Andrade. O mito e o lugar em ‘Dois irmãos’. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.199.

²⁶⁵ VIEIRA, Estela J. Milton Hatoum e a representação do exótico e do imigrante. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.177.

²⁶⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. In: CRISTO, M. da L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p. 288.

da cidade e os efeitos nefastos posteriores da entrada de uma ingerência maior do capitalismo; enquanto isso, Yaqub vê o fausto em São Paulo com todas as vantagens que a modernidade pode oferecer.

No centro do nosso desequilíbrio, mais uma vez, a dupla fidelidade que nos dividia e fraturava o país: de um lado a aspiração burguesa, toda ela energia, cálculo e progresso; no campo oposto, o outro Brasil, onde a existência transcorria sem projeto, de costas para a ética ocidental do trabalho, entregue à indiferença da preguiça.²⁶⁷

De um lado, o Macunaíma manauara. De outro, uma espécie de Fausto tupiniquim. Porém, a idéia aqui não é a de enrijecer as perspectivas com relação aos gêmeos, senão incorreria-se no mesmo erro de tratá-los como dualistas, como mera justaposição entre razão e emoção. Ambos traços existem, mas não só, não de forma isolada. Se é possível uma analogia entre as regiões brasileiras e os irmãos, essa relação deve ser tratada da mesma maneira, a saber, de forma dialética, pois num dado momento histórico, “o modelo dialético permite que um dado fenômeno seja percebido como um momento ou uma secção entrelaçada, única, em um único processo articulado.”²⁶⁸

Se no item anterior o esforço foi o de demonstrar que as análises dualistas não davam conta da complexidade do problema, no caso de Yaqub e Omar o mesmo pode ser aplicado. Os gêmeos fazem parte de um todo, com inter-relações familiares e sociais, cujas ações são influenciadas por essas relações, bem como tais ações acabam influenciando o meio no qual elas se dão. Estabelecendo desta forma as relações entre a literatura e a sociedade, o objetivo é o de “ler o romance sobre fundo real e de estudar a realidade sobre fundo de romance [...]; ler uma na outra, a literatura e a realidade, até encontrar o termo de mediação.”²⁶⁹

²⁶⁷ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.24.

²⁶⁸ JAMESON, Frederic. **Marxismo e forma**. São Paulo: Hucitec, 1985, p.240.

²⁶⁹ SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 140.

Yaqub é, de fato, o gêmeo calculista, mas que passa parte de sua vida arquitetando uma vingança, de completo fundo emocional. Omar é aquele que não trabalha, que vive uma vida de ócio, mas opta por isso, sabendo das conseqüências. Yaqub pode representar o que há de mais moderno na sociedade, mas também é mais conservador e tem valores mais tradicionais que o irmão. Omar pode estar distanciado dessa modernidade, mas é, com certeza, um libertário, que defende o professor morto pela ditadura, escrevendo seus versos no chão da praça. Por isso, para Luiz Costa Lima, “os gêmeos não são apenas opostos, mas opostos que se complementam e que, nesta condição, explicitam a conduta de uma sociedade insegura dos valores que importa [...]”²⁷⁰

A crítica de Paulo Arantes à análise dualista, seja nas Ciências Sociais ou não, é que, ao se considerar a aparência, não se vê a contradição, e não havendo contradição, não há síntese. Nesse sentido, tanto a relação existente entre as regiões, quanto a dos irmãos, é contraditória, conflituosa. No que tange, primeiramente, às regiões,

*A razão de nosso modo de ser dual está nos avanços do capital e não numa compartimentação local idiossincrática. O Brasil é dois em virtude do passo conservador da Colônia à nova periferia organizada pelo imperialismo. Nossa discrepância interna está por assim dizer mundialmente orquestrada.*²⁷¹

No caso dos gêmeos, esse conflito pode ser entendido como se sempre tivesse existido – como Pedro e Paulo de Machado de Assis, que brigaram desde a barriga da mãe²⁷² – e que se agravou ao longo do tempo, mediante outros fatores. Com já foi dito anteriormente, o conflito entre eles atingiu toda a família, causando sua derrocada, mas atingiu particularmente Domingas. Ela se transformou numa espécie de canal para concretização do conflito, num momento de tentativa de afirmação dos irmãos, cada qual com seus motivos.

²⁷⁰ COSTA LIMA, Luiz. **Intervenções**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 320.

²⁷¹ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.89, grifos do autor.

²⁷² ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. São Paulo: Edigraf, 1963, p.15.

Nesse sentido, a figura de Nael é fundamental para compreender esse conflito, tanto em termos internos à narrativa, quanto com relação à sua estrutura. Coube a ele retomar os meandros da história de sua família, mesmo sabendo que nunca seria considerado parte dela. A bastardia consentida de Nael é muito representativa para a compreensão dos tipos de relações sociais existentes naquela família e na própria sociedade brasileira. Nael é uma espécie de agregado, alocado, junto com a mãe no quarto dos fundos. Apesar de todos saberem de sua origem, não era tratado como membro da família, mesmo tendo pequenos privilégios dentro da casa. Desta forma, é como se Nael se colocasse na fronteira entre pertencer e não pertencer à família, ser e não ser filho dos gêmeos. E seu intento de narrar a trajetória da família é também uma tentativa de resolver o problema de sua paternidade não revelada. Assim, no capítulo seguinte o foco da análise recairá sobre o narrador, explorando seus conflitos, suas buscas e sua função narrativa no romance.

CAPÍTULO 3: Nael, o narrador.

“O meu fim era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor nem o que foi nem o que fui [...] Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo.”

(Machado de Assis)

3.1. Notas sobre o papel do narrador na literatura

O narrador do romance **Dois irmãos** não se mostra logo de cara. Porém, já nas primeiras páginas é possível perceber que se trata de uma narrativa em primeira pessoa, cujo narrador remete o desenrolar dos fatos ao leitor. Aos poucos os personagens vão ganhando forma e características. Primeiro a matriarca Zana, em seu leito de morte; depois Yaqub e sua volta do Líbano; Halim e sua culpa por ter mandado o filho para longe; Lívia, uma espécie de Flora machadiana que causou discórdia entre os gêmeos na adolescência; Rânia e o furor que lhe assolava cada vez que via um dos irmãos; Domingas, em sua quietude prestativa; Omar e sua paradoxal semelhança com o irmão, escancarada na cicatriz no rosto de Yaqub; e, por fim, o próprio narrador.

Mas afinal, quem é esse narrador que se propõe a narrar uma história que, aparentemente não lhe pertence? Que tem ele a ver com uma família de libaneses em Manaus? Qual a sua relação com os gêmeos conflitantes e com a empregada índia? Mais ainda, qual a sua importância para a narrativa? Como ele estrutura sua narrativa? Há uma relação dele com um tipo específico de narrador?

É apenas no quarto capítulo que o narrador deste romance passa a falar de si e de sua busca. Porém, no decorrer do livro, ao descrever os demais personagens e situações, deixa escapar algumas sugestões sobre quem ele é: “A minha história também depende dela, Domingas”²⁷³. Ou ainda ao relatar a ida de Yaqub a São Paulo quando tinha apenas quatro anos de idade: “A partida de Yaqub foi providencial pra mim. Além dos livros usados, ele deixou roupas velhas que anos depois me serviriam.”²⁷⁴ A narrativa prossegue com o narrador relatando sobre as divergências entre os irmãos, sobre a dinâmica familiar e, posteriormente, contando sobre Halim e Zana se conheceram.

Só depois desse esboço de formação familiar, ele afirma que não sabia nada sobre sua origem: “É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que

²⁷³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.25.

²⁷⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p. 38.

uma das margens a acolhe.”²⁷⁵ Foi aí que desconfiou que ou Yaqub ou Omar poderia ser seu verdadeiro pai. Trata-se de um narrador marginalizado dentro da família, desprezado socialmente e que, por isso, “persegue sua origem, a identidade do pai, oscilando entre os dois irmãos gêmeos, ‘os verdadeiros filhos da casa’.”²⁷⁶

Está lançada uma das molas propulsoras do romance: a busca pela origem do narrador, que num esforço de recuperação da memória e da história daquela família, busca delinear a sua própria história, tangente àquilo tudo que se passava, mas ao mesmo tempo, relevante para sua formação. Um dos elementos presentes nesse percurso é o silêncio, especialmente o silêncio de Domingas sobre a paternidade revelando, para ambos, um segredo profundo e dolorido. Ela é a mãe do narrador e tal segredo mantinha mãe e filho ligados àquela família, prendendo especialmente a mãe a uma condição determinada de emprego. O menino, de certa forma, se recusou a ter o mesmo fim que ela, agarrando-se aos estudos e vez ou outra querendo ir embora dali: “Quantas vezes pensei em fugir! [...] Tinha rompantes de fuga [...] Olhava para todos aqueles navios atracados no Manaus Harbour e adiava a partida.”²⁷⁷

Porém, apesar de desejoso por uma outra vida, sempre ficava. Passou a bisbilhotar a vida conjugal de Halim e Zana, a analisar as desventuras na vida dos gêmeos, a cobiçar cada vez mais Rânia e a fofocar sobre a vizinhança a pedido de Zana. “Só quer saber de estudar, mas é abelhudo como ninguém”²⁷⁸, disse um dos vizinhos certa vez sobre o menino. Daí em diante, passou a ser um observador astuto de tudo o que se passava, ajudava vez ou outra nos assuntos da casa e dedicava-se aos estudos, o que Omar nunca fizera. O filho de Domingas viu muitas coisas acontecerem naquela casa: brigas, reencontros, visitas de Yaqub. Viu também Rânia desprezar todos os pretendentes mandados pela mãe; viu Halim lamentar a atenção desmesurada de Zana ao filho Omar.

²⁷⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.73.

²⁷⁶ CURY, Maria Zilda F. Memórias da imigração. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.) **Palavra e imagem**. Chapecó: Argos, 2006, p.314.

²⁷⁷ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.89.

²⁷⁸ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.136.

Viu Yaqub ascender socialmente em São Paulo e Omar tentar sair de casa sem sucesso. Antes de ver a morte de Domingas, o menino revela aos leitores seu verdadeiro nome, apenas no nono capítulo, através das palavras de sua mãe:

‘Quando tu nasceste’, ela disse, ‘seu Halim me ajudou, não quis me tirar da casa... Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele me disse, o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei...’²⁷⁹

Trata-se de uma passagem relevante, antes de mais nada, porque é a primeira vez que aparece o nome do narrador no romance – que já se encaminha para o fim e quando as doses de melancolia se tornam mais agudas. É, pois, algo aparentemente controverso conceber um romance em primeira pessoa, no qual a intermediação do leitor com a história contada se dá por meio do um narrador que está praticamente ausente e vai se mostrando aos poucos, bem lentamente. Narra os fatos, e depois de um tempo, fala de si, sugere algo sobre suas origens. Quase ao fim de tudo revela seu nome, que aparece no romance apenas mais uma única vez. Um narrador cuja presença é ausente. É ele quem narra, mas parece querer não revelar sua identidade ao leitor²⁸⁰.

Por outro lado, essa passagem também mostra uma relação forte que Nael manteve durante todo o tempo com Domingas e Halim. No caso da mãe, afora a preocupação dele com a vida e com o trabalho dela na casa, vez ou outra e de forma breve ela contava coisas sobre o menino e sobre a história dos gêmeos.

Domingas, empregada-agregada em **Dois irmãos**, não tem como traço a oralidade. Pelo contrário, ela quase não fala e quando fala narra laconicamente trechos de histórias da família em que vive. De qualquer forma, ela é detentora de uma memória à qual só Nael, o narrador, tem acesso, ou pelo menos busca ter.²⁸¹

²⁷⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.241.

²⁸⁰ Geralmente os narradores ausentes são aqueles que se colocam em terceira pessoa. Nas obras em primeira pessoa, especialmente nas memorialistas, os narradores aparecem em evidência.

²⁸¹ CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Relatos de uma cicatriz. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.331. A autora firma ainda

Halim foi também uma pessoa marcante na vida de Nael. Eram companheiros de conversas, passeios e buscas desenfreadas por Omar. A relação afetiva de Nael com Domingas e Halim passava por algo presente no romance, mas que Nael não presenciou como testemunha ocular. Tais fatos lhe foram contados e transmitidos oralmente por esses dois personagens. A experiência de vida de Nael se junta aos relatos ouvidos e dão forma ao romance **Dois irmãos**.

[...] Nael opta pelo caminho da tensão entre oralidade e escrita, engendrando a memória. O narrador funcionaria como um operador que desliza pelo discurso do imigrante, mas também pelas formas discursivas dos nativos. Sua possibilidade de criação de um espaço-tempo em que todas essas linhas confluam depende da memória e do ato de narrar, de enunciar.²⁸²

Após ver a morte de Halim, a morte de Domingas, de Zana e Yaqub, ou seja, depois de muitos anos transcorridos e muitos fatos relatados no romance é que Nael resolveu contar sua história. A espera, o tempo e a decantação das memórias encontram seus ecos nas palavras de Halim e se transfiguram nas de Nael.

Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras, disse Halim durante uma conversa [...]²⁸³

A relação aqui apresentada entre escrever, esquecer, tempo e memória é uma das chaves interpretativas para que se compreenda quem é, de fato, esse narrador. A espera de Nael para escrever suas memórias não é fortuita. Como disse Halim, há a necessidade de que o tempo sedimente as experiências e os sentimentos. A narrativa de Nael é fruto da

que Domingas contava a história de seu povo e de sua terra, não tanto por relatos, mas através de pequenas esculturas de animais.

²⁸² CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Relatos de uma cicatriz. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.333.

²⁸³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.244.

sua experiência vivida, mas também do que lhe foi contado oralmente. No romance **Dois irmãos**, há, na verdade, uma “duplicação da escrita”. Ou seja, trata-se de um livro dentro de outro livro, pois o relato que se desdobra “consiste numa versão, interpretação dos fatos – e, como tal, não pode ser simplesmente transmitido, mas implica uma construção.”

²⁸⁴ Por isso, além de ser narrador do romance, Nael é também autor.

Nael é a gênese do romance **Dois irmãos**, assim como qualquer narrador o é em um romance, pois é a partir dele que o mundo ficcional sobe à tona e passa a ser realidade para o leitor. A figura do narrador dos romances, assim como conhecemos hoje – apesar de existirem tipos diferentes de narradores – está intimamente ligada ao surgimento do romance. Desta forma, cabe ao narrador a tarefa de organizar o romance de forma a ser cognoscível para o leitor. É ele quem sugere uma certa totalidade da qual pretende dar conta a estrutura romancesca. Há uma normatividade por parte do narrador pressuposta pela organicidade de que o romance necessita. Apesar de ter essas características mais ou menos gerais, existem diversos tipos de narradores que foram se transformando ao longo da história e ao longo do próprio desenvolvimento da literatura e da sociedade.

Há, por exemplo, o narrador onisciente intruso, ou seja, aquele que narra de vários ângulos possíveis e que também se intromete e comenta a narrativa, estilo característico de Balzac e também utilizado por alguns narradores de Machado de Assis. Outro tipo de narrador é o onisciente neutro, com basicamente as mesmas características do anterior, só que sem comentários que barrem a narrativa, sendo o caso, com algumas ressalvas, de Flaubert. Além desses dois, considerados os estilos mais comuns e utilizados na literatura em terceira pessoa, há também o narrador testemunha e o narrador protagonista, ambos narrados em primeira pessoa – que serão explorados posteriormente ²⁸⁵. Para Roberto Schwarz, as diferenças existentes entre os narradores modernos são soluções técnicas a

²⁸⁴ BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, p.196.

²⁸⁵ Cf. LEITE, a partir da tipologia de narradores estabelecida por Friedman. Além dos já apresentados, ainda há a categoria da onisciência seletiva múltipla, utilizada por Graciliano Ramos em **Vidas Secas**; a onisciência seletiva, cujos exemplos podem ser Virginia Woolf e Clarice Lispector; o modo dramático, característico dos contos de Hemingway e Henry James; e, por último, a câmera, utilizada por Robbe-Grillet.

que não se pudesse objetar parcialidade, seja através do método impessoal de Flaubert ou mesmo do padrão científico de Zola.

A disciplina da escrita, cultivando com igual absolutismo a observação da realidade, a expressão justa e as virtualidades sensíveis e sugestivas da linguagem, compunha um objeto de evidência por assim dizer incontestável. Contudo, essa solidez sem brecha, tão peculiar, resulta da incorporação simultânea de perspectivas sociais antagônicas, e não, como parece, da supressão delas.²⁸⁶

Assim, o romance como forma literária mostra um mundo em conflito cujo herói é sempre um indivíduo problemático, demonstrando o desajuste do homem com o mundo. Frutos de uma sociedade capitalista tanto o romance como o herói e o narrador representam o descompasso existente e as tentativas de demonstrá-lo através da narrativa. Seguindo as premissas de Lukács, Adorno afirma que o romance é a forma específica que a literatura adquire na era burguesa. Desde o mundo desencantado de **Dom Quixote**²⁸⁷, o romance passou a ter como elemento principal a capacidade de dominar artisticamente a existência.

O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais.²⁸⁸

Walter Benjamin concebe o romance moderno em termos semelhantes ao afirmar que seu centro é a busca do “sentido da vida”, orquestrada pelo narrador, cuja tarefa é trabalhar a matéria prima da experiência e transformá-la num produto sólido, útil e único²⁸⁹. O resultado disso é a “expressão da perplexidade do leitor quando mergulha na

²⁸⁶ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000b, 180.

²⁸⁷ Cf. CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

²⁸⁸ ADORNO, Theodore W. Posição do narrador no romance contemporâneo. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2008, p.58.

²⁸⁹ BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.221.

descrição dessa vida.”²⁹⁰ Esse estranhamento diante da vida é, segundo Schwarz, próprio do conflito entre as classes sociais advindas da ascensão da burguesia ao poder, trazendo consigo “uma discrepância aguda, na qual se refletiam, como um sarcasmo objetivo, a experiência histórica recente e o ódio próprio à guerra de classes”. Esses conflitos são fundamentais e intrínsecos às obras de Flaubert e Baudelaire, possibilitando uma “expressão literária ao choque histórico.”²⁹¹

Assim, a escrita de um romance “significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem vive.”²⁹² Tais elementos são representativos da seriedade trágica e existencial, característica dos romances realistas, como em Balzac e Stendhal. É a partir desse momento que há a mistura do sério com a realidade cotidiana na literatura, sendo para Auerbach, uma das misturas mais decisivas, autênticas e importantes da história da literatura.²⁹³

O romance é forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista inovadora [...] – a qual sempre única e, portanto, nova. Assim, o romance é o veículo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade.²⁹⁴

Diferente disso, na epopéia o narrador se colocava como tendo uma visão de conjunto, uma voz coletiva que se distanciava do mundo narrado em um tom mais solene, à mercê dos deuses e mediando a relação com as musas e com os leitores. Porém, essa característica se modifica com o advento do capitalismo e das conseqüentes mudanças sociais. A prosa passa a se focar no cotidiano ao invés de tratar de uma ambiência em que vivem deuses e heróis. Por isso, para Sérgio Buarque de Holanda, “o romance representa,

²⁹⁰ BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.212.

²⁹¹ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000b, 179.

²⁹² BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.201.

²⁹³ AUERBACH, Eric. **Mimeses**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.431.

²⁹⁴ WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.14-15.

provavelmente, entre todas as formas de literatura a que se sujeita com mais dificuldade a uma visão orientada pela simples preocupação estética.”²⁹⁵

[...] o narrador do romance – quando a narrativa se prosifica na visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, os sentimentos dos homens comuns e não as aventuras dos heróis – perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados.²⁹⁶

Walter Benjamin aponta que o surgimento da imprensa – e conseqüentemente do livro – atrelado ao próprio desenvolvimento das forças produtivas desencadeou uma nova forma de composição das narrativas. Daí uma particularidade dos romances apontada por Benjamin: “O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa [...] é que ele nem provém da tradição oral nem a alimenta.”²⁹⁷ O romance escrito rompeu com a narrativa convencional e oral, característica dos séculos anteriores. Narrar significava retirar algo da própria experiência ou dos outros e compartilhar com os demais membros de uma comunidade. Diferentemente, o romancista segrega-se, isola-se e distancia-se do leitor. Essa prática caracteristicamente burguesa alude que a experiência não é mais possível, “que a transmissão da tradição se quebra e que, por conseguinte, os ensaios de recomposição da harmonia perdida são logros individualistas e privados.”²⁹⁸

Além disso, o trabalho de narrar está intimamente ligado ao trabalho manual, a um tipo de comunicação artesanal. Com o desenvolvimento capitalista e a substituição do trabalho manual pelo trabalho industrial, a narrativa perde seu caráter de desenvolvimento no tempo. A informação passa a ser a pedra de toque nas narrativas, o que acaba por comprometer a qualidade e mudar substancialmente seu teor. A narrativa propriamente

²⁹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque. Em volta do círculo mágico. **O espírito e a letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v.2, p.189.

²⁹⁶ LEITE, Lígia Chiappini M. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985, p.11.

²⁹⁷ BENJAMIN, Walter. A crise do romance. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.55.

²⁹⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006, p.52.

dita “não está interessada em transmitir ‘o puro em-si’ da coisa como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.”²⁹⁹ É nesse ponto que a marca do narrador se deixa transparecer na narrativa.

Há, portanto, um declínio da narração por haver um declínio da experiência. Isso significa que, para Benjamin, quando se perde um narrador, é “como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”³⁰⁰. A experiência é fonte da qual recorrem os narradores e tanto é melhor uma narrativa quanto for mais próxima dos relatos orais. Quando há o rompimento da troca de experiências, há também uma quebra de memória, ou seja, a memória serve para arquivar e reproduzir e quando ela se rompe, não há conservação da narrativa. “O que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite.”³⁰¹ A perda ou declínio da experiência significa uma quebra na própria transmissão da narrativa em suas formas tradicionais, sendo que aqui trata-se da

[...] experiência no sentido forte e substancial do termo, que a filosofia clássica desenvolveu, que repousa sobre a possibilidade de uma *tradição* compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de palavra transcorrida de pai para filho.³⁰²

A narrativa funda-se na reminiscência, ou seja, na capacidade de reter e reproduzir o conhecimento e é ela quem “tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si.”³⁰³ Ao narrador cabe contar muitas histórias, pois carrega consigo a experiência do vivido e do ouvido. Ao romancista, cabe uma experiência fragmentada e

²⁹⁹ BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.205.

³⁰⁰ BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.198.

³⁰¹ ADORNO, Theodore W. Posição do narrador no romance contemporâneo. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2008, p.56.

³⁰² GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006, p.50, grifos da autora.

³⁰³ BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.211. Benjamin aponta aqui uma diferenciação entre a memória do romancista e a memória do narrador: no primeiro caso, trata-se de uma memória perpetuadora, uma saga e um herói. No segundo, trata-se de uma memória breve, com vários fatos difusos.

de esvaziamento do sujeito. Esse é um ponto chave para as considerações benjaminianas sobre os narradores contemporâneos. Benjamin constata o fim da narrativa tradicional, mas também aponta para uma outra forma de narrar que surge das ruínas dessa narrativa; o narrador passa a ser aquele que recolhe as sucatas, os lixos, os cacos da vida moderna e opera a reconstrução para que o passado não caia no esquecimento. Por isso, um elemento relevante é a questão da lembrança na escrita.

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas como *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação.³⁰⁴

No caso específico do narrador Nael, essas considerações de Benjamin são de grande valia para sua compreensão, seja no que tange à impossibilidade de narrar, à fragmentação da escrita ou mesmo à conexão da linguagem escrita com a oral. As lembranças de Nael são o solo fundador de sua narrativa, sendo que ele opera a tensão entre memória e oralidade por meio da escrita. “Nael toma a palavra, através da escrita, para registrar a memória que já não pode manter-se oralmente, como fora nas culturas indígenas até a chegada do invasor-colonizador.”³⁰⁵

Nael busca analisar a história da família através dos gêmeos, da chegada de Galib, pai de Zana, ao Brasil, enfim, da formação da família para poder buscar suas origens. Trata-se de uma perspectiva ampla e que respeita, de certa forma, um processo temporal e histórico da constituição daquela família, crucial para o intento de sua narração. Porém, apesar desse esforço, Nael narra a partir de suas lembranças, cujo contraponto fundamental e necessário é o esquecimento. Esse duplo jogo presente na teoria de Benjamin gera a fragmentação, porém adiciona-se a imaginação, crucial para o processo

³⁰⁴ BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.37.

³⁰⁵ CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Relatos de uma cicatriz. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.334.

de construção do romance. A própria estrutura de *flashbacks* do romance **Dois irmãos** exemplifica a traição da verdade através da memória.

Além disso, ele narra a partir do que teve como experiência vivida dentro da casa, ou a partir do quarto dos fundos, onde lhe cabia estar, na condição de filho da empregada. Muito do que ocorreu na casa não foi visto por ele, sendo a ida de Yaqub para São Paulo quando Nael tinha apenas quatro anos de idade um exemplo disso. O que não foi visto ou experienciado, lhe foi contado um pouco por Domingas, mas principalmente por Halim. Nael forma uma espécie de conector entre as narrativas orais e sua própria escrita, afinal, segundo Benjamin, a arte de contar histórias é contá-las de novo.

Há aqui um aparente paradoxo. Anteriormente foi afirmado que, para Benjamin, a narrativa escrita rompe com a tradição das narrativas orais. Porém, as lembranças de Nael se baseiam em grande parte no que lhe foi contado oralmente. Por isso há, em sua narração, uma ligação forte entre a oralidade e a escrita. Ele conecta não apenas as memórias familiares, dando uma unidade de sentido, mas também duas formas narrativas. É como se as palavras de Halim, Domingas e Nael, transcendessem a casa e Manaus através do romance.

O narrador, que também é personagem e relembra o que viveu no momento que narra, é ainda aquele que ao olhar para o passado pode julgar o que foi vivido. Esse narrador em primeira pessoa está, ao mesmo tempo, dentro e fora da narrativa e usa como instrumento a memória para sustentar seu relato e investigar seu próprio passado. Isso significa dizer que a questão da memória para Nael é fundamental, pois é a partir dela que ele consegue reconstituir os eventos familiares elementares para sua narrativa. As reminiscências presentes ao longo do texto demonstram a capacidade de Nael, depois de muitos anos, de conseguir reconstruir um passado e uma história na qual ele, o narrador, foi testemunha e ouvinte.

3.2. Nael, testemunho(a) e memória

Diante das considerações feitas sobre o narrador e sua inserção no debate acerca da posição do narrador na literatura contemporânea, resta saber como se coloca o narrador de **Dois irmãos** no romance. Na condição de narrador e personagem, qual a sua relação com a história? O que Nael escreve é algum tipo de testemunho sobre algo marcante em sua história? Por que narrar depois de tantos anos passados? Qual o papel da memória em sua narrativa?

Apesar do intuito de reconstituir seu passado, Nael pouco fala de si mesmo, de seus anseios e de sua vida particular. Sempre enfatiza sua ânsia por estudar, por seguir um caminho que Omar não quis, acreditando que seu diploma seria sua alforria³⁰⁶. Menciona, em algumas ocasiões, seu desejo por Rânia, seu contato diferente com cada um dos gêmeos, seus passeios com sua mãe ou com Halim. Mas as lembranças de Nael são de fatos marcantes para si mesmo, mas principalmente para o núcleo familiar.

A narração parte dele, do seu recorte memorialístico e de suas apreensões e interpretações do que se passou. Porém, apesar da narrativa girar em torno dele, em termos formais, Nael não é um narrador onisciente, pois não sabe o que se passa com os demais personagens, a não ser quando presencia algo ou escuta alguma história. Ele é um personagem da trama como qualquer outro, exceto por ser o epicentro formal da narrativa. No decorrer do romance, percebe-se que Nael pretende contar sua história, a história de sua família, procurando entender qual o seu lugar no mundo³⁰⁷.

Apesar de querer relatar e entender sua própria história, Nael não é protagonista. Ele não é como Bentinho, narrador que é protagonista e que tenta juntar as duas pontas de sua vida para procurar saber como ela se perdeu dele mesmo. Diferentemente disso, Nael é, na verdade, um narrador-testemunha. No romance, ele é um personagem secundário,

³⁰⁶ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.37.

³⁰⁷ FISCHER, Luís Augusto. **Um narrador, dois irmãos e o retrato do povo brasileiro**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2310200015.htm>. Acesso em: 10/02/2011

uma vez que os grandes episódios da narrativa não acontecem com ele, mas com os outros, especialmente com os gêmeos: “ele é um narrador periférico; ele não é o protagonista de sua própria história. Ele não está na Casa Grande, mas nos fundos; é bastardo e empregado na casa da família que o colocou na posição de agregado.”³⁰⁸

O narrador-testemunha é um narrador em primeira pessoa e interno à narrativa,

[...] vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil. ‘Testemunha’, não é à toa esse nome: apela-se para o testemunho de alguém, quando se está em busca da verdade ou querendo fazer algo parecer como tal.³⁰⁹

Seu ângulo de visão é mais limitado que o do narrador onisciente, mas vê as coisas com um distanciamento maior do que o narrador protagonista. No caso de Nael, seu distanciamento é também físico e social. Não se trata apenas de ajustar o narrador do romance a uma categoria específica, pois a maneira como o romance é estruturado tem uma relação direta com o desenrolar da narrativa. A necessidade de analisar forma e conteúdo impõe que essas duas esferas sejam consideradas em conjunto, ou seja, não apenas os aspectos formais do narrador, mas também sua postura diante das circunstâncias. A partir disso, percebe-se que Nael está à margem da família e, no limite, da própria sociedade. Sua condição de filho bastardo e de agregado o coloca numa condição fronteira, como se não pudesse narrar sua própria vida sem falar dos outros. O distanciamento de Nael também é físico, pois cabe a ele um lugar no quarto dos fundos. Maria da Luz Pinheiro de Cristo acredita que o objetivo inicial de Milton Hatoum seria inserir Nael na idéia tradicional de narrador-testemunha, mas isso não deu conta de resolver as nuances contidas na narrativa.

No desenvolvimento do trabalho de escrita, o narrador foi tomando outra forma, obrigando-o a uma certa opacidade em relação a sua própria história. A dúvida

³⁰⁸ CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Relatos de uma cicatriz. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas'UNINORTE, 2006, p.333.

³⁰⁹ LEITE, Lígia Chiappini M. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985, p.37, grifos da autora.

que o persegue é também a dúvida do autor, ou seja, as categorias tradicionais de narração não dão conta da opacidade, das rupturas, da mistura que contém o interno e o externo, da necessidade de registro da oralidade, da repetição, da ausência e do silêncio.³¹⁰

Diferentemente do narrador Lavo de **Cinzas do Norte** que prefere o distanciamento para fazer seu relato, Nael insiste na posição fronteira. Ele vê o estranhamento do mundo, a ausência do pai e de uma identidade, “debatendo-se com a inexistência de um solo fundador e criando um ‘eu’ capaz de interpretar seu passado de submissão e invisibilidade com os olhos críticos de alguém que desnaturalizou o mundo que o constituiu e, conseqüentemente, a si mesmo.”³¹¹ E só pode fazê-lo através de um distanciamento que já era físico e social, mas para a feitura do romance, precisa também ser temporal, através do resgate da memória. Seu olhar fronteiro é também entre passado e presente. “Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente.”³¹²

A possibilidade de ver o passado para se compreender o futuro é algo que depende da memória e depende também da própria passagem do tempo, quando nem todos os envolvidos estão vivos para contar a história. A noção de autoridade do narrador como aquele que pode e deve relatar, não apenas o seu passado, mas uma espécie de passado coletivo está ligada à questão da morte na modernidade de que trata Benjamin: “é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.”³¹³ Ou seja, é como se fosse um momento de síntese que dá ao narrador a autoridade para contar os fatos. No romance **Dois irmãos**, o narrador só começa a

³¹⁰ CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. Relatos de uma cicatriz. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.326.

³¹¹ BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, p.198.

³¹² GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006, p.44.

³¹³ BENJAMIN, Walter. O narrador. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p.207.

escrever suas memórias depois que quase todos já haviam morrido. Nael viu Halim e Domingas morrerem em casa, mas não quis ver Zana morrer numa clínica e apenas soube da morte de Yaqub. Esse ponto é central para a narrativa, pois por um lado, não há mais quem conte tal história e por outro, a morte coincide com uma espécie de passagem do tempo, fazendo com que os sentimentos decantem e se tornem compreensíveis.

Isso dá a Nael um caráter de sobrevivência, assim como aos demais narradores de Hatoum, tanto em **Relato de um certo oriente** quanto em **Cinzas do Norte**. Em primeiro lugar, a sobrevivência é literal, ou seja, tais narradores são os únicos que estão vivos para contar. Em segundo lugar, sobreviveram ainda aos dramas testemunhados e ouvidos ao longo da vida. No caso de Nael, sobrevive à humilhação e à bastardia, enfrentando inclusive o drama da própria maneira de lidar com a linguagem e com a escrita³¹⁴.

[...] podemos supor que um sujeito que enfrentou experiências extremas, que deixou marcas em seu presente e foi vivida como indizível, é potencialmente mais afetado pelas dificuldades inerentes ao ato de contar uma história, tendo se deparado com os limites da linguagem e com o caráter infinito e lacunar da produção de sentido.³¹⁵

A sobrevivência está, pois, intimamente ligada ao testemunho. Há uma vasta bibliografia sobre o assunto, especialmente relacionando a literatura aos relatos testemunhais diante de catástrofes e de traumas. O caso mais exemplar são os relatos daqueles que sobreviveram aos campos de concentração nazistas³¹⁶. De acordo com Márcio Seligmann-Silva, a literatura de testemunho, na verdade, se articula de duas formas: por um lado, existe a necessidade de narrar uma experiência vivida e, por outro, a

³¹⁴ Pode-se usar a cicatriz em meia lua no rosto de Yaqub para metaforizar como determinadas experiências-limite se arraigam na história dos personagens do romance.

³¹⁵ BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, p.179.

³¹⁶ Tais testemunhos também são conhecidos como referentes à Shoah, que significa catástrofe em hebraico e é largamente utilizado no lugar de Holocausto.

percepção da linguagem como insuficiente diante dos fatos e a percepção do caráter inverossímil de tais fatos.³¹⁷

Apesar da dificuldade de se traduzir sentimentos que foram duramente vivenciados, muitos deles merecem ser transmitidos a outras pessoas por diversos motivos. Por mais difícil que seja reviver um trauma no momento da reconstrução artística, o testemunho se coloca como um dos elementos principais para se compreender a arte e a sociedade nos dias atuais.

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida e apesar e causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado por nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.³¹⁸

Testemunhar não é apenas recriar algo para si, mas estabelecer uma comunicação com os demais membros de uma comunidade. Assim, o testemunho se debate entre a necessidade e a impossibilidade de narrar. O que se testemunha, no mais das vezes, exige um relato por tratar de uma experiência extrema, limite. Porém, não há como generalizar os termos, afinal toda a literatura tem um caráter testemunhal e o real, não raro se coloca como traumático. Por isso a necessidade de se analisar a relação tênue existente entre o testemunho e o real que passa, em muitas ocasiões, pelo trauma. Na concepção de Freud o trauma se constitui como um certo tipo de experiência que não pode ser totalmente assimilada quando ocorre.³¹⁹

Assim, tanto o romance quanto o testemunho se colocam diante da dificuldade de narrar e de representar algo diante do enfrentamento de uma situação desprovida de

³¹⁷ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). Apresentação da questão. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.46.

³¹⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006, p.57.

³¹⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). Apresentação da questão. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.48

sentido. Em outras palavras, trata-se de entender “como a literatura dita testemunhal, nascida da defrontação com o horror de uma catástrofe ou com o excesso de uma experiência traumática, enfrenta questionamento similar àquele do escritor moderno sobre sua capacidade de narrar.”³²⁰

A impossibilidade de narrar algo que parece inverossímil torna o ofício narrativo ainda mais complexo, fazendo com que haja, através da linguagem, um abismo diante da realidade da catástrofe. Porém, um elemento que merece relevância ao tratarmos desse tema diz respeito ao contexto histórico cultural europeu. A literatura de testemunho teve um solo fecundo diante dos traumas causados pelos campos de concentração. O desconforto da literatura diante desses eventos exigiu uma luta contra o esquecimento que é, na verdade, uma luta contra a própria repetição da catástrofe³²¹.

Há, portanto, uma tarefa de rememorar o trágico, de um lado se confrontando diretamente com a catástrofe e de outro, enfrentando um consolo que nunca é alcançado. Os trabalhos existentes depois de Auschwitz demonstram a clara necessidade de testemunhar uma tragédia. A necessidade da rememoração é fundamental, pois de acordo com Benjamin, “é nos fenômenos-limite que o pensamento encontra os (des)caminhos/desvios que permitem melhor desdobrar as idéias.”³²²

Na América Latina e em especial no Brasil a literatura testemunhal esteve conectada a outros elementos traumáticos que não necessariamente os mesmos da Europa, ou ao menos não na mesma intensidade e proporção. As catástrofes latino-americanas estão menos ligadas aos eventos dos campos de concentração e mais diretamente relacionadas às ditaduras militares, como no Chile, na Argentina e no Brasil. Essa literatura surgiu como forma de denúncia à repressão e tomou forma de testemunho diante das atrocidades cometidas pelos regimes. No caso específico do Brasil, a ditadura militar

³²⁰ BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, p.184.

³²¹ FRANCO, Renato Bueno. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 356.

³²² SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.65.

que perdurou por duas décadas teve impactos significativos no âmbito da cultura e também na literatura.

A radicalização ideológica, mais do que gavetas vazias, trouxe consigo uma gama de romances que se relacionam, de alguma maneira, à questão vivida durante a ditadura. Inicialmente, Renato Bueno Franco destaca diversos romances que compõem a chamada “cultura da derrota”, logo após a implantação do AI-5 em 1968, ou seja, uma cultura vigiada e despolitizada. Alguns romances da década de 1970, tematizam o fracasso das esquerdas, além da derrocada do pacto político entre os intelectuais e as massas trabalhadoras.³²³

Ainda na década de 1970, uma outra forma de lidar com a ditadura foi a chamada “geração da repressão”, cujos principais expoentes exploraram o tema da repressão ditatorial, sendo muitos deles ex-revolucionários que foram presos e torturados. O relato dessas experiências dão origem ao que seria uma literatura de testemunho, sendo o caso, por exemplo, de **O que é isso companheiro?**, de Fernando Gabeira e **Em câmara lenta**, de Renato Tapajós. Eles revelam experiências traumáticas quase inverossímeis ao leitor. Mais do que um gênero, a literatura de testemunho é uma face que aflora com mais intensidade diante dos eventos traumáticos da contemporaneidade, revelando sua intrínseca relação com o real.

A tarefa de lembrar a tragédia, de narrar o núcleo dos fatos – enfim, de narrar a história a contrapelo –, envolve ainda o enfrentamento, por parte do narrador, do sofrimento experimentado, além de alimentar nele a esperança de que tal narração seja um meio de acusar o inimigo pela barbárie perpetrada, impedindo-o assim de continuar a adotar tais práticas.³²⁴

³²³ FRANCO, Renato Bueno. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.358. O autor cita como exemplos os romances **Os novos**, de Luiz Vilela, **Combati o bom combate**, de Ary Quintella e **Bar Don Juan**, de Antonio Callado. Há, ainda, após 1975 e a abertura “lenta e gradual”, os chamados “romance-reportagem”, como é o caso de **Lúcio Flávio, o passageiro da agonia**, de José Louzeiro e o “romance de denúncia”, cujo exemplo é **Os que bebem como os cães**, de Assis Brasil, culminando posteriormente, com o fim da censura.

³²⁴ FRANCO, Renato Bueno. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.364.

Desta forma, pode-se dizer que o último grande evento traumático da história brasileira foi a ditadura militar, imprimindo marcas significativas na literatura, inclusive no romance **Dois irmãos**. Os efeitos da ditadura militar em Manaus são sentidos de diversas formas pelos personagens do romance, não apenas diante do contraste existente entre a euforia com o crescimento e o desenvolvimento econômico do país na década de 1950, mas também em relação à opressão política que passou a vigorar na década seguinte.

O processo de democratização política e social, com a crescente mobilização popular pelas chamadas ‘reformas de base’ – agrária, educacional, tributária e outras que permitissem a distribuição mais equitativa da riqueza e o acesso de todos aos direitos de cidadania –, foi interrompido pelo golpe de 1964.³²⁵

Trata-se de uma oposição que se faz presente no romance a partir do testemunho de Nael diante de eventos políticos e econômicos que foram fundamentais para a formação de Manaus. A melhora do comércio e os avanços na economia apontavam esperançosamente para um futuro promissor da nação, não apenas em termos econômicos. Assim, a tomada do poder pelas forças militares deu outros contornos para essa história, já que a repressão política transformou a esperança em decadência. Esse salto é testemunhado por Nael e tem uma significativa importância para o desenvolvimento da narrativa especialmente com relação à sua relação com os gêmeos.

Omar era um grande amigo do poeta e professor de literatura francesa Antenor Laval, considerado subversivo pelo regime. Deu aulas a Omar e posteriormente a Nael no colégio Galinheiro dos Vândalos, além de ter sido companheiro de Omar nas noitadas e nas rodas de leituras de poesia. Em março de 1964, Laval entra na sala de aula abatido e escreve na lousa os versos de “Os cegos”, de Baudelaire³²⁶. Logo após esse incidente, Laval foi humilhado, preso e morto pelos militares.

³²⁵ RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.36.

³²⁶ A última frase legível que Nael anotou do poema foi: “*Je dis: Que cherchent-ils au Ciel, tous ces aveugles?*” (“Digo: que buscam estes cegos ver no céu?” – Tradução de Ivan Junqueira).

Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio [...] A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército [...] Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril.³²⁷

Após saberem da notícia que Laval estava morto, os alunos do liceu se organizaram para ler seus poemas no coreto. Omar foi o último a ler e estava extremamente emocionado. “Omar escreveu com tinta vermelha um verso de Laval, e por muito tempo as palavras permaneceram ali, legíveis e firmes, oferecidas à memória de um, talvez de muitos.”³²⁸

As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara em confronto com a polícia do Exército. Halim aconselhou a não mencionar o nome de Laval fora de casa. Outros nomes foram emudecidos.³²⁹

A presença da ditadura militar, aparentemente de soslaio no romance, pode ser entendida como um ponto fundamental para a compreensão da construção da narrativa operada por Nael. A morte de Laval foi representativa não apenas para demonstrar os efeitos da ditadura militar no Norte do país, mas também para ilustrar essa mudança na perspectiva de Nael. Em termos narrativos trata-se de um outro olhar de Nael sobre os gêmeos Yaqub e Omar.

A relação de Nael e Omar sempre fora conturbada. Porém, diante da morte de Laval, ainda que apenas durante alguns instantes, Nael passa a vê-lo de forma diferente: “Não pude odiar o Caçula. Pensei: se toda a nossa vida se resumisse àquela tarde, então estaríamos quites. Mas não era, não foi assim. Foi só aquela tarde.”³³⁰ A atitude de Omar

³²⁷ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.189.

³²⁸ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.191.

³²⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.198.

³³⁰ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.191.

em honrar a morte do amigo Laval foi vista por Nael como algo digno e diferente de tudo o que havia feito até então.

No mesmo dia, Yaqub volta a Manaus depois de muitos anos vivendo em São Paulo. Todos na casa pareciam assustados com a morte de Laval, com os carros militares nas ruas, com os estabelecimentos fechados. “Mesmo assim, Yaqub não se intimidou com os veículos verdes que cercavam as praças e o Manaus Harbour, com os homens de verde que ocupavam as avenidas e os aeroportos.”³³¹ Nael lhe confessou que estava com medo de sair à rua, apesar de não entender exatamente o que estava acontecendo. “Mas ele insistiu que eu o acompanhasse: ‘Já fui militar, sou oficial da reserva’, me disse orgulhoso.”³³² Foi então que, diante da fila de carros militares nas ruas de Manaus, Nael começou a ter alucinações e febre, pensando em Laval e, assim como Omar, também adoeceu: “Acompanhei com o rabo do olho a trepidação daquele monstro verde na rua de pedras, senti um mal-estar, uma pontada na cabeça e logo uma ânsia de vômito ao perceber a fila de veículos verdes que parecia não ter fim.”³³³

Os eventos em torno da ditadura militar reforçam, de certa forma, a distância que separava Yaqub de Omar. Enquanto o irmão bem sucedido andava impassível em meio aos tanques e soldados, Omar sofria indignado com a morte do poeta subversivo. As posições políticas de ambos são marcadas e Nael descobre o que talvez seria a única identificação com Omar. É a primeira vez que Nael relativiza sua visão negativa sobre ele e percebe um outro lado de Yaqub que não conhecia.

Yaqub sempre fora visto por Nael e por muitos da casa como alguém quase perfeito, que havia alcançado o sucesso sem a ajuda de ninguém. Ao perceber o conservadorismo que ele mostra diante das questões acerca da ditadura militar, a figura de Yaqub que vivia no imaginário de Nael não condizia mais com a realidade. Uma inversão semelhante ocorre com Omar: o ódio que Nael tinha do Caçula por ser um preguiçoso,

³³¹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.198.

³³² HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.199.

³³³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.199. A ditadura militar se coloca mais evidente e alegorizada na figura do pai autoritário em **Cinzas do Norte**.

por tratar mal a ele e a Domingas é nuançado diante da coragem de Omar no episódio Laval.

Esses elementos são fundamentais para a estrutura narrativa, pois de outra forma os gêmeos seriam dicotomizados em formas antagônicas e opostas. A visão que ele tinha de Yaqub como um exemplo e alguém de quem ele sentia orgulho, se modifica pois, de certa forma, é como se Nael se decepcionasse com ele. A perspectiva sobre Omar como alguém que só lhe causava desprezo e raiva é transformada em surpresa diante do ocorrido. Trata-se de algo que confere uma maior complexidade aos personagens, enriquecendo a narrativa e a construção de Nael.

A postura dos gêmeos diante da ditadura é importante e assume a forma de um depoimento de Nael, tanto da história do Brasil quanto de um evento marcante em sua própria trajetória. Foi a primeira vez que pôde ficar mais próximo de Yaqub e também a primeira vez que não odiou Omar. Assim, diante de um período conturbado da história brasileira, Nael ofereceu um testemunho de um evento traumático em termos individuais e coletivos.

Tal presença histórica no romance relaciona a obra de Hatoum aos demais romances produzidos cuja temática é a ditadura militar. Não só por isso, mas também pela maneira como são abordados, ou seja, a ditadura aparece em muitos romances em forma de testemunho. Assim, de acordo com Renato Bueno Franco, aqueles romances “atualizaram uma constante na nossa literatura: eles são, em certo sentido, textos memorialistas.”³³⁴. **Dois irmãos** é claramente um romance de memória, uma vez que Nael dá seu testemunho de acordo com o que é permitido pelas nuances de suas lembranças.

Porém, os romances de memória no Brasil não se restringem apenas às narrativas relacionadas à ditadura militar. Para Luís Augusto Fischer, é mais do que isso, é um jeito de ser do romance brasileiro, uma vez que os principais romances produzidos aqui simulam ser relatos de memória.

³³⁴ FRANCO, Renato Bueno. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.364.

Trata-se de um tipo de texto de alto valor, porque dá depoimento direto da vida, quase sempre a partir de um ponto de vista privilegiado: a vida de alguém, relevante ou não, que se toma como objeto de análise e rememoração, com isso permitindo a outros conhecerem os bastidores de sua alma e de seu tempo que de outra forma são inacessíveis.³³⁵

Apesar de não existirem muitas obras memorialistas, a proliferação de ficção de memória é mais evidente. Fischer cita como exemplo tanto obras que carregam a palavra “memória” no título, ou os chamados “romances-em-forma-de-memória” – como é o caso de **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida; **Memórias póstumas de Brás Cubas** e **Memorial de Aires**, de Machado de Assis; e **Memórias sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade – como também os que não carregam a palavra, mas agem como tal: **Dom Casmurro**, de Machado de Assis; **O Ateneu**, de Raul Pompéia; **São Bernardo**, de Graciliano Ramos; **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa; **A paixão segundo GH**, de Clarice Lispector; **Lavoura Arcaica**, de Rauan Nassar, dentre outros.³³⁶ O paradoxo reside no fato do Brasil ser considerado um país sem memória aliado ao fato de que o melhor da prosa literária ser justamente ficção memorialística. Porém, recorrer à memória ganha proporções muito mais amplas do que simplesmente relembrar algo.

Quem escreve memória, de verdade ou de ficção, escreve história; quem escreve história, está fazendo um esforço para compreender o passado; quem faz o esforço para compreender o passado, também está tentando entender, com maior ou menor alcance, um dos dilemas mais fortes da experiência humana – a origem.³³⁷

A origem se trata aqui não apenas de matriz psicanalítica, mas também familiar, nuclear, existencial. Uma origem que está intimamente ligada ao sentido de todas as

³³⁵ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.42.

³³⁶ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.43. O autor ainda menciona escritores contemporâneos que seguem a mesma perspectiva, como é o caso de Milton Hatoum, Cristóvão Tezza e Vitor Ramiel.

³³⁷ FISCHER, Luís Augusto. ‘O Ventre’ e a linhagem das memórias. **Para fazer diferença**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999, p.130.

coisas, ao sentido da vida. No caso do romance **Dois irmãos**, essa premissa é evidente, visto que a busca de Nael pela sua origem, sua identidade, sua paternidade e seu sentido no mundo estão intimamente ligadas, como também estava nas memórias de Brás Cubas, Paulo Honório e Riobaldo.

Assim, para Fischer, o melhor do romance brasileiro apresenta duas características: a forma memorialista e a questão da origem, relacionada à paternidade. Isso se deve em parte à relação conflituosa com a ausência de uma história e sem uma relação pacífica com as nossas origens. Por isso, pode-se dizer que há, no Brasil, uma “linhagem das memórias”, em que autor e leitor se aproximam e se identificam mais diretamente. Uma característica comum aos romances da linhagem das memórias é que os livros são concebidos a partir de um narrador que “dá voz à vida de um personagem e, quase sempre, as duas posições se confundem na mesma voz narrativa, atuando em primeira pessoa.”³³⁸

Para o narrador, existe a necessidade de um leitor ideal que o compreenda e que ouça sua confissão, cuja relação se dá através das memórias, configurando numa maneira específica de se fazer literatura num país em formação. Há, pois, uma ausência de identidade definida – ou identidades diversas que se conflitam diante da necessidade de ser uma só –, como há também a ausência de leitores.

[...] pareceu aos escritores que não havia nem um eu digno de falar e de ser ouvido, nem um tu disponível para a audição. Não estavam dadas as posições nem do narrador (do escritor, em sentido amplo), nem do leitor. O eu não havia porque não havia identidade: não sabíamos de onde, desde onde estávamos falando, se era da colônia, se era do país do futuro, se era do país liberal, se era do país dos escravos, se era do Brasil litorâneo, se era do Brasil do sertão profundo, se era para contar uma dor de amor ou uma paixão de posse.³³⁹

Para Antonio Candido, uma literatura nacional só amadurece quando passa a ter memórias em profusão e por isso, mais do que relatos individuais de pessoas específicas,

³³⁸ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.43.

³³⁹ FISCHER, Luís Augusto. ‘O Ventre’ e a linhagem das memórias. **Para fazer diferença**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999, p.135.

os textos memorialísticos pensam o Brasil através da literatura. A memória assume um caráter mais amplo do que apenas lembrar um fato individual, evocando muitas vezes uma memória que é coletiva. Machado de Assis ajuda a lembrar o passado de um país modernamente escravista; Graciliano Ramos recorda como é difícil exteriorizar sentimentos diante de uma realidade inóspita; Milton Hatoum recorda os imigrantes e seus descendentes numa terra distante, esquecida e bastarda através dos conflitos familiares.

Daí a importância de se estudar a literatura no Brasil. Já foi apontado por Antonio Candido que antes mesmo das ciências sociais interpretarem o Brasil, a literatura já pensava o país, de outra forma, à sua maneira, mas o fazia. O passado brasileiro que, nas palavras de Fischer se coloca como “um morto debaixo da cama”, querendo esconder-se e esquecer-se a todo custo, é constantemente lembrado pela literatura até os dias de hoje. É como se o passado escravista não estivesse relacionado à escravidão praticamente recente, como se o passado colonial não estivesse ligado ao presente dependente.

O romance **Dois irmãos**, de Milton Hatoum, é um texto memorialístico cujas origens são retomadas nos termos de uma compreensão individual e mesmo coletiva. Nael é o que busca o lugar de onde falar, de uma Manaus decadente diante de um suposto futuro glorioso de uma nação. É o que busca seu lugar na casa, na família, na sociedade. Suas memórias remetem à paternidade, ou a ausência dela, e também a uma origem mestiça, de índios e imigrantes. Sua narrativa se atualiza “nos desvãos de uma memória premida na dor de qualquer exílio ou expatriação, em visões que, não sendo as do centro, nem as da moda, permanecem à margem dos lugares habituais da memória.”³⁴⁰

Portanto, o relato de memórias é recorrente na literatura brasileira como estratégia narrativa. No cenário contemporâneo, as memórias dos imigrantes ganham peso, como os judeus de Moacyr Scliar e de Samuel Rawett, os espanhóis de Nélide Piñon, os alemães

³⁴⁰ HARDMAN, Francisco Foot. Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.238.

de Fausto Wolff os italianos de Zélia Gattai e os libaneses de Milton Hatoum, na tentativa de mostrar um mundo em constante mudança.

Tais escritos articulam vozes que, na sua diferença, não mais com a visada inicial dos primeiros europeus que a aqui aportaram, mas através da fala de seus filhos e netos, se afirmam como uma das alternativas ao longo do discurso pretensamente uno e homogêneo da nacionalidade.³⁴¹

Acerca dos romances de Hatoum pode-se dizer que rompem com a questão da nacionalidade homogênea sob dois vieses diferentes: por um lado, enfocam uma região do Brasil pouco mencionada e esquecida dos grandes centros urbanos; por outro lado, dá voz às famílias de imigrantes dos mais variados países que vieram viver no Brasil. Essas duas esferas marcam uma espécie de volta às origens. Assim como Nael busca sua identidade e sua origem paterna no decorrer do romance **Dois irmãos**, o próprio romance em si carrega no seu bojo as origens de um país, suas contradições e suas ideologias apagadas e esquecidas.

A memória serve como um instrumento não só narrativo, mas também histórico. É através dela que se resgatam partes de um mundo que se perdeu em meio a tantas transformações. O problema é que não se pode resgatar o passado como um todo e por isso a memória é um artifício que tenta dar conta da questão. Daí uma das impossibilidades da narrativa que alertava Benjamin. Ainda assim, a memória se coloca como uma espécie de resistência individual e coletiva que “cria espaços ficcionais e recupera vozes esquecidas ou desprezadas, significando uma inflexão do passado no presente como forma de nele interferir.”³⁴² É na memória, pois, que se encontram diversas vozes e que se traduzem diversas experiências.

³⁴¹ CURY, Maria Zilda F. Memórias da imigração. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem**. Chapecó: Argos, 2006, p.304.

³⁴² CURY, Maria Zilda F. Memórias da imigração. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem**. Chapecó: Argos, 2006, p.311.

No caso do romance **Dois irmãos**, a metáfora da casa, utilizada inclusive como epígrafe do livro através do poema de Carlos Drummond de Andrade³⁴³, as ruínas dessa casa são como a opressão da memória de um passado. A ruína é a metáfora da memória. Nael busca reconstruir esse passado através da escrita, rememorando fatos ocorridos basicamente dentro de uma casa que carrega consigo a opressão, mas também o aconchego, ou seja, é de lá que partem os sonhos e também os medos e as contradições. Algo semelhante ocorre no romance **Dom Casmurro**, porém o narrador machadiano não apenas narra as memórias de um amor na tentativa de compreendê-las, como também reconstrói fisicamente a casa em que morou durante a infância. Nael, não chega a tanto e sua reconstrução fica apenas no âmbito literário, através do relato familiar. Porém, passa o resto da vida ou ao menos até o momento em que narra o romance, nos fundos da casa, no quartinho que era seu.

[...] não existe uma História neutra; nela, a memória, enquanto uma categoria abertamente mais afetiva de relacionamento com o passado, intervém e determina em boa parte os seus caminhos. A memória existe no plural: na sociedade dá-se constantemente um embate entre diferentes leituras do passado, entre diferentes formas de enquadrá-lo.³⁴⁴

Como afirma Benjamin, a articulação do passado não significa conhecê-lo como ele foi de fato, mas sim apropriar-se de uma reminiscência.³⁴⁵ Por isso, o relato de Nael como testemunha de uma história familiar e política no Brasil do século XX, é pautado fortemente na memória, o que não faz perder seu caráter de verossimilhança. A ditadura militar pode ser compreendida como um evento traumático na vida de Nael, apesar de não compreender ao certo suas razões e suas conseqüências. Além do sofrimento diante da

³⁴³ “A casa foi vendida com todas as lembranças/ todos os móveis todos os pesadelos/ todos os pecados cometidos ou em vias de cometer/ a casa foi vendida com seu bater de portas/ com seu vento encanado sua vista do mundo/ seus imponderáveis [...]”.

³⁴⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. **História, memória, literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.67.

³⁴⁵ Cf. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2010, v.1. (Obras escolhidas).

perda de Laval, tal fato serviu para confrontá-lo diante de suas próprias crenças com relação aos gêmeos.

No limiar entre testemunha e partícipe, Nael estabelece com os gêmeos uma relação que está ligada à sua origem paterna, um dos motes do romance. Porém, Nael é também uma espécie de síntese do conflito existente entre os irmãos. A busca por descobrir qual dos dois seria seu pai é também uma busca por saber quem ele realmente é diante de sua invisibilidade na família. Nael só consegue romper como isso e se tornar protagonista de sua própria história a partir do momento que resolve escrever e juntar os restos de cartas, poemas, memórias, histórias e vozes distantes do seu passado.

3.3. A alegoria e o anagrama

A figura de Nael pode ser considerada um elo dentro da narrativa, tanto em termos formais e estruturais quanto em relação ao próprio desenvolvimento interno do romance. No primeiro caso, sendo Nael o narrador, é a partir dele que o leitor toma conhecimento dos fatos e dos acontecimentos, o que faz dele o epicentro da narrativa em termos estruturais, o que ocorre em grande parte dos romances, visto que é o narrador quem organiza o relato. Essa organização se baseia em suas experiências próprias e também do que lhe foi contado por Domingas, e principalmente por Halim, incorporando, desta forma, os relatos orais à sua escrita. No segundo caso, Nael se configura como uma síntese familiar, uma vez que é filho de um dos gêmeos, porém sua posição social na casa é a de agregado e bastardo.

A construção narrativa do romance está baseada numa relação entre segredo e anúncio o que, em parte, une as duas perspectivas mencionadas anteriormente. Para Leyla Perrone-Moisés, há um triplo segredo contido na narrativa: o primeiro deles está relacionado à identidade do narrador, que só se revela no quarto capítulo; o segundo, diz

respeito à sua origem paterna, levado com ambigüidade até o fim; e o terceiro segredo é o próprio desenrolar do romance que se relaciona aos destinos dos personagens.³⁴⁶ Desta forma, a trama que vai sendo construída ao longo da narrativa não é apenas formal, mas se relaciona à posição social do narrador dentro romance e à sua condição de pertencimento dentro da família, se remetendo diretamente à questão paterna.

Assim, Nael também opera uma síntese interna do romance que pode ser entendida por sua posição fronteira dentro da família, dada a sua condição social. Isso significa dizer que, ao buscar sua origem, busca saber quem é seu pai. Sua condição de filho bastardo e agregado o coloca num limiar de pertencimento, revelando um lugar social entre pertencer e não pertencer à família. Destarte, é Nael quem junta os fragmentos de histórias daquela família, sintetiza suas memórias e os acontecimentos na vida das pessoas que já não estão mais vivas para contar.

Essa posição fronteira está relacionada à sua origem desconhecida ou não assumida pelos gêmeos. O conflito intenso entre os irmãos Yaqub e Omar ultrapassou as barreiras de ser apenas uma briga por uma namorada ou pela atenção da mãe. Essa disputa, além de desestruturar a família, teve conseqüências radicais para Domingas e Nael, já que ela teve um relacionamento com Yaqub, porém foi estuprada por Omar depois de uma noite de bebedeiras. Daí a questão da paternidade ser tão conflituosa para Nael: além da dúvida sobre qual dos dois recai a paternidade, há também a questão da violência praticada por Omar.

Porém, um elemento a ser considerado a respeito da paternidade é que há uma ambigüidade com relação a Nael saber ou não quem é seu pai. Apesar de toda a sua busca durante o romance, relatando ao leitor suas agruras e suas dificuldades diante dessa dúvida, já quase ao fim da narrativa, Nael dá indícios de que sabe quem é seu pai, mas não diz ao leitor. Pouco antes da morte de Domingas, Nael confessa que ela “guardou até

³⁴⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. In: CRISTO, M. L. P. (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.285.

o fim aquelas palavras, mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava.”³⁴⁷ O conflito que se coloca aqui é: se em grande parte da narrativa a dúvida sobre seu pai atormenta Nael, porque não relata esse fato ao leitor?

Para Koleff, trata-se mais de uma estratégia narrativa de Nael, ou seja, é menos uma questão de dúvida e mais uma questão de manejo de uma certeza.³⁴⁸ De certa maneira, é como se Nael, depois de recordar sua história, buscar seu solo, sua identidade e seu passado, percebesse que saber qual dos dois irmãos é seu pai não interessa, visto que nenhum deles o foi verdadeiramente. Enquanto narrador, ele transferiu um elemento fundamental e que permeou sua vida em um procedimento narrativo. Já quase ao final do romance, em tom melancólico, Nael afirma:

Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos.³⁴⁹

Nael não se configura apenas como um agregado ou um filho bastardo. Quando ele nasceu, Zana perguntou a Halim se depois de Domingas teriam que aturar mais um filho de ninguém. “Halim se aborreceu, disse que tu eras alguém, filho da casa.”³⁵⁰ Entre ser “filho de ninguém” e ser filho da casa existe um vazio que Nael busca preencher, podendo ser entendido como uma desvalorização pessoal ou também a perda de uma filiação efetiva.³⁵¹ Tais elementos fazem parte da história pessoal de Nael e se convergem na sua própria narrativa, ou seja, a maneira pela qual ele articula o romance.

³⁴⁷ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.244.

³⁴⁸ KOLEFF, Miguel A. La trama de Nael: sobre la estrategia del narrador en ‘Dois irmãos’ de Milton Hatoum. **Todas as letras G**. São Paulo, ano 7, n.7, 2005. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/viewFile/834/518>, p.38. Acesso em: 21/01/2011.

³⁴⁹ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.264.

³⁵⁰ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.250.

³⁵¹ KOLEFF, Miguel A. Nael, filho de ninguém. In: CRISTO, M. L. P. de (org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006, p.318.

Como agregado y bastardo, Nael ocupa um papel certamente *ambiguo* em la escena discursiva desde que – simultaneamente – *desglosa* y *articula* el funcionamiento del sistema familiar. Lo desglosa porque lo hace consciente de la *diferencia* radical que lo sostiene y lo articula em la medida em que funciona como *cruce* (ético/étnico) dinámico que lo actualiza y conflictúa.³⁵²

Assim, sua ambigüidade de pertencimento familiar se manifesta também através do seu discurso que em parte quebra o sistema familiar – ao saber claramente que lugar social lhe cabia na casa, suas funções, e seu quarto nos fundos – mas também une a família através de sua origem, através de seus possíveis pais e da índia Domingas.

As constatações acerca da origem de Nael são feitas através de uma volta ao passado, recriando sua história através da literatura e da memória, enfrentando complicadas questões familiares. Reconstruir sua história corresponde também a retomar o passado da família a partir daquele que sempre foi rejeitado e alijado de um sentimento de pertencimento. Apesar disso, ou ainda, por causa disso, Nael, enquanto narrador, junta as peças de um passado familiar, dando sentido àquela que seria a história de sua vida: a vida de um observador silencioso cujos olhares atentavam para o que ocorria na casa.

Considerando que Nael opera uma união em várias esferas da narrativa – a saber, entre os relatos orais e a escrita; entre os fatos narrados, por ser o narrador; e entre os fatores internos, dada sua posição fronteiriça –, pode-se dizer que Nael é, na verdade, um anagrama de Anel. Ele é o elo e a síntese que, através de suas memórias e de seu testemunho, não deixa que as histórias e os acontecimentos daquela família sejam esquecidos. O narrador-Anel consegue transcender os relatos orais e as histórias da família através da escrita, que precisou de tempo para decantar e se concretizar, justamente num momento em que tudo o que ele relata já não existe mais, apenas em suas lembranças.

³⁵² KOLEFF, Miguel A. La trama de Nael: sobre la estrategia del narrador en ‘Dois irmãos’ de Milton Hatoum. **Todas as letras G.** São Paulo, ano 7, n.7, 2005. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/viewFile/834/518>, p.37, grifos do autor. Acesso em: 21/01/2011.

Fiquei sozinho na casa, eu e as sombras dos que aqui moraram. Ironia, ser o senhor absoluto, mesmo por pouco tempo, de um belo sobrado nas redondezas do Manaus Harbour. O dono das paredes, do teto, do quintal e até dos banheiros. Pensei em Yakub, me lembrei do retrato d jovem oficial, cujo rosto altivo projetava um sorriso no futuro.³⁵³

Há, portanto, uma transcendência através da escrita que ultrapassa os limites familiares, as relações particulares, a casa e até mesmo Manaus. A feitura do romance ganha essa característica de poder estar além de um *locus* determinado. Isso também pode ser entendido como um olhar para a sociedade através do romance **Dois irmãos**. Uma das hipóteses deste trabalho é que a relação entre Yaqub e Omar se mostra na aparente dualidade da sociedade brasileira no decorrer do século XX, divida entre regiões consideradas – e se possível, cheia de aspas – modernas e atrasadas. A partir disso, podemos inferir três aspectos importantes sobre essa questão. O primeiro deles diz respeito a Omar permanecer em Manaus e Yaqub ir para São Paulo, o que implica dizer que um representa uma região atrasada e o outro uma região moderna, respectivamente. Isso é apenas um dado inicial e superficial. Reiterar esse elemento sem o devido aprofundamento poderia incorrer em um paralelismo que não faz jus nem ao romance nem à complexidade da questão do desenvolvimento do Brasil.

O segundo ponto remete a questões ideológicas de cada um dos irmãos. O mais ambicioso e afeito aos cálculos decidiu mudar-se para São Paulo na década de 1950, num momento de franco desenvolvimento e que apresentava maiores possibilidades de ascensão social. Em Yaqub, a modernidade se confundia com um conservadorismo político demonstrado no episódio da ditadura militar.

Nunca me interessei pelos desenhos da estrutura com suas malhas de ferro, tampouco pelos livros de matemática que Yaqub havia me dado com tanto orgulho. Queria distância de todos esses cálculos, da engenharia e do progresso ambicionado por Yaqub. Nas últimas cartas ele só falava no futuro, e até me cobrou uma resposta. O futuro, essa falácia que persiste.³⁵⁴

³⁵³ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.253.

³⁵⁴ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.263.

O outro irmão, festeiro, fanfarrão, nunca levou a sério os estudos, gostava de poesia e boêmia e foi expulso do colégio de padres em que estudava para frequentar outro considerado de segundo escalão, conhecido popularmente como o Galinheiro dos Vândalos. Omar permanece em Manaus sob os cuidados intensivos da mãe, envolvendo-se com contrabando, investidores estrangeiros de caráter duvidosos e tentando, em vão, se desvencilhar das amarras da mãe. Era politicamente mais libertário, criticou duramente a morte de Laval e escreveu um manifesto contra a ditadura, cujo único leitor foi Nael.

Os religiosos sabiam que o ex-aluno tinha futuro; naquela época, Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor. Quem não brilhou foi o outro, o Caçula, este, sim, um ser opaco para padres e leigos, um lunático, alheio, inebriado com a atmosfera libertina do Galinheiro dos Vândalos e da cidade.³⁵⁵

Por fim, o terceiro aspecto remete ao tipo de relação existente entre os irmãos e entre as regiões brasileiras. Por trás de pares antitéticos como razão-emoção ou moderno-atraso, tais relações se colocam com uma complexidade muito maior do que aparentam nas prisões dos hífen. Em ambos os casos, trata-se de relações intrínsecas e simbióticas que se retroalimentam. Quando se pensa o Brasil, seus rumos e descaminhos ao longo da história, esse tipo de relação se mostra no próprio dilema das nações periféricas.

[...] dilemas que poucas vezes aparecem como tal – eles se disfarçam na forma de debater a *cópia*, o *atraso*, a *minoridade*, a *dependência*. Não é que tais coisas não existam; elas existem, fazem parte da rotina de quem vive na periferia de qualquer sistema, seja um país em relação a outro, seja uma região da cidade em relação a seu centro, seja mesmo uma classe em relação a outra.³⁵⁶

Ao pensar essa relação existente através do romance **Dois irmãos**, os gêmeos Yaqub e Omar podem representar as regiões brasileiras, não em sua essencialidade, mas em sua contradição. Uma contradição que é interna, pois cada um deles apresenta características que não podem ser fechadas simplesmente em um conceito, e também uma

³⁵⁵ HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a, p.41.

³⁵⁶ FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira**. Porto Alegre: LP&M, 2008, p.35, grifos do autor.

contradição entre si, diante de seu oposto. Os irmãos, de temperamento diferente desde a infância, sentiram a distância aumentar entre eles ao longo do tempo, algo que se confunde com a própria história do Brasil e que pode ser entendida através da ida de um a São Paulo e da permanência do outro em Manaus.

O processo de industrialização teve um papel fundamental para a configuração da sociedade brasileira fosse, paulatinamente, se transformando. Quanto a isso, vale aqui uma ressalva: a industrialização urbana é apenas algo visível e isolável, cujo pano de fundo é o desenvolvimento do capitalismo em si.³⁵⁷ A estrutura de formação e do processo de desenvolvimento do Brasil no século XX esteve intimamente ligada à implantação do capitalismo no século anterior, com todas as suas vicissitudes. “As conquistas liberais da Independência alteravam o processo político de cúpula e redefiniam as relações estrangeiras, mas não chegavam ao complexo sócio-econômico gerado pela exploração colonial, que ficava intacto, como que devendo uma revolução.”³⁵⁸ Isso significa dizer que a implantação dos ideais liberais, tão caros ao capitalismo, não trouxe consigo mudanças significativas às estruturas políticas e sociais. Pelo contrário, serviu para a manutenção de uma ordem escravocrata e excludente.

Assim, a ligação do país à ordem revolucionada do capital e das liberdades civis não só não mudava os modos *atrasados* de produzir, como também confirmava e promovia na prática, fundando neles uma evolução com pressupostos *modernos*, o que naturalmente mostrava o progresso por um flanco inesperado.³⁵⁹

Seguindo a trilha de Roberto Schwarz, Paulo Arantes demonstra que a contraposição existente entre o local e o cosmopolita se coloca no debate através da idéia de que os países colonizados, e posteriormente subdesenvolvidos, se inseriram no mercado mundial através da condição de fornecedores de matéria prima. Assim, a ligação

³⁵⁷ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.137.

³⁵⁸ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000b, p.36.

³⁵⁹ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000b, p.37, grifos do autor.

desses países com o mercado internacional se dá através dos setores atrasados, tornando uma questão estrutural, pois ao invés de extinguir, reproduz tal lógica. O processo entendido entre o universal e o particular faz parte da mesma experiência histórica do que viria a ser chamado de dualismo, havendo uma “convergência estrutural entre um raciocínio e outro” o que não anulava a “*impressão de dualidade que o país não cessava de renovar.*”³⁶⁰ Assim, a dualidade brasileira, constituída e reproduzida em diversos aspectos não era apenas uma idiossincrasia local, mas uma exigência dos avanços do capital³⁶¹. Ou seja, esse desenvolvimento moderno do atraso não se constituía como um erro de percurso das ex-colônias brasileiras ou latino-americanas, mas de acordo com uma lógica ampla de desenvolvimento.

O fundamento efetivo estava no que a tradição marxista entendia como o ‘desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo’, expressão que designa a equanimidade sociológica particular a esse modo de produção, o qual realiza a sua finalidade econômica, o *lucro*, seja através da ruína de formas anteriores de opressão, seja através da reprodução e do agravamento delas. Contrariamente ao que as aparências do atraso fazem supor, a causa última da absurda formação social brasileira está nos avanços do capital e na ordem planetária criada por eles, de cuja *atualidade* as condutas disparatadas de nossa classe dominante são parte tão legítima e expressiva quanto o decoro vitoriano³⁶².

Não à toa, portanto, a dualidade esteve presente tanto no pensamento social brasileiro quanto na literatura. Se antes o localismo e o cosmopolitismo eram centrais para a discussão da época, o posterior desenvolvimento da sociedade brasileira acarretou o agravamento das dualidades internas. Foi somente a partir da Independência que “à percepção da dualidade se juntaria o sentimento de mal estar e dilaceramento que passa a caracterizar a experiência intelectual brasileira.”³⁶³ O dualismo, “antes de se tornar

³⁶⁰ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.37, grifos do autor.

³⁶¹ SENA, Custódia Selma. **Os dois Brasis** – um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000, p.30.

³⁶² SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000b, p.39, grifos do autor.

³⁶³ SENA, Custódia Selma. **Os dois Brasis** – um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000, p.28.

modelo econômico, tipologia sociológica ou chave de interpretação histórica, foi sobretudo expressão de uma experiência coletiva.”³⁶⁴

Nesse sentido, a literatura se coloca como um elemento fundamental para a compreensão do Brasil e, conseqüentemente, do assim chamado dualismo brasileiro. Antonio Candido aponta a literatura como um instrumento de descoberta do país, mas não só. O surgimento tardio das ciências sociais no país fez com que a literatura tivesse um papel não apenas estético, mas também de investigação sociológica.³⁶⁵ O caso do dualismo é exemplar, pois já estimulou um debate fecundo nas ciências sociais décadas atrás. Hoje, pode-se dizer que a literatura traz novamente essa questão através da obra **Dois irmãos** de Milton Hatoum.

É por essa razão também que o interessado em entender a dualidade brasileira deve partir da literatura para as ciências sociais, não apenas porque a literatura precede, no Brasil, as ciências sociais enquanto instrumento de reflexão sobre o país, mas porque, ao contrário dessas, os estudos literários não silenciaram o tema.³⁶⁶

Desta forma, através da narrativa de Nael, o conflito entre os gêmeos pode ser entendido como uma alegoria do dualismo brasileiro durante seu processo de desenvolvimento no século XX. Uma expressão alegórica funciona como representação de algo, através do princípio da semelhança. Seu significado etimológico, em grego, significa “falar o outro”, ou seja, dizer algo diferente do seu sentido literal.

A alegoria põe em funcionamento duas operações simultâneas. Como nomeação particularizante de um sensível ou visível, opera por partes encadeadas num contínuo; enquanto referência a um significado *in absentia*, opera por analogia, através da alusão e da substituição.³⁶⁷

³⁶⁴ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.22.

³⁶⁵ Cf. CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.

³⁶⁶ SENA, Custódia Selma. **Os dois Brasis** – um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000, p.34.

³⁶⁷ HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**. São Paulo: Atual, 1986, p.16. Para o autor, há uma relação direta da metáfora com a alegoria. Porém, a metáfora equivale a um termo isolado que substitui e a alegoria equivale a um enunciado, um pensamento que poderia ser expresso de maneira simples. Tal definição vem da antiguidade clássica e seus

Uma vez que os gêmeos estabelecem entre si o mesmo tipo de relação conflituosa que também ocorre com relação às regiões arcaicas e modernas, tais relações podem ser compreendidas, uma pela outra, através da alegoria, ou seja, uma relação representa, em termos figurados, a outra. Por exemplo, a ida de Yaqub a São Paulo e a permanência de Omar em Manaus pode ser entendida como uma alegoria do processo de desenvolvimento da sociedade brasileira que se deu com intensidades e ritmos diferentes em cada região.

A alegoria é um procedimento teórico pelo qual se exprime um sentido que não é compreendido de imediato, ou seja, ela se move da particularidade para a universalidade. Representa algo concreto para se exprimir uma idéia abstrata. Assim, a representação alegórica faz uma montagem “lançando mão de diversas partes, diversos fragmentos, cuja totalização não se faz a partir dos elementos dados, mas sim por meio da referencia a um universal, a um elemento transcendente que remete para fora daquilo que é representado [...]”³⁶⁸. Porém, há uma discussão acerca da alegoria por parte de dois grandes teóricos: Lukács e Benjamin. O primeiro, apoiado na definição do romantismo, sustenta que a alegoria não passa de uma fragmentação e uma desconexão entre o significado (conteúdo) e o significante (forma) e critica esse recurso utilizado largamente pelas vanguardas, por acreditar que neste tipo de figuração, as coisas se sobrepõem ao homem. Lukács defende o símbolo, pois há nele uma integração, uma junção de significante e significado em uma unidade harmoniosa que se expressa no particular³⁶⁹.

Já Benjamin acredita que a alegoria não é apenas um modo de ilustração, mas uma forma de expressão, sendo a única possibilidade de compreender a atualidade dos fenômenos históricos. Para o autor, a tradição romântica se utiliza de definição de símbolo que pretende um saber absoluto. Essa idéia parte da teologia e visa uma simples

pressupostos se modificam a partir do romantismo, em que alegoria e símbolo passam a ser vistos como diferenciados.

³⁶⁸ FREDERICO, Celso. **Lukács**. São Paulo: Moderna, 1997, p.69.

³⁶⁹ FREDERICO, Celso. **Lukács**. São Paulo: Moderna, 1997, p.72. O símbolo não aspiração ao universal, pois o conceito não se separa das partes, mas se realiza nelas.

relação entre manifestação e essência. A alegoria se reveste do símbolo, mas não é símbolo.

O símbolo nada comunica e nada significa, ele apenas torna transparente algo que está para além de toda a expressão. A alegoria, no entanto, revela novas possibilidades de significação. É da impossibilidade de conhecimento deste fundo escuro e enigmático do símbolo – que remete a uma outra dimensão na qual se entrecruzam espaço e tempo sagrados – o lugar de onde nasce o esforço interpretativo da alegoria.³⁷⁰

A partir dessa discussão existente entre alegoria e símbolo, Sérgio Buarque de Holanda detecta esse aparente “desdém” pela alegoria, como se a verdadeira arte só pudesse ser expressa através do símbolo. A alegoria moderna se constituiria como uma simbiose entre o domínio das noções e das imagens, demonstrando uma síntese através da alegoria.

Com efeito, o mundo tornou-se, nos últimos tempos, espantosamente fértil em experiências inauditas que, pela sua mesma originalidade e modernidade, sujeitam os modos normais de expressão a uma prova sem precedentes [...] De sorte que o modo alegórico, longe de constituir um processo simplesmente caprichoso, transforma-se nestes casos, e cada vez mais, numa exigência quase fatal.³⁷¹

Desta forma, o conceito de alegoria pode ser entendido como uma forma de representação que se refere a outro significado, unindo conceitos e imagens. No caso desta presente trabalho, portanto, a alegoria do dualismo brasileiro através da obra de Milton Hatoum se coloca como uma possibilidade analítica que pode ser compreendida através da relação dos gêmeos com as regiões brasileiras.

O primeiro olhar sobre o dualismo pressupõe uma relação justaposta e antagônica. Porém, uma análise que se pressupõe não apenas no âmbito da aparência, revela outras

³⁷⁰ PEREIRA, Marcelo de A. Barroco, símbolo e alegoria em Walter Benjamin. **Revista Anacleto**. Guarapuava, n.2, v.8, jul/dez 2007, p.49. Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/anacleto/v8n2/47-54.pdf>. Acesso em 04/04/2011.

³⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. Símbolo e alegoria. **O espírito e a letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, v.1, p.273.

particularidades. No caso das regiões brasileiras, é corrente o uso do dualismo brasileiro para designar tais regiões como separadas, diversas e, portanto, cindidas entre modernas e atrasadas.

Porém, tais regiões mantêm uma relação entre si que não é justaposta, e sim de dependência, fazendo parte de um determinado tipo de desenvolvimento mais amplo e que não se resigna apenas à discussão acerca do atraso de determinadas regiões do país. O processo de industrialização no Brasil começou, portanto, como uma espécie de necessidade advinda das contingências externas e se aprofundou, primeiro diante do governo nacionalista de Getúlio Vargas e depois através da intervenção do capital estrangeiro no governo Juscelino Kubitschek, nos anos de 1950. O golpe militar de 1964 consolidou essa tendência, atrelando cada vez mais as burguesias nacionais ao capital internacional.

A modernização capitalista – desenvolvida ao longo do século XX, com a crescente industrialização e urbanização, avanço do complexo industrial-financeiro, expansão das classes médias, avanço do trabalho assalariado e da racionalidade capitalista também no campo etc. – viria a consolidar-se com o desenvolvimentismo dos anos 50 e especialmente após o movimento de 1964, implementador da *modernização conservadora*, associada ao capital internacional, com pesados investimentos de um Estado autoritário, sem contrapartida de direitos de cidadania aos trabalhadores.³⁷²

O golpe de 1964 tem uma importância considerável para o romance, pois é o momento em que Nael muda sua perspectiva diante dos gêmeos. É possível aqui estabelecer uma analogia com a sociedade brasileira, pois a continuidade dada no período militar ao processo de industrialização, não fez com que o processo cessasse diante da falência do nacional-desenvolvimentismo, apenas fez com que tal desenvolvimento fosse dependente. Para Paulo Arantes, “o golpe também lançaria a última pá de cal sobre o

³⁷² RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.50, grifos do autor.

velho dualismo: setores modernos e tradicionais não se justapunham como se imaginava, antes formavam um sistema em que se entrelaçavam os respectivos interesses.”³⁷³

É também nesse período que Nael completa dezoito anos. Sua maioridade se confunde com a eclosão do golpe e é a primeira vez que todos na casa despendem atenção a ele, ao invés de Omar, visto que ambos haviam adoecido depois da morte de Laval. Isso pode ser entendido como um rompimento de Nael com a família, marcando o fim de sua dependência e de sua submissão. É a partir de então que ele irá se afastar cada vez mais dos gêmeos, irá começar a dar aulas e a escrever o romance de suas memórias, se transformando em um intelectual e se diferenciando tanto de Yaqub quanto de Omar.³⁷⁴

A busca pela identidade de Nael procurando seu espaço dentro da casa, vivendo a ambigüidade de pertencer e não pertencer à família, ser e não ser filho dos gêmeos, ser filho de Yaqub ou ser filho de Omar. Octavio Paz, ao tratar sobre a realidade existente em alguns romances diz se tratar de um “estranho realismo”, em que o mundo que rodeia os heróis é tão ambíguo quanto eles próprios.³⁷⁵ Essa ambigüidade existente no romance pode ser entendida como uma ambigüidade existente na própria sociedade brasileira, tanto com relação à idéia de origem e pertencimento quanto com relação a idéias e práticas sociais que se encontram em descompasso, assim como Nael só consegue buscar sua origem e unir as histórias familiares em seu romance depois que, na realidade, a família já está desfacelada.

Por fim, a importância de Nael para o romance se opera em três esferas: a primeira delas é estrutural, enquanto narrador propriamente dito; a segunda é social, uma vez que se coloca na fronteira familiar e da própria sociedade, personificando uma espécie de agregado e de filho bastardo; e, por fim, sintética, pois Nael é o resultado do conflito violento entre os gêmeos Yaqub e Omar. Nael se coloca na fronteira de pertencimento,

³⁷³ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.35.

³⁷⁴ BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, p.241.

³⁷⁵ PAZ, Octavio. **Ambigüidade do romance. Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976, p.70.

assim como sua mãe também “é e também não é uma índia”³⁷⁶: apesar de ter nascido em um povoado às margens do rio Jurubaxi, ela foi levada muito nova para um internato de jovens órfãs e foi educada com os valores da “civilização” e da religião cristã. Depois disso é que Domingas foi levada para trabalhar na casa de Halim e Zana, lugar de onde nunca mais saiu. Assim, ela não é apenas uma índia desalojada de seu lugar de origem, mas é também uma mãe e uma trabalhadora.

São muitos os dualismos conflituosos que podem ser identificados no decorrer da narrativa. Não apenas razão e emoção, caprichos e cálculos, mente e corpo, referentes aos gêmeos, mas também cultura e natureza, civilização e barbárie, ideologia liberal e favor, moderno e atraso. Para Daniela Birman, os pares duais como formas de se compreender a identidade nacional brasileira. Yaqub veste a máscara dos destinos escolhidos e louvados pelo país, representados através do seu desfile fardado no dia da independência, através de sua profissão de engenheiro, e mesmo através de seu possível contato com a ditadura militar. Em outras palavras, construindo o país através de uma lógica moderna, mas bastante peculiar.

Hatoum indica, assim, que nem sempre os princípios liberais do direito à liberdade e o primado da lei andam de mãos dadas com a chamada razão moderna ou com os projetos de modernização e de progresso defendidos em seu nome, e alegorizados por Yaqub.³⁷⁷

De outro lado, Omar se identifica com o Brasil em outra chave. A autora firma que há nele traços de um indivíduo privilegiado pela ordem patriarcal, além de não se identificar com o futuro ou o progresso, não se deixando contaminar pela ética do trabalho. Constantemente comparado a um animal no romance, sua imagem se contrapõe à do irmão “civilizado” que vive na metrópole.

³⁷⁶ HATOUM, Milton. Laços de parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, F.; PONTES, H.; SCHWARZ, L. (orgs.). **Antropologias, histórias, experiências**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004b, p.138.

³⁷⁷ BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, p.221.

Apesar de todos os arbítrios dos dois irmãos, eles acabam tendo um final melancólico. E Nael, diante de tudo o que aconteceu, parece não querer ter como exemplo nem Yaqub nem Omar. Na verdade, a busca do narrador é por diferenciar-se de ambos os irmãos: não quer nem a ambição e o cálculo de Yaqub, nem a fraqueza e a sede de aventuras de Omar. Os dois são como exemplos negativos para Nael, que se forma a partir da negação de ambos.

Duas ordens, portanto, que se encontram no paradoxal desenvolvimento capitalista no Brasil, cuja história propiciou um solo fértil para consolidar elementos antagônicos entre si, tais como passado colonial atrelado à permanência secular das elites no poder; dependência externa, escravidão e imperialismo. Todo o desenvolvimento que existiu no Brasil no século XX arrastou o fardo de questões seculares não resolvidas e pendências que foram arroladas. A falácia do desenvolvimento, confundida muitas vezes com crescimento, reproduz internamente uma lógica externa, com todos os seus agravantes.

[...] o capitalismo sempre foi um processo ambíguo: promove o aumento real da riqueza mas a distribui de modo desigual, permite o surgimento e a sobrevivência de populações maiores, porém dentro delas encara os homens apenas como produtores e consumidores, como seres que nada podem pedir à sociedade senão dentro desses papéis abstratos.³⁷⁸

Isso significa que há a necessidade de tratar o processo de desenvolvimento brasileiro sob uma ótica mais ampla. A modernização surtiu efeitos por vezes semelhantes, por vezes muito diversos nos diversos, locais que atingiu. A divisão operada entre campo e cidade – ou nos termos tratados neste trabalho e pela própria intelectualidade brasileira, entre regiões atrasadas e modernas – tem um duplo significado. Em primeiro lugar, representa a “culminação crítica do processo de divisão e especialização do trabalho que, embora não tivesse início no capitalismo, foi desenvolvido dentro do capitalismo a um grau extraordinário e transformador.” Além de

³⁷⁸ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.118.

marcar a especialização do trabalho no mundo moderno, esse processo também representa mais uma das diversas separações operadas pelo capitalismo.

Os sintomas dessa divisão podem ser encontrados em todos os setores da vida que, agora, é comum a todos nós: na idéia e na prática das classes sociais; nas definições convencionais de trabalho e educação; na distribuição física de comunidades; e na organização temporal do dia, da semana, do ano, da existência.³⁷⁹

Assim, entender o processo de desenvolvimento da sociedade brasileira juntamente com a forma romanesca só pode ocorrer “quando composições líricas não são abusivamente tomadas como objetos de demonstrações de teses sociológicas, mas sim quando sua referência ao social revela nelas próprias algo de essencial, algo do fundamento de sua qualidade.”³⁸⁰ O alerta de Adorno é pertinente num estudo que propõe relacionar literatura e sociedade, ainda mais diante de um tema tão controverso como as regiões ditas modernas e atrasadas do país. Por isso, o esforço contido neste trabalho não foi o de mostrar como os condicionantes sociológicos podem ser explicados pela literatura. E sim, a partir do texto literário, no caso o romance **Dois irmãos**, destacar determinados aspectos históricos relevantes para a compreensão da sociedade brasileira bem como a maneira como o romance se estrutura e se desenrola diante disso.

Não basta dizer que determinado fator social pode ser apreendido pelo romance. É necessário que ele seja estruturante para a forma literária. Neste caso, a relação estabelecida entre os gêmeos manauaras e as regiões brasileiras não é fortuita. Ela é parte fundante da obra de Hatoum, uma vez que se remete a aspectos geográficos, ideológicos, narrativos e sociais. A hipótese central deste trabalho aponta o romance como alegoria do dualismo brasileiro, o que pode suscitar alguns equívocos. A idéia não é dizer que as regiões se organizam, de fato, de maneira dualista e que, assim, os irmãos também se colocam como pares opostos e antagônicos. Pelo contrário, o dualismo brasileiro – a

³⁷⁹ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.495.

³⁸⁰ ADORNO, Theodore W. Palestra sobre lírica e sociedade. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2008, p.66.

pedra no caminho das retinas já tão fatigadas dos intelectuais brasileiros – visto como uma forma da expressão da experiência brasileira, não é dual, como foi sustentado por Florestan Fernandes e outros intelectuais. Da mesma maneira, os irmãos gêmeos estabelecem entre si uma relação de reciprocidade que não é justaposta, mas que se alimenta uma da outra. É o que Paulo Arantes chamaria de “*dualidade sem dualismo*” ao tratar da persistência da herança colonial atrelada aos novos ditames do capital³⁸¹.

Como afirma Antonio Candido, ao realizar seus estudos de crítica literária em **Dialética da malandragem**, a construção do referente deve ser feita caso a caso, ou seja, é preciso descobrir na obra literária a forma que lhe dá unidade e organiza a transposição estética do referente social³⁸². Levando esses pressupostos em consideração, a hipótese deste trabalho foi demonstrar que um aspecto estruturante do romance **Dois irmãos** é que tanto as regiões quanto os irmãos mantêm entre si uma relação que é dialética, ou seja, que se configura diante do conflito entre elementos em conflito direto e intrínseco e que mantêm relações mútuas, de modo que a alteração de uma pressupõe mudanças correspondentes na outra.³⁸³ Essa dinâmica articulada presente nesse tipo de relação estabelecida entre as partes tem por resultado uma síntese que não cessa de transformar-se.

Nael opera, assim, uma síntese neste romance, não apenas pelo fato de ser o narrador, mas por ser o narrador-Nael que une os relatos orais e a experiência vivida através da escrita. A questão da paternidade é um elemento fundamental, pois o conflito latente entre Yaqub e Omar ao longo do romance teve como consequência o próprio Nael, através da violência sofrida por Domingas, sendo a síntese do conflito entre os irmãos. Se essa premissa for levada ao âmbito sociológico da questão, como foi proposto tratar desde o início deste trabalho, a ideia é compreender qual seria a síntese existente entre as regiões modernas e atrasadas da sociedade brasileira na articulação interna do romance. Desta forma, Nael seria uma alegoria do próprio Brasil.

³⁸¹ ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.38, grifos do autor.

³⁸² ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992, p.41.

³⁸³ JAMESON, Frederic. **Marxismo e forma**. São Paulo: Hucitec, 1985, p.239.

Considerações finais

Brasil, século XX. Um glorioso país que havia enfim fechado um ciclo, entrando na era moderna e deixando para trás seu passado escravista, seus cultivos agrícolas, suas leis arcaicas, suas origens bárbaras e peladas. Uma república de homens livres e pronta para se industrializar. Muitas transformações, muito crescimento, muita modernização.

Os paralelepípedos, as fumaças das chaminés, os bondes e os poetas modernistas se sobrepunham às carroças, aos caipiras e às plantações. Logo a *belle époque*, nos mais variados cantos do Brasil, mostrava exemplarmente qual o tipo de país se queria construir. Pequenos microcosmos europeus, largas ruas com ouvidores atentos às novas idéias que chegavam pelos vapores e pelas ondas do rádio. Fausto dndlenava através do Atlântico para dizer: estais quase lá.

E para isso, precisa-se de ouro que, no caso brasileiro, é verde. Ele irá impulsionar o outro lado, aquele que precisa ser mostrado aos vizinhos, afinal, se não houver a modernização, o país ficará sempre como café-com-leite na brincadeira do mercado internacional. O Brasil precisa ser um todo forte e coerente. Que as diferenças desapareçam, que as regiões feneçam, que o progresso seja um bálsamo, um elixir. Nova bossa, novo cinema, novo título no futebol, nova capital, nova política, nova janela para o mundo com tela de vidro. Velhas pendências.

E vieram GV, JK, JQ, JG, 64. A modernização tão desejada, enfim se tornava realidade, ainda que em alguns pontos específicos do país, afinal, o desenvolvimento havia de sanar o que ainda insistia em se manter no atraso. Foram muitas as mudanças ocorridas, necessitando uma nova maneira de interpretar essa sociedade que se formava. Porém, as soluções e as interpretações não foram tão novas assim: decretou-se, incentivou-se e justificou-se o dualismo. O vilão do atraso preso aos pés do moderno.

A ironia das idéias apregoadas pode mascarar inúmeras questões não solucionadas pelo desenvolvimento do país ou pode também justificar atitudes, ideologias e políticas governamentais. Ironias à parte, o desenvolvimento da sociedade brasileira no século XX

trouxe consigo antigas mazelas, querelas não resolvidas e arroladas junto a um projeto nacional de ascensão ao moderno e à era industrial. A primeira grande guerra – e a ausência de produção de bens dos países envolvidos – impulsionou ou obrigou os países importadores a lidarem com essa situação nova e inesperada. A chamada política de substituição de importações deu ao Brasil um ainda incipiente, mas primeiro esboço de industrialização. Após esse período, do nacional-desenvolvimentismo, passando pelo plano de metas até o militarismo, o crescimento econômico parecia ser o único horizonte vislumbrado no Brasil.

Tais questões são avultadas pelo romance **Dois irmãos** de Milton Hatoum. Seu desenvolvimento, desde 1914 até meados da década de 1970, deixa entrever as diferenças e as mudanças por que passava a sociedade. Porém, esse afã chegava a Manaus como um sopro amornado, mostrando uma fratura, um desenvolvimento que teimava em não se completar, para usar as expressões de Paulo Arantes. A separação de Yaqub e Omar é mais uma das separações existentes nas sociedades capitalistas, incluindo o Brasil. Enxergar o país de São Paulo não é fácil. Porém, é mais difícil ver as agudas contradições que se mostram a partir de Manaus.

Milton Hatoum, ao tratar de uma família de libaneses na região norte, atualiza uma série de debates que haviam se perdido entre outras tantas discussões sociológicas e da crítica literária. Traz à tona a questão da diversidade regional, a memorialística de um país sem memória, a ditadura e os dualismos.

A literatura, enquanto forma de interpretação da realidade, estabelece uma organização interna, mas que se relaciona diretamente com os condicionantes externos através da verossimilhança com a realidade. O real visto no romance não é o mesmo da realidade, pois passou pelo crivo interpretativo e criativo do autor, não deixando de estabelecer com o real uma “independência dependente”. Desta forma, pode-se compreender tanto melhor o romance através de sua interação com a realidade, quanto a própria realidade, através da análise romanesca, estabelecendo uma reversibilidade interpretativa.

O romance **Dois irmãos** pode ser inserido em diversas linhagens, para usar uma terminologia de Luís Augusto Fischer. Por tratar da região norte do país, o romance traz novamente a questão do regionalismo e das particularidades regionais do Brasil. Retoma, pois, um debate dolorido e cheio de espinhos, já que o regionalismo nunca foi consenso entre a crítica: uns discordam do próprio termo, por acharem pejorativo; outros não aceitam esse tipo de literatura por ser uma forma menor, menos original, pitoresca e sem universalidade; outros ainda acreditam no seu valor como instrumento de descoberta da realidade nacional. O fato é que o regionalismo está intimamente ligado ao subdesenvolvimento brasileiro e à forma desigual pela qual a sociedade se estruturou. Partindo do princípio mínimo de verossimilhança existente na literatura, nada mais natural do que tratar dos aspectos particulares das regiões. Não é escusado dizer que muitos desses romances não tinham uma qualidade artística apurada, assim como muitos romances urbanos. A literatura regionalista carrega o fardo de ter um adjetivo que a qualifica sempre de forma negativa.

O objetivo deste trabalho não foi dizer se a obra de Milton Hatoum é regionalista ou não, visto que esse parece ser o menor dos problemas. Mais do que isso, é necessário investigar o porquê de tantos estereótipos e de tantas análises pré-concebidas acerca do regionalismo. Sim, o termo é equivocado, mas a análise sobre as regiões não. Ver em romances e contos aspectos “exóticos” e pitorescos é acreditar numa homogeneidade nacional que não existiu nem nunca existirá. Trata-se de uma ideologia amplamente difundida na sociedade, marcando o nosso descompasso com relação aos grandes centros urbanos e às sociedades mais desenvolvidas. É mais uma manifestação da dualidade, essa pedra no caminho das retinas tão fatigadas dos intelectuais brasileiros.

Assim, a discussão sobre as regiões do país revela mais uma linhagem na qual Milton Hatoum se insere e renova: o dualismo. Visto como mais do que uma análise conjuntural, trata-se de uma experiência intelectual da sociedade brasileira. Desde os estudos sobre localismo e cosmopolitismo, passando pela ordem e pela desordem, os pares conflituosos sempre estiveram presentes, ora com mais ora com menos dialética. No

caso específico do dualismo tratado neste trabalho, a separação interna entre regiões atrasadas e modernas é mais um exemplo dessa fratura. A saída proposta por diversos setores da intelectualidade do país encarou a situação brasileira, não como uma formação e um desenvolvimento *sui generis*, mas como uma deformação a ser superada, promovendo o desenvolvimento do subdesenvolvimento. A ideia de sanar as debilidades brasileiras através da eliminação das regiões arcaicas não é apenas equivocada, não foi superada pela década de 1970 e continua em vigor nos dias atuais. É como se houvesse a necessidade de tornar o país moderno a qualquer custo, nem que fosse moderno por subtração. O dualismo expressa, portanto, uma forma de compreensão da realidade brasileira que, afora os pares envolvidos, pode ser fecunda ou não, dependendo da análise feita. Para Paulo Arantes, a grande guinada da discussão no Brasil se deu através da ordem e da desordem, percebidas por Antonio Candido a partir da literatura como essenciais para a compreensão do funcionamento da sociedade brasileira do século XIX. Daí a importância de retomar a literatura como forma de interpretação da realidade e o dualismo como chave analítica da formação histórico-social brasileira, ambos elementos presentes nas entrelinhas do romance de Hatoum.

Outra linhagem na qual se insere o romance **Dois irmãos** é a das memórias – aqui sim, terminologia a qual se refere Fischer – cujos textos “fingem” ser memorialísticos e não são a exceção entre os romances mais populares e aclamados da literatura brasileira. Milton Hatoum faz parte dessa linhagem, assim como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Raduan Nassar, Carlos Heitor Cony, dentre outros. O narrador de **Dois irmãos** usa sua memória como fonte para sua escrita, recriando fatos, acontecimentos e personagens de sua própria vida. Essa memória que oscila entre lembranças, esquecimentos e passagem do tempo é crucial para compreender que Nael é o detentor de uma história que não é propriamente sua, já que ele pertence e não pertence à família, dada sua condição de bastardo e agregado. Mais do que protagonista, Nael é um narrador-testemunha que atravessa o trauma de sua condição

como um sobrevivente de maneira dupla: tanto como sendo o único ainda vivo para contar a história, como uma espécie de fortalecimento e libertação através da narrativa.

Um aspecto fundamental para a rememoração de Nael é a ditadura militar. Quando as tropas do exército chegaram a Manaus e mataram Antenor Laval, uma nova forma de conceber a realidade perpassou Nael, especialmente com relação aos irmãos. Seu conflito com Omar, o gêmeo vagabundo e prepotente que o humilhava, foi atenuado por um ato de coragem e bravura contra a repressão. Sua admiração por Yaqub, o gêmeo do progresso e do sucesso, deu lugar a uma desconfiança decepcionante. As ideologias de cada um dos irmãos, apesar de reforçarem suas posturas, suas atitudes e suas escolhas, ecoam diferente aos olhos de um jovem em formação. Além disso, a ditadura militar se refere a um rompimento histórico decisivo, tanto para os rumos do Brasil quanto para a concepção pessoal e política de Nael. Através dos gêmeos, caracterizados como anti-heróis e exemplos negativos para Nael, ele não dicotomiza os gêmeos, percebendo uma nuance presente em cada um deles diante de um momento relevante para a concepção da trama e do país.

Isso leva a uma outra linhagem explorada por Hatoum: os duplos. Bíblicos, históricos, literários, machadianos. Uma tradição antiga que perpassa o imaginário de muitas culturas. Explorar a questão do duplo na literatura brasileira cai como uma luva diante da própria maneira de interpretar a sociedade. Se no século XIX os gêmeos Pedro e Paulo foram os antípodas da troca de placas do império para a república, no século XX Yaqub e Nael são pares representativos de uma dualidade histórica e latente: a diversidade regional. Tal diferença entre as regiões pode ser percebida através dos gêmeos, de seu comportamento diferente, da localização de cada um no país e do tipo de relação existente entre eles. Nem as regiões nem os gêmeos podem ser tratados como pares antagônicos e duais, visto que as relações estabelecidas são imanentes, produzindo um conflito que é dialético.

Nael é um elo, é um anagrama de Anel. É ele quem organiza o romance, dá sentido e coerência interna a ele. Em termos estruturais, portanto, ele é a síntese do relato por ser

o narrador. Mas não só por isso: Nael narra a partir do que viu e viveu, e também do que lhe foi contado, principalmente por Halim. Se uma comparação com o narrador tradicional de que fala Benjamin for possível, Halim é esse narrador que, oralmente, troca experiências e dá conselhos. Porém, o único ouvinte de Halim era Nael. Se a narrativa tradicional se pautava na troca coletiva e na oralidade, ficando restrita ao âmbito local, a narrativa dos romances é individual, solitária e muda, mas que consegue transcender o local e atingir outros lugares. Sendo a narrativa de Nael também uma síntese entre o oral e a escrita, através desse romance ele transcende a casa, Manaus e a região. Vai além da região não por ser universalista e não-regionalista, mas porque ao tratar da cidade e dos seus conflitos internos, o contraponto com o Brasil é necessário, como já foi demonstrado.

Além disso, o narrador-Nael opera uma síntese que é social, dada sua condição de filho bastardo, agregado e mestiço. Ser considerado apenas filho da empregada índia, ser renegado da condição de filho da casa, viver de pequenos favores, morar num quarto dos fundos, suportar humilhações e ver a mãe ser, por vezes, maltratada – tudo isso faz com que Nael tenha um olhar e uma posição fronteira. Entre pertencer e não pertencer à família, ele é, no fundo, um narrador ambíguo, cujas oscilações se dão tanto no aspecto social do qual ele faz parte, como também no aspecto narrativo. Há, em Nael, uma espécie de invisibilidade, pois se trata de um romance em primeira pessoa e que não fala de si próprio. Diferentemente de outros romances memorialistas em primeira pessoa – como em **Grandes esperanças**, de Charles Dickens, **Dom Casmurro**, de Machado de Assis ou **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, cujos narradores começam o romance se apresentando, dizendo seus nomes e os motivos de suas narrativas – Nael não se apresenta, praticamente não fala de si e não pronuncia seu nome até quase ao final do romance. Uma ambigüidade social que é, pois, formalizada pelo romance através dessa narrativa nuanceada.

Nael também pode ser compreendido como uma síntese do conflito entre os irmãos. Se as brigas de Yaqub e Omar na infância e na adolescência pareciam ter uma importância secundária, com o passar do tempo, ganharam proporções muito maiores.

Domingas foi vítima dessa disputa, sendo atravessada pelo conflito dos irmãos através da violência cometida por Omar. Apesar de ter tido um pequeno caso com Yaqub, ela é estuprada por Omar, daí a dúvida sobre qual dos dois ser o pai de Nael. É como se Nael fosse o “hijo de la chingada”, aquela que foi violentada física e metaforicamente pelo branco: “a Chingada é a mãe aberta, violada ou seduzida pela força. O ‘filho da Chingada’ é o fruto da violação, do rapto e da burla.”³⁸⁴

Por mais que a busca de Nael sobre suas origens – que é no fundo sobre sua identidade – seja pautada em sua paternidade, Nael não remete esse segredo ao leitor. Talvez para representar que isso seja indiferente, visto que nenhum dos dois foi pai realmente; talvez como estratégia narrativa para que o leitor faça o mesmo percurso de descobertas que ele fez; talvez por ter se libertado dessas questões através da escrita, através do meio com que encontrou para enfrentar seus fantasmas e suas mágoas. Nael não é apenas narrador do romance, é também escritor. Não segue nem o cálculo e o progresso de Yaqub, nem o descaso e a paixão de Omar. Por ser a síntese do conflito entre eles, Nael se faz a partir da negação de cada um e segue seu próprio caminho: torna-se professor, escritor, enfim, um intelectual.

Sendo a síntese a partir dos irmãos, Nael pode ser entendido como o resultado de outros conflitos implícitos: seja entre índios e brancos, imigrantes e brasileiros, locais e estrangeiros, patrões e empregados, classes trabalhadoras e classes dominantes. Sua memória e seu testemunho diante de sua própria história fazem de Nael um sobrevivente, por ainda estar vivo, mas também por ter sobrevivido ao trauma de ter sido marginalizado, rejeitado e humilhado. Um trauma que não é apenas dele, mas de todo um processo civilizatório que alijou imensa parte da população brasileira em prol do desenvolvimento e do crescimento econômico, ancorados em uma ideologia que era de uma classe emergente, mas que foi levada para âmbito nacional.

³⁸⁴ PAZ, Octávio. **Labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006, p.75. Vale salientar que a referência do autor se relaciona à cultura mexicana, mas cujos pressupostos podem ser aplicados neste caso. Para ele, a Chingada é passiva e representa a própria colonização.

Assim, pode-se considerar que durante seu processo de formação, a única coisa que de fato pertence a Nael é sua memória, que nenhuma situação social ou familiar pode lhe tirar. A escrita se transforma em sua alforria, sua libertação daquele mundo. Um rito de passagem que atravessa o tempo e a história de Manaus. Yaqub finca os olhos no futuro; Omar visa a eternização do presente; Nael mira o passado como uma necessidade de transformação de sua própria vida.

A relação existente entre Nael e os gêmeos poder ser compreendida como uma alegoria. Ou seja, trata-se de uma representação, de uma simbiose entre os conceitos e as imagens, no caso, entre os gêmeos manauaras e as regiões brasileiras. Não só o comportamento diverso dos irmãos e das regiões, mas principalmente a ida de Yaqub a São Paulo e a permanência de Omar em Manaus revelam similaridade. Essa separação pode representar o desenvolvimento da sociedade brasileira no século XX, se processando em ritmos e intensidades diferentes em cada região. Tal fato também pode ser entendido a partir do tipo de relação interna entre eles. No caso das regiões, é usual denominar a separação entre modernas e atrasadas, impondo uma estruturação dualista, como se ambas fossem antagônicas e justapostas. Porém, uma análise que se pretenda mais ampla demonstra que essa relação é fruto de um longo processo de desenvolvimento histórico que se combina em termos internacionais, fazendo parte do cálculo capitalista, como disse Florestan Fernandes. Da mesma forma, os gêmeos, num primeiro momento, podem parecer antípodas maniqueístas – o Fausto tupiniquim e o Macunaíma manauara – mas que se constituem em uma relação simbiótica e interdependente. Assim como Yaqub e Omar não são apenas pares antitéticos de razão e emoção – guardando entre si complexidades que só podem ser compreendidas através da trajetória familiar e das escolhas de cada um deles –, as regiões brasileiras também não devem ser compreendidas apenas como atrasadas e modernas – visto que as regiões modernas carregam no seu bojo traços de uma economia arcaica e paternalista e as regiões ditas atrasadas também apresentam elementos modernizadores, sendo a *belle époque* amazônica um exemplo disso.

Assim, a hipótese aqui desenvolvida foi a de que um aspecto estruturante do romance **Dois irmãos** revela que tanto as regiões quanto os irmãos mantêm entre si uma relação que é dialética. Ela se configura diante do embate entre elementos em conflito direto e intrínseco, ou seja, mantêm relações mútuas, de modo que a alteração de uma pressupõe mudanças correspondentes na outra. Se a síntese entre os gêmeos é Nael, por aproximação, a síntese entre as regiões brasileiras é o resultado do conflito entre elas ao longo do século: um país que ainda guarda traços de uma nação subdesenvolvida, com altos índices de desigualdade, mas que aponta no cenário internacional como uma nação emergente. Um conflito histórico que se coloca como sendo ainda latente. Considerando o aspecto sintético do narrador-Anel e suas particularidades sociais, estruturais e familiares que avultam no romance, pode-se considerar que Nael seria, na verdade, uma alegoria do próprio Brasil, uma alegoria do desenvolvimento da sociedade brasileira no século XX.

A dualidade enquanto experiência intelectual se renova através da obra de Milton Hatoum, trazendo consigo temas caros à sociedade, à intelectualidade e à literatura no Brasil. O relato memorialístico; os traumas e a ditadura militar; o regionalismo como “vilão da história”; a diversidade regional em conflito com uma homogeneidade desejada; enfim, a dialética entre moderno e atrasado como elemento chave para a compressão do Brasil e do romance. Além disso, “a dialética rarefeita entre o não ser e ser outro” de que fala Paulo Emílio Sales Gomes, pode ser entendida através do narrador-Anel que, como elemento síntese, tanto em termos formais como sociais, mostra toda a ambigüidade de uma nação.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodore W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2008.

ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n. 28, jul/dez 2006.

ALMEIDA, Manuel Antônio. **Memórias de um sargento de milícias**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

ANTUNES, Ricardo; RÊGO, Walquíria Leão (orgs.). **Lukács: um Galileu no século XX**. São Paulo: Boitempo, 1996.

ARANTES, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n. 28, jul/dez 2006.

ARAÚJO, Humberto H. de; OLIVEIRA, Irenísia T. de (orgs.). **Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira**. São Paulo: Nankim, 2010.

ARAÚJO, Humberto H. de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira – do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**. Curitiba, n.74, jan/abr 2008.

ASSIS, Machado de. Instinto de Nacionalidade. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955, v. 29. (Coleção **Obras completas de Machado de Assis**.)

_____. **Esau e Jacó**. São Paulo: Edigraf, 1963.

AUERBACH, Eric. **Mimeses: a representação da realidade na literatura universal**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Ensaio de literatura ocidental:** filologia e crítica. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2010, v.1. (Obras escolhidas)

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro** - o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Ipea, 1988.

BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar:** relatos da fronteira em Milton Hatoum. 1997. 291 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

BOSI, Alfredo. **O pré-modernismo.** São Paulo: Cultrix, 1967.

_____. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Do ISEB e da CEPAL à teoria da dependência. In: TOLEDO, C. N. de (org.). **Intelectuais e política no Brasil:** a experiência do ISEB. Rio de Janeiro: Renavan, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira.** São Paulo: Unesp, 1992.

_____. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. **O discurso e a cidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1998.

_____. **Textos de intervenção.** (Introdução, apresentação e notas de Vinícius Dantas). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b.

_____. **Formação da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento:** Brasil, JK-JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CECCARELLO, Vera Helena Picolo. A cidade ilhada (resenha). **Estudos de sociologia.** Araraquara: UNESP/FCL, v.14, n.27, 2º semestre de 2009.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30:** José Lins do Rego, Regionalismo e Tradicionalismo. 2007. 213 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CHIARELLI, Stefania. **Vidas em trânsito:** as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. São Paulo: Annablume, 2007.

COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v.2.

_____. **Intervenções.** São Paulo: Edusp, 2002.

COSTA, Mariana Rocha S. **O pacto fraterno e a aliança nacional:** análise dos romances ‘Esaú e Jacó’ (Machado de Assis) e ‘Dois irmãos’ (Milton Hatoum). 2010. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (org.). **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances “Relato de um certo Oriente”, “Dois irmãos” e “Cinzas do Norte”, de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto - Manaus 1890-1920**. Manaus: Valer, 2007.

DEMIER, Felipe. A lei do desenvolvimento desigual e combinado e León Trotsky e a intelectualidade brasileira. **Revista Outubro**. São Paulo: Alameda, n. 16, 2007.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1960.

_____. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

FERNANDES, Ronaldo Costa. **O narrador do romance**: e outras considerações sobre o romance. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

FIDELIS, Ana Cláudia. **Entre Orientes** – viagens e memórias. A narrativa “Relato de um certo Oriente”, de Milton Hatoum. 1998. 147f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FISCHER, Luís Augusto. **Para fazer diferença**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999.

_____. **Um narrador, dois irmãos e o retrato do povo brasileiro**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2310200015.htm>. Acesso em: 10/02/2011. (Publicado em 23/10/2000).

_____. Uma reflexão sobre a formação regional. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (orgs.). **Cultura regional: língua, história e literatura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

_____. **Literatura brasileira: modos de usar**. Porto Alegre: LP&M, 2008.

FOSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.

FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64: “A festa”**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

FREIRE, José Afonso Torres. **Entre construções e ruínas – Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Literatura brasileira). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FURTADO, Celso. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FREDERICO, Celso. **Lukács: um clássico do século XX**. São Paulo: Moderna, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 5, 2000.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Atual, 1986

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

_____. Laços de parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, F.; PONTES, H.; SCHWARZ, L. (orgs.). **Antropologias, histórias, experiências**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004b.

_____. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

_____. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

_____. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Um leitor exigente para leitores exigentes. **Caros Amigos**, São Paulo, ano XIII, n.156, p.12-16, março de 2010. Entrevista concedida a Hamilton Octávio de Souza, Lúcia Rodrigues, Renato Pompeu e Tatiana Marcelino.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária, 1902-1947. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, v.1.

_____. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária, 1947-1958. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, v.2.

IANNI, Octávio (org.). **Florestan Fernandes**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1991.

JAMESON, Frederic. **Marxismo e forma**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. Sobre a substituição de importações literárias e culturais no terceiro mundo: o caso da obra testemunhal. In: GAZZOLA, A. L. A. (org.). **Espaço e imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios de Frederic Jameson. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

KOLEFF, Miguel A. La trama de Nael: sobre la estratégia del narrador en ‘Dois irmãos’ de Milton Hatoum. **Todas as letras G**. São Paulo, ano 7, n.7, 2005. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/viewFile/834/518>. Acesso em: 21/01/2011.

KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos cinquenta. In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

KOTHE, Flávio R. **A alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, M. C. de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

LAMBERT, Jacques. **Os dois brasis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

LEITE, Lígia Chiappini M. **O foco narrativo** – ou a polêmica em torno da ilusão. São Paulo: Ática, 1985.

_____. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, v.2.

_____. Do beco ao belo – dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.8, n. 15, 1995.

LÖWY, Michel. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Outubro**. São Paulo: Alameda, 1998, n. 1.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.

_____. **Arte e sociedade** – escritos estéticos de 1932-1967. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **A teoria do romance**. Lisboa: Presença, s.d.

MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. São Paulo/Petrópolis: Polis/Vozes, 1985.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Literatura e regionalismo. In: SEGATTO, J. A.; BALDAN, U. (orgs.). **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

MORAES, Reginaldo. **Celso Furtado: o subdesenvolvimento e as idéias da CEPAL**. São Paulo: Ática, 1995.

NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. **Crônicas de duas cidades: Belém e Manaus**. Belém: Secult, 2006.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista. O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003a.

_____. **A navegação venturosa – ensaios sobre Celso Furtado**. São Paulo: Boitempo, 2003b.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006

PELLEGRINI, Tânia. **Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70**. São Carlos: EDUFSCAR; Mercado das Letras, 1996.

_____. **Despropósitos**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

_____. Realismo: a persistência de um mundo hostil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo: Abralic, n.14, 2009.

PEREIRA, Marcelo de A. Barroco, símbolo e alegoria em Walter Benjamin. **Revista Anacleto**. Guarapuava, v.8, n.2, jul/dez 2007. Disponível em:

<http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v8n2/47-54.pdf>. Acesso em: 04/04/2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Esboço dos fundamentos da teoria econômica**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **História e desenvolvimento.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Brasilidade revolucionária:** um século de cultura e política. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

RODRÍGUEZ, Octavio. O pensamento da CEPAL: síntese e crítica. In: PEDRÃO, F. (org.) **O pensamento da CEPAL.** Salvador: Ianamá, 1988.

SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie:** os dilemas do capitalismo dependente. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da malandragem'. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Cultura e política, 1964-69. **O Pai de família e outros estudos.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

_____. **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000a.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo:** Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000b.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **História, memória, literatura** – o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **Palavra e imagem:** memória e escritura. Chapecó: Argos, 2006.

SENA, Custódia Selma. **Os dois Brasis:** um estudo do dualismo nas interpretações do Brasil. 2000. 183 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A verdade sobre o ISEB**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

_____. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Difel, 1982.

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: fábrica de ideologias**. São Paulo: Ática, 1978.

TONUS, José Leonardo. O efeito-exótico em Milton Hatoum. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: UnB, n. 26, jul/dez 2005.

TROTSKY, León. **História da revolução russa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

VIANNA, Luís Werneck. Vantagens do moderno, vantagens do atraso. **Presença - Revista de cultura e política**, n.12, 1988.

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.